

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CARTOGRAFIA DO ACOLHIMENTO:
escrevivências do estudante negro na UFRGS**

RITA DE CÁSSIA DOS SANTOS CAMISOLÃO

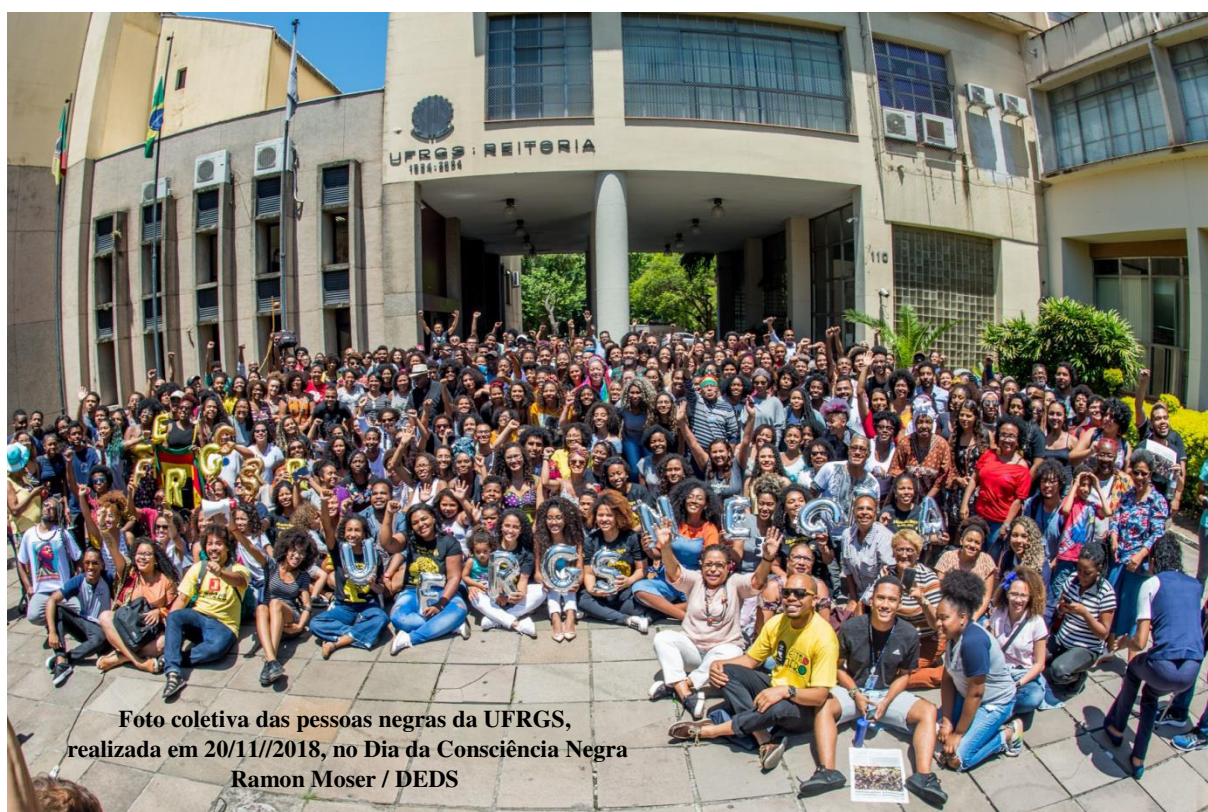


Foto coletiva das pessoas negras da UFRGS,
realizada em 20/11/2018, no Dia da Consciência Negra
Ramon Moser / DEDS

Porto Alegre
2020

Rita de Cássia dos Santos Camisolão

**CARTOGRAFIA DO ACOLHIMENTO:
ESCREVIVÊNCIAS DO ESTUDANTE NEGRO NA UFRGS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Magali Mendes Menezes.
Linha de Pesquisa: Educação, Culturas e Humanidades.

Porto Alegre

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Camisolão, Rita de Cássia dos Santos
CARTOGRAFIA DO ACOLHIMENTO: escrevivências do
estudante negro na UFRGS / Rita de Cássia dos Santos
Camisolão. -- 2020.
96 f.
Orientadora: Magali Mendes Menezes.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Ações Afirmativas. 2. Acolhimento. 3. Estudantes
negros. 4. UFRGS. I. Menezes, Magali Mendes, orient.
II. Título.

Rita de Cássia dos Santos Camisolão

**CARTOGRAFIA DO ACOLHIMENTO:
ESCREVIVÊNCIAS DO ESTUDANTE NEGRO NA UFRGS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Magali Mendes Menezes – Orientadora

Profa. Dra. Georgina Helena Lima Nunes – UFPel

Profa. Dra. Carla Beatriz Meinerz – UFRGS

Profa. Dra. Maria Conceição Lopes Fontoura – UFRGS

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que no corpo ou fora dele colaboraram, de alguma maneira, para que eu chegasse até aqui.

Aos que me antecederam, aos que caminham ao meu lado, aos que virão para continuar nossa luta por igualdade.

Especialmente meus agradecimentos à professora Magali Mendes Menezes, pela acolhida como orientadora, pela paciência, orientação e convivência fraterna e amorosa.

À banca generosa das companheiras de luta Carla Beatriz Meinerz, Georgina Helena Lima Nunes e Maria Conceição Lopes Fontoura, por terem aceito meu convite.

À minha família, fotografia viva em minha mente em toda a jornada.

Aos estudantes negros da universidade, por serem minha inspiração e fonte de ensinamento.

Aos colegas e amigos do DEDES, pelo compromisso coletivo com a luta por igualdade racial.

Aos colegas de linha de pesquisa, por tudo que aprendemos uns com os outros.

RESUMO

Essa pesquisa investiga ações de acolhimento ao estudante negro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e analisa a concepção do termo no contexto em que elas surgem, examinando de que forma essas são compreendidas pelos estudantes negros e como se articulam com a concretude de sua escrevivência no ambiente acadêmico. Insere-se na temática das Ações Afirmativas no Ensino Superior, tendo como pressuposto que o acolhimento, num sentido múltiplo e profundo, é uma questão central na permanência e diplomação do estudante universitário. Assim sendo, explora ações desenvolvidas em espaços institucionais e não institucionais, no esforço por perceber como se distinguem as formas de organização de ambos frente ao acolhimento. Utiliza-se do método cartográfico e da escrevivência, sendo essa última explorada também do ponto de vista conceitual, de autoria da escritora Conceição Evaristo. Apresenta ainda uma análise documental e depoimentos de graduandos negros dessa universidade. A pesquisa indica que as ações de acolhimento institucionais na UFRGS, ainda que impactem positivamente a trajetória dos estudantes negros, não são suficientes para suprir todas as demandas específicas que eles vêm apontando, tampouco atingem a totalidade dos ingressantes. Ademais, cartografa as ações desenvolvidas pelos próprios discentes negros, que acolhem aos seus pares e que se desdobram em escrevivência do negro na universidade.

Palavras-chave: Ações afirmativas. Negros. Acolhimento. Escrevivência.

ABSTRACT

This research investigates reception actions to the black student of the *Universidade Federal do Rio Grande do Sul* and analyzes the conception of the term in the context in which they arise, examining how they have been understood by the black students and how they articulate with the concreteness of their *Escrevivência* in the academic environment. It is part of the theme of Affirmative Actions in Higher Education, assuming that the reception, in a multiple and deep sense, is a central issue in the permanence and graduation of the university student. Therefore, it explores actions developed in institutional and non-institutional spaces, in an effort for understand how both the forms of organization are distinguished from the reception. It uses the cartographic method and the *Escrevivência*, the latter being explored also from the conceptual point of view, authored by the writer Conceição Evaristo. It also presents a documentary analysis and testimonials of black undergraduates of this University. The research indicates that the institutional reception actions at *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, although positively impacting the trajectory of black students, are not enough to supply all specific demands that they have been pointing out, nor do they meet all the newcomers. In addition, it maps the actions developed by the black students themselves, who welcome their peers and who unfold themselves in *Escrevivência* of black people at the University.

Keywords: Affirmative actions. Blacks. Reception. *Escrevivência*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Perspectiva do acolhimento	21
Quadro 1- Pesquisas que anunciam o acolhimento	26
Quadro 2 - Ingressantes na UFRGS nos períodos entre 2008/1 e 2015/1	37
Quadro 3 - Ocorrência dos termos acolhimento/permanência [...]	40
Quadro 4 - Síntese dos temas gerais da Semana	69
Quadro 5- Síntese de capacitações do Programa Por Dentro da UFRGS	71
Quadro 6 - Síntese da relação entre concepções de acolhimento e a [...]	86

LISTA DE ABREVIATURAS

AA – Ações Afirmativas

CAF – Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas

CAPEIN – Comissão de Acesso e Permanência do Estudante Indígena

CEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

COMGRAD – Comissão de Graduação

CONSUN – Conselho Universitário

CPD – Centro de Processamento de Dados

COPERSE – Comissão Permanente de Seleção

CV – Concurso Vestibular

DEDS – Departamento de Educação e Desenvolvimento Social

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ERER – Educação para as Relações Étnico-Raciais

GTAA – Grupo de Trabalho de Ações Afirmativas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES – Instituições de Ensino Superior

MN – Movimento Negro

NEAB – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígenas e Africanos

PDU – Programa Por Dentro da UFRGS

PEC-G – Programa de Estudantes-Convênio de Graduação

PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

PPGEdu – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPI – Pretos, pardos ou indígenas

PPP – Plano Político Pedagógico

PRAE – Pró-Reitoria de Assistência Estudantil

PROCAD – Pró-Reitoria de Coordenação Acadêmica

PROGRAD – Pró-Reitoria de Graduação

RAPS – Rede de Atenção Psicossocial

PROEXT – Pró-Reitoria de Extensão

TA – Técnico Administrativo

TAE – Técnico em Assuntos Educacionais

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UNB – Universidade de Brasília

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ACOLHIMENTO: A RADICALIDADE DE UMA POLÍTICA DE ESCUTA ..	14
2 CARTOGRAFIA E ESCRIVIVÊNCIA: NAS PEGADAS DO ACOLHIMENTO	22
2.1 Cartografar-se...	24
2.2 Cartografia como um caminhar: primeiras pistas	25
2.3 Escrever e escrever-se	28
3 DO ACOLHIMENTO NO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS	32
3.1 E por falar em Ações Afirmativas!	32
3.2 Relatórios 2012-2016 – em busca do sentido de acolher	39
3.3 Relatórios 2017 e 2018 – a escuta como elemento central no acolhimento	45
4 BIXOS NEGRXS NO ATO DE ESCRIVIVER	51
4.1 Corpo-cor	55
4.2 Corpo-voz	56
4.3 Corpo-Vez	58
5 A EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO E ESCRIVIVÊNCIA	65
Conversações Afirmativas	67
Semana da África na UFRGS	68
Por Dentro da UFRGS	70
Edital de Iniciação Científica do NEAB	71
Escrevendo no encontro consigo e com o outro	73
Encontro do lugar e da identidade	77
Encontro consigo e com o curso	78
Que ginga é essa?	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	1

INTRODUÇÃO

A manchete “Pela primeira vez, negros são maioria nas universidades públicas”, informação trazida pelos dados da pesquisa *‘Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil’*, feita pelo IBGE, estampada em vários jornais do país no último dia 13 de novembro de 2019, provoca, particularmente àqueles que estão inseridos nas IES, a olhar para esses espaços com olhos que vejam a presença física e simbólica desse sujeito negro.

A um golpe de vista pode parecer que essa informação seja indicativo de que a política de cotas tenha atingido plenamente seu objetivo, respondendo a demanda histórica do Movimento Negro por Educação. Nesse caso, reduzindo-se a demanda do movimento apenas ao acesso ao ensino superior, já não haveria necessidade de manutenção da mesma. Cabe destacar que, uma vez que o fundamento da política é a redução de desigualdades raciais e sociais, o acesso à graduação, limitado ao ingresso, é ainda insuficiente para dar conta da transformação que a política de ações afirmativas (AA) traz como proposta. É necessário, ainda, para que se possa fazer uma avaliação mais precisa da política, observar o processo de permanência dos estudantes, os percursos dos mesmos pós diplomação, de modo a ter elementos mais concretos para verificar o seu impacto.

Além de considerar as questões referentes ao processo de graduação, é também necessário avançar na concretude da política de AA nos programas de Pós-Graduação e no mercado de trabalho.

No que se refere à formação inicial, os relatórios elaborados pela Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas da UFRGS, que trouxe neste trabalho como elemento de análise, tem sido um dos instrumentos que permitem olhar essa presença negra na universidade, ao mesmo tempo servindo de recurso de autoconhecimento da instituição, apontando para reconfigurações que podem qualificar a permanência dos estudantes de modo que os dados expressos no momento possam ser melhores a cada etapa avaliativa.

Através dos relatórios, percebemos que em dez anos contamos com 734 estudantes negros diplomados pela UFRGS. Na perspectiva de melhorar esses números e contribuir para que os graduandos negros finalizem seus cursos no tempo médio dos estudantes das demais categorias de ingresso, várias iniciativas de apoio à permanência têm sido realizadas na universidade. Algumas delas partem de departamentos/setores da instituição, outras dos próprios negros, sejam eles estudantes ou servidores docentes e técnico-administrativos. Observa-se um movimento dos técnicos-administrativos no sentido de assumir as AA como

tema de pesquisa, diretamente vinculada ao seu fazer na universidade, de modo a se qualificar para o desempenho das atividades funcionais e ser mais propositivo em remanejamentos nos processos de trabalho, seja no ensino, na extensão, na assistência estudantil ou na pesquisa.

Essa pesquisa parte da premissa de que o acolhimento é fundamental na permanência de qualquer estudante na universidade e de que a presença negra pede ações diferenciadas de acolhimento que lhe permitam traçar uma escrevivência negra na universidade. Portanto, dois conceitos básicos sustentam essa pesquisa: acolhimento e escrevivência.

Diferentes concepções de acolhimento são utilizadas como referência de análise, amparadas nos estudos de Derrida (2003), Somé (2003), Romanini, Guareschi e Roso (2017) e Teixeira (2003).

Escrevivência, conceito cunhado por Evaristo (1995), que articula três termos, escrever, ver e viver, é um elemento permanente no percurso investigativo. A escrevivência marcada na produção literária de Evaristo por sua identidade racial, social e de gênero, adota outros contornos na universidade. A produção de conhecimento a partir da presença negra, assumindo voz e temáticas negras, desde a perspectiva de sujeito, abre caminho para que a universidade se modifique ao absorver os conhecimentos, trajetórias de vida, visões de mundo, vivências e referenciais teóricos até então bastante distantes desse espaço.

Assim, o objetivo geral dessa pesquisa é mapear e comparar ações de acolhimento na universidade, buscando entender de que forma são compreendidas pelos estudantes negros e de que modo se articulam com a concretude de sua escrevivência nesse ambiente.

Como opção metodológica utilizei a cartografia, amparada nas pistas apontadas por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2015) e a própria escrevivência, descrita por Evaristo. As duas opções incluem o acompanhamento de um processo, sem neutralidade, inserindo-se nele enquanto sujeito que deixa suas marcas. O ponto de conexão entre escrevivência e cartografia se torna perceptível no processo investigativo de acordo com momento de inserção da pesquisadora na proposição do acolhimento. A escrevivência se dá também como principal resultado de ações de acolhimento, na perspectiva da representatividade (FARIAS, 2018), e do empoderamento (BERTH, 2018) em ações desencadeadas pelos próprios estudantes negros.

Organizo a escrita em cinco capítulos, começando por uma abordagem conceitual de acolhimento, visitando os autores referidos anteriormente (Derrida, Somé, Romanini e Teixeira) para sintetizar os elementos centrais implicados no fundamento da concepção de acolhimento presente em cada um.

Num segundo momento abordo cartografia e escrevivência enquanto conceito e método que se inter cruzam no processo da pesquisa, processo comparado a um jogo de ligar os pontos no universo de iniciativas de acolhimento a estudantes negros pulsantes na universidade. Contemplar diferentes atores, ações e dimensões do acolhimento se coloca como uma regra básica. Por isso a escolha por analisar iniciativas institucionais e não institucionais, no esforço por perceber como se distinguem as formas de organização desses dois espaços frente ao acolhimento.

Anuncio os três espaços onde o traçado da cartografia e da escrevivência irá pousar: relatórios da CAF, projeto Bixos Negrxs e DEDES/NEAB UFRGS.

Na sequência, inicio a análise dos relatórios públicos disponibilizados pela CAF no intervalo entre os anos 2012 e 2018. Cabe salientar que as atividades descritas não são executadas exclusivamente pela Coordenadoria, são resultado de trabalho das Pró-Reitorias Acadêmicas. Expressam uma compreensão de acolhimento do centro da administração e são focadas nos estudantes em geral.

O capítulo quatro se volta para uma iniciativa dos próprios estudantes negros, mais propriamente do projeto Bixos Negrxs, coletivo que há três anos recepciona seus pares, inovando nas formas de acolhimento ano a ano, traçando, com base na representatividade, a escrevivência do negro na UFRGS.

O capítulo quinto assenta-se na extensão universitária, particularmente em ações desenvolvidas pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDES) e pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEAB/UFRGS). As atividades em destaque configuram-se como uma comunidade de confiança dos estudantes, ao mesmo tempo em que lhes estimula a viver a universidade de uma forma mais plena, inserindo-se na pesquisa, construindo metodologias e conhecimentos novos para este espaço.

Além da análise documental, a observação das atividades promovidas por Bixos Negrxs, tanto quanto as do DEDES e NEAB partem de depoimentos de estudantes negros. As falas presentes nesse trabalho foram extraídas das redes sociais de onde Bixos Negrxs compartilham sua programação, de uma conversa de esclarecimento com os coordenadores do projeto, das manifestações durante as ações do DEDES ou em espaços de reflexão e sistematização da extensão realizada. Esses escrevíveis foram referidos por seus nomes próprios, pluralizados, na tentativa de abarcar e representar todos os negros que desde sempre ansiaram por acolhimento na universidade. Acresci a alguns desses depoimentos o meu, igualmente acrescido de um S, por vezes remetendo a memória de minha graduação nessa mesma universidade, por outra fazendo considerações envolvendo o narrado pelo graduando.

Finalizo sinalizando o quanto ainda há por investigar, avaliar, alterar da configuração institucional para que a política de ações afirmativas alcance de maneira mais plena os seus propósitos.

1 ACOLHIMENTO: A RADICALIDADE DE UMA POLÍTICA DE ESCUTA

Para ter a audácia de dizer boas-vindas, insinua-se talvez, que se está na própria casa, que se sabe o que isto quer dizer, estar em casa, e que em casa se recebe, convida ou oferece hospitalidade, apropriando-se assim de um lugar para acolher o outro, ou pior ainda, acolhendo aí o outro para apropriar-se de um lugar e falar então a linguagem da hospitalidade.

Derrida

O espaço precisa da existência do outro que porta o “seu lugar” dentro de si, para fazer acontecer o lugar de hospitalidade através do encontro com o outro.

Paese

A questão central desta pesquisa é analisar a ocorrência e os significados do acolhimento a estudantes negros na UFRGS após a aprovação da Política de Ações Afirmativas. Esta escolha baseia-se na percepção de que o acolhimento no espaço acadêmico se constitui em movimentos de inclusão que estimulam a boa permanência e a finalização dos cursos pelos estudantes cotistas. Desse modo, compreendo como espaço acadêmico o ambiente onde as relações pedagógicas, afetivas, administrativas, políticas, entre outras, se desenvolvem. Portanto, incluem todos os sujeitos que estão em interação no ambiente da universidade: docentes, discentes, técnicos e gestores. A inclusão, neste sentido, vai muito além da ampliação do acesso, sendo o ingresso apenas a primeira etapa de complexo processo que exige da universidade o autoconhecimento, a escuta dos novos sujeitos, a abertura à crítica e a disposição de se redimensionar e reorganizar a partir do acolhimento. Esta compreensão de inclusão é ratificada no Relatório 2017 da CAF da seguinte maneira:

[...] mais do que fazer um balanço sobre uma década, a Coordenadoria investe em dimensionar e projetar outras formas de acompanhamento capazes de potencializar o percurso acadêmico de alunos cotistas, visando à constituição de um ambiente plural e alcançando as diplomações que almejamos enquanto Instituição de Ensino Superior (IES). (UFRGS, 2018a, p. 7).

Embora parte das ações de acolhimento estejam no âmbito da assistência estudantil, a centralidade do percurso investigativo focará dimensões distantes do apoio financeiro, logístico e do acolhimento em saúde mental e nutricional oferecidos aos estudantes da UFRGS, ainda que algumas categorias de ingresso sejam priorizadas numa ou noutra modalidade de benefícios disponíveis. Desse modo, no âmbito deste trabalho, não farei qualquer análise relacionada à política de assistência estudantil disponibilizada na universidade, tais como acesso ao restaurante universitário, auxílio para moradia,

alimentação, creche, transporte, aquisição de material escolar, acesso a bolsas, apoio a participação em eventos, embora considerando estes recursos de vital importância para o estudante universitário.

Nesta intenção busco em alguns autores o suporte para compreender conceitos de acolhimento que estejam mais próximos da perspectiva deste trabalho, na tentativa de responder duas questões basilares do mesmo: 1. De onde partem as ações de acolhimento específicas aos estudantes negros na UFRGS e qual a compreensão de acolhimento que embasa estas ações? 2. Como essas são compreendidas sob o ponto de vista dos estudantes negros?

Derrida (2003), ao falar da hospitalidade, cujo sentido contempla a ideia de acolhimento assumida plenamente nesse trabalho, introduz seu pensamento destacando a urgência de se refletir sobre tal conceito. Para tanto, problematiza as questões em torno do Estrangeiro, termo com origem no latim *extrañeus* cujo significado é “estranho”, “de fora”.

De acordo com Derrida e Dufourmantelle (2003, p. 15, grifo nosso),

[...] o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc. **Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição não é a sua**, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência. A questão da hospitalidade começa aqui: devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-los entre nós?

Na esteira desta reflexão, Derrida levanta uma série de interrogações sobre esta estrangeiridade, provocando-nos a pensar sobre o lugar de partida da questão do sujeito estrangeiro, a quem ela é destinada, quais os implicados nas questões deste sujeito e que desafios sua presença coloca ao chegar em determinado espaço. Partindo do pressuposto de que o estudante cotista (negro, indígena, pessoa com deficiência, pobre) vive esta condição de estrangeiro, já ao chegar ele passa a tensionar a instituição na construção de respostas para que possa expressar-se em sua própria língua, representada na fala, nos costumes, no próprio corpo. Enfim, interroga ao hospedeiro de que forma ele se preparou para recebê-lo, que hospitalidade será oferecida a ele.

A relação estrangeiro/hospedeiro coloca em cena a questão da hospitalidade. Derrida distingue a hospitalidade absoluta da hospitalidade condicional. A primeira é oferecida ao que chega incondicionalmente, sem interrogatórios, sem condições, assumindo os riscos dessa oferta, sem exigir reciprocidade, sem mesmo lhe perguntar o nome. A segunda

é oferecida mediante um contrato, no qual o estrangeiro cumpre um pacto de hospitalidade, neste caso tendo direitos e deveres a cumprir. O ingresso de estudantes cotistas mediante a política de AA,¹ os critérios de permanência e acesso a benefícios da assistência estudantil são parte deste contrato de hospitalidade condicional. Apesar dessas condições preestabelecidas por aquele que recebe, no caso em questão a universidade, a convivência com o hóspede, com o estrangeiro, o estudante que modifica o perfil de aluno vigente até então, desestabiliza a estrutura institucional e o *hospedeiro*. Nas palavras de Paese (2016, p. 96), “sua diferença traz fascínio, repulsa, sedução, medo, brincadeiras inocentes e nem tanto. O estrangeiro mexe, desestabiliza para o bem e para o mal.” É essa complexidade que provoca transformações em ambos, hospedeiro/hóspede, e no espaço onde o encontro acontece.

Ao referir-se ao conceito de hospitalidade, na perspectiva derridiana, e também apoiada nos fundamentos de Lévinas em relação ao acolhimento, Paese (2016, p. 96) afirma:

[...] o movimento de acolhimento é um ato ético em relação ao outro, o errante, o estrangeiro, o sujeito fora da casa em todos os sentidos, portador de singularidades e diferenças que fazem desterritorializar os sujeitos de dentro [...] estrangeiro é aquele que porta diferenças e por isto desterritorializa o contexto que o envolve.

Este acolhimento está intimamente relacionado com a noção de justiça em Lévinas, que aponta para a necessidade de estabelecer uma relação de proximidade e afastamento com o outro, plural e múltiplo, “fazendo justiça à singularidade de todos” (SUSIN, 1984, p. 411). Este é o principal desafio da universidade ao acolher os diferentes grupos que ingressam nela. É preciso conhecer cada grupo, estar atento às suas particularidades e colocar a estrutura da universidade e seus recursos para responder pelo acolhimento oferecido fazendo justiça a cada um.

O desafio da universidade em autoconhecer-se a partir da escuta dos estudantes e, a partir daí reorganizar-se, está em sintonia com a noção de justiça presente no pensamento de Lévinas e Derrida. Para ambos, justiça tem uma relação profunda com a noção de responsabilidade. Ou seja, fazer justiça é de alguma forma responder ao Outro. A responsabilidade é resposta à primeira exigência ética que o Outro me coloca “não me matará” (LEVINAS, 2001). Esse imperativo, transposto para o espaço da hospitalidade na universidade, exige respostas pedagógicas, afetivas, culturais, econômicas, cuja falta coloca em risco a “vida” do estudante. As prováveis dificuldades que o estudante encontrará no acompanhamento e constância no curso, decorrentes da falta dessas respostas, pode levá-lo à

¹ Na sequência desse texto, utilizarei a sigla AA sempre que me referir a Ações Afirmativas.

morte, ou seja, ao abandono ou desligamento da vaga que o primeiro movimento de hospitalidade lhe ofereceu.

Esta responsabilidade aponta para medidas complementares à decisão tomada pela universidade, em 2007, quando aprovou a Política de Reserva de Vagas, reiterada em 2012 e em 2016, em ocasião de avaliação e adequação da política à legislação nacional. A necessidade dessas complementações nasce da relação com estes novos sujeitos que ingressam na academia e que dizem diariamente que a reserva de vagas é insuficiente como medida de justiça àqueles que por tanto tempo não tiveram condições adequadas para o acesso aos bancos do ensino superior.

Numa outra dimensão, tomo como referência para a noção de acolhimento concepções inseridas no livro *O Espírito da Intimidade* (2003), pela escritora Sobonfu Somé. O texto da burquinense traz reflexões, desde a perspectiva do povo Dagara, sobre a importância da conexão entre o indivíduo e sua comunidade, na ótica de que nos fortalecemos individual e coletivamente, atingimos objetivos de vida e compartilhamos o que somos e temos quando caminhamos juntos.

Na compreensão dos Dagara, há em todos os relacionamentos uma dimensão espiritual que nos orienta. Entendem que “espírito é a energia que nos ajuda a nos unir, que nos ajuda a ver além de nossos parâmetros racialmente limitados” (SOMÉ, 2003, p. 26), “ajuda a realizar o propósito de nossa própria vida e a manter nossa sanidade” (SOMÉ, 2003, p. 25). Esta energia só atinge o objetivo de impulsionar para o bem porque os encontros, os relacionamentos, são desprendidos de qualquer sentido egoísta. Na tentativa de estabelecer um paralelo entre a noção de comunidade e comunhão entre espíritos na concepção dos Dagara e na compreensão dos negros ingressantes na universidade, percebe-se a expectativa que se cria em torno daquele que inaugura a inserção de um grupo familiar, de sua comunidade na vida acadêmica. São muitos os desafios a vencer neste espaço a fim de ampliar o vão da porta de acesso ao ensino superior a outros membros da comunidade negra e colocar num horizonte curto a estes pioneiros o acesso a postos de trabalho que permitam uma ascensão econômica e social a toda a sua comunidade. Desse modo, a comunidade onde o espírito se expressa, acolhe e apóia o estudante negro, está dentro e fora do espaço acadêmico. Está onde a escuta acontece, onde o grito faz eco, onde os afetos se manifestam, onde as mudanças que são apontadas como necessárias pelo estudante que chega na academia se constroem.

Somé discorre sobre a experiência dos primeiros membros da tribo Dagara em sua experiência de estudo nas cidades, sob a influência dos colonizadores franceses, ocasião em

que o processo de desconexão com suas tradições se mostrou potente. Processo semelhante é vivido pelo estudante negro desde a educação básica até o ensino superior, onde não se vê nos conteúdos curriculares, sua voz não é ouvida e os conhecimentos de suas comunidades não são considerados. Ocorre que os estudantes negros na UFRGS têm ocupado um papel fundamental não apenas na defesa e monitoramento da política de AA, mas estão se configurando como comunidades de acolhimento a seus pares, proporcionando espaços de sustentação em situações de fragilidade.

O acolhimento neste caso assume o sentido de escutar, abrigar, apoiar. Segundo Somé (2003, p. 35):

A comunidade é o espírito, a luz-guia da tribo; é onde as pessoas se reúnem pra realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar umas das outras. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. [...] A comunidade é a base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas uns dos outros.

Nessa comunidade de acolhimento todos tem um dom a compartilhar, os lugares do hóspede e de hospedeiro não são fixos, não há qualquer hierarquia, o acolhimento acontece na medida e na necessidade do momento. Esta compreensão dialoga com a afirmativa de Hooks (2013, p. 58), quando diz que “O sentimento de comunidade cria a sensação de um compromisso partilhado e de um bem comum que nos une”. A experiência relatada por essa professora ratifica que os processos de aprendizagem são potencializados em comunidade e que o desafio que se coloca é o dessa construção nos ambientes escolares ou acadêmicos, sendo um elemento chave nessa iniciativa o reconhecimento da voz do aluno. “Ouvir um ao outro (o som das vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento” (HOOKS, 2013, p. 58). Também de visibilidade e empoderamento.

Com relação ao empoderamento, considero como referência a definição de Berth (2018, p. 14), destacando o caráter processual e multidimensional do mesmo.

[...] o conceito de empoderamento é instrumento de emancipação política e social e não se propõe a “viciar” ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários.

Portanto, empoderamento não se dá, não se transfere. Trata-se de resultado de um processo de fortalecimento individual e coletivo, que pode ocorrer ao reconhecer-se no outro, fortalecer-se nele e com ele para o enfrentamento de variadas opressões.

Diz ainda Berth (2018, p. 17) que “[...] é uma movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista”.

Nesse trabalho, através de um exercício cartográfico e de escrivência, buscamos visualizar onde e se acontecem os movimentos de escuta, de compartilhamento, de reconfiguração do espaço que desenham um acolhimento para além de uma inclusão pró-forma.

Neste movimento, dialogo também com Romanini, Guareschi e Roso que, ao pesquisar os sentidos atribuídos ao acolhimento por profissionais e usuários da Rede de Atenção Psicossocial (Raps) em Porto Alegre/RS, partem do pressuposto de que “O acolhimento pode ser considerado um dispositivo de construção do comum” (ROMANINI; GUARESCHI; ROSO, 2017, p. 3). Comum, na perspectiva do autor, implica a abertura ao outro e o acolhimento à multiplicidade, bem como acompanha práticas concretas e cria efeito de pertencimento, desde o encontro de diferentes atores envolvidos no âmbito da pesquisa em questão. O autor, ao sintetizar e discutir os achados da pesquisa, na busca da construção do comum entre profissionais e usuários das Raps, levanta elementos que podem ser bastante significativos para pensarmos também o acolhimento aos estudantes ingressantes pela reserva de vagas na universidade e, particularmente, os estudantes negros. Destaco algumas afirmações, por vezes aparentemente em contraste umas com as outras, que podem servir como lentes no âmbito desse trabalho. Uma das compreensões que emerge é a de acolhimento como ação ou atividade, cujo primeiro momento é o de recepção e de demonstração de um leque de possibilidades de serviço a ser aderido ou não pelo usuário. O autor discute a concepção de aderência neste caso por considerar que ela reforça o caráter unidirecional do acolhimento, ao mesmo tempo que responsabiliza o usuário pelo fracasso ou não em seu processo de tratamento. Outra afirmação importante é a percepção de que “A atividade do acolhimento vai além de um procedimento técnico-especializado ou de uma recepção” (ROMANINI; GUARESCHI; ROSO, 2017, p. 6). Percebe-se neste ponto a ruptura com a visão de uma unilateralidade no acolhimento e a compreensão da responsabilidade com o outro. Nas palavras do próprio autor, “Ao olhar intensamente, somos olhados. O acolhimento, dessa maneira, não escapa dos afetos” (ROMANINI; GUARESCHI; ROSO, 2017, p. 6), afirmativa que assinala o caráter dialógico do acolhimento. Nesta dimensão, o acolhimento apresenta um caráter desestabilizador, como produto e produtor de garantia e ampliação de acessos, ações de cuidado e propõe a reorganização dos processos de trabalho a partir dos encontros de diferentes singularidades, numa postura ética e de cuidado com o outro.

Também em torno da reflexão sobre o acolhimento em serviços de saúde, Teixeira (2003) discorre sobre a necessidade de incluir a voz do outro nos processos de busca de soluções para a qualidade do serviço, principal tensionamento nesta esfera nos últimos anos. Apresenta o acolhimento numa perspectiva comunicacional, na qual a conversa surge como a substância do trabalho em saúde, afirmando que ela acontece sem cessar, seja individualmente, seja coletivamente, precedendo, acompanhando, sucedendo outros tipos de atendimentos. A conversação que se dá neste processo não é uma conversa qualquer, jogada fora, sem objetivo, sem técnica, sem poesia. Segundo Teixeira (2003, p. 7), “Para que não se perca em meio à profusão de definições para a noção de acolhimento, chamaremos de acolhimento-diálogo ou acolhimento dialogado, a esta técnica especial de conversar.”

O autor faz uma breve discussão sobre a relevância que a questão do acolhimento vem tomando na assistência em saúde, espaço onde o conceito do termo toma dimensões variadas e define o acolhimento como uma rede de conversações.

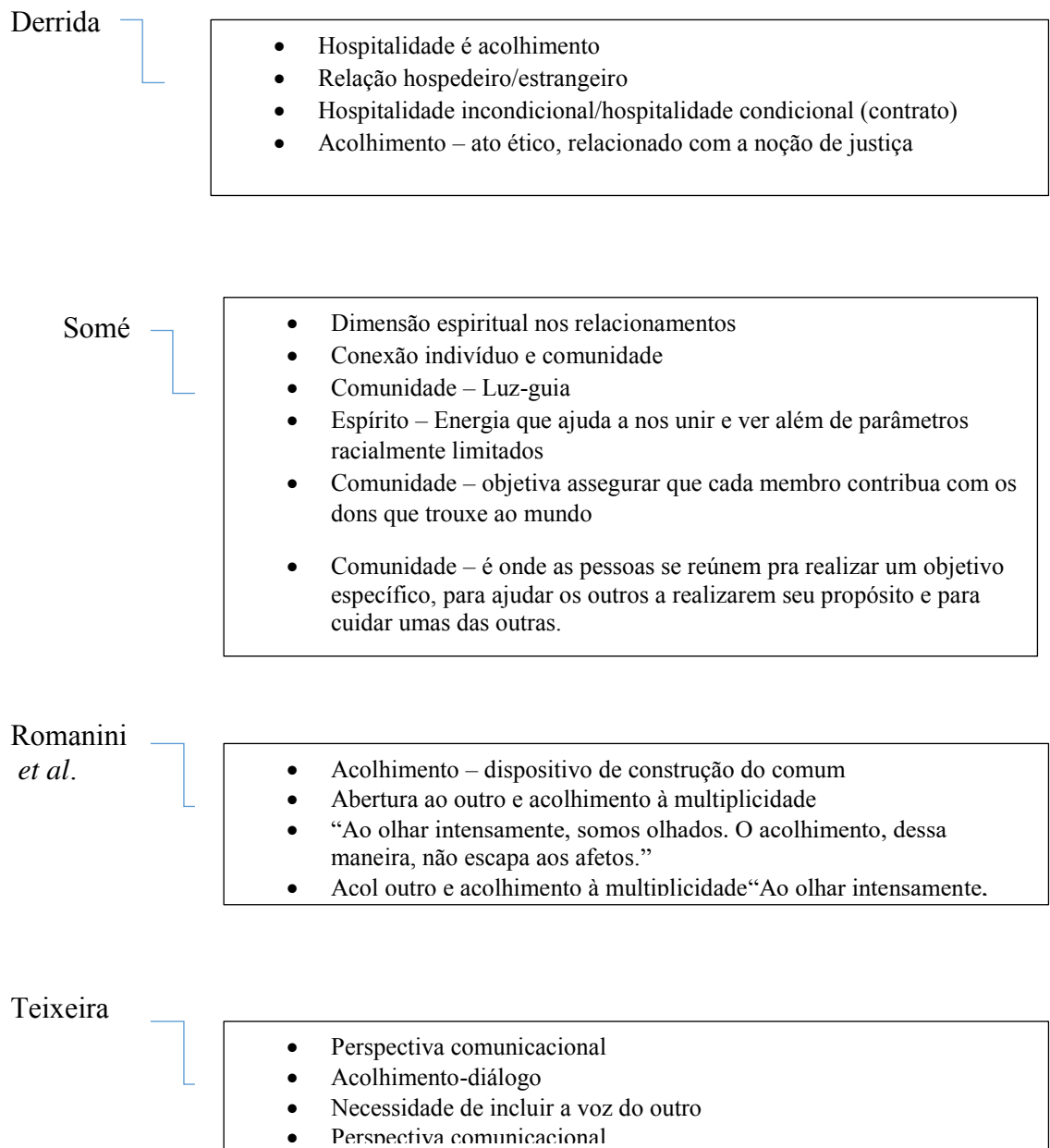
O acolhimento-diálogo, da perspectiva do desempenho global da rede, pode ser visto como uma espécie de distribuidor, de operador da distribuição, onipresente em todos os pontos da rede. Sendo tais encontros momentos pautados pelo espírito do entendimento e da negociação permanente das necessidades a serem satisfeitas, neles se decide a trajetória “necessária” de cada usuário através do serviço. (TEIXEIRA, 2003, p. 10).

Destaca a dimensão moral e cognitiva que devem estar presentes num processo de acolhimento-diálogo, na qual deve ser central a busca pelo conhecimento do usuário, suas necessidades e o esforço por satisfazê-las. Assinala ainda que técnicas de conversa são constantemente criadas e recriadas em diferentes contextos, por distintos sujeitos. No entanto, escolhe uma técnica, a “*palabre*, uma variante africana do parlamento e a principal instituição política da África pré-colonial” para sintetizar as disposições centrais do acolhimento dialogado, a saber, o reconhecimento do outro como um legítimo outro; o reconhecimento de cada um como insuficiente; e a assertiva de que o sentido de uma situação é fabricado pelo conjunto dos saberes presentes.

Ambas as discussões em torno do acolhimento em saúde apresentam elementos que vão além desse eixo e podem ser interessantes na reflexão sobre acolhimento na universidade, seja como um colaborador para a compreensão do termo desde esse lugar, seja na busca de estratégias de construção do acolhimento incondicional daquele que chega na academia.

Sintetizo a seguir a perspectiva do acolhimento pelo conjunto de autores referidos acima, para, desse modo, termos uma visão mais completa dos elementos centrais que este conceito carrega.

Figura 1 – Perspectiva do acolhimento



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Nos capítulos seguintes buscarei refletir desde a intersecção dessas concepções para perceber ou não ações de acolhimento em andamento na universidade.

2 CARTOGRAFIA E ESCRIVIVÊNCIA: NAS PEGADAS DO ACOLHIMENTO

Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo.

Conceição Evaristo

Cartografar os caminhos e perspectivas do acolhimento na universidade e conhecer os modos como a escriturabilidade do negro vem acontecendo nesse universo é um exercício complexo, uma vez que o acolher tem sido um pensar-fazer, semelhante ao que afirma Paese (2016, p. 96), “o lugar de acolhida é criado no ato de acolhimento”. Pensar o acolhimento para além da recepção como uma estratégia fundamental a ser sustentada pelo centro da administração da universidade tem sido uma experiência cotidiana, construída na convivência entre universos diferentes. Assim, tornar vivo o acolhimento é uma iniciativa que se origina de distintos atores e setores, tomando dimensões e configurações diferenciadas, reflexo da compreensão de cada um sobre este conceito e sobre contornos do acolhimento que se salientam em cada sujeito e espaço.

A cartografia e a escriturabilidade, enquanto conceitos e metodologias, se entrecruzam no percurso desse processo investigativo. Se por um lado a abertura para a hospitalidade ao outro “abrir passagem no meu universo para entrar no universo do outro” (PAESE, 2016, p. 100), por vezes se concretiza em ação daquele que hospeda, que se vê como o *dono da casa*; em outra via, temos o *outro* que se mostra, que reivindica o espaço de fazer ele mesmo o acolhimento aos seus. Desse modo, abre seu universo para conhecimento de todos, em riqueza e potencial criativo, inscreve-se, escreve, cumprindo a promessa de Maria Nova, “Um dia escreveria a fala de seu povo” (EVARISTO, 2006, p. 161).

O caminho cartográfico e escriturável dessa dissertação pode ser comparado ao jogo de ligar os pontos no universo de iniciativas de acolhimento a estudantes negros pulsantes na universidade. A regra principal foi contemplar diferentes atores, ações e dimensões do acolhimento a esses sujeitos, suprimindo as consideradas ações de assistência estudantil. Desse modo, o primeiro pouso foi na Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas, cujos relatórios traçam um histórico e mapa de ações de acolhimento que partem do centro da administração da universidade. O segundo, em Bixos Negrxs, coletivo estudantil negro que tem sido contínuo há três anos em acolher seus iguais e

colocar a representatividade como pauta importante a ser discutida na academia. O terceiro, em ações desenvolvidas pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) e pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígenas e Africanos (NEAB) da UFRGS, ambos espaços de atuação da pesquisadora, nos quais a educação das relações étnico-raciais é temática tradicionalmente trabalhada. Estes três espaços escolhidos contemplam o acolhimento na interlocução entre estudantes, técnicos, docentes, gestores e na relação entre a ação institucional e o movimento estudantil negro. A cada traçado no âmbito das ações dos pontos onde pousei no exercício cartográfico, emerge um desenho e sentido de acolhimento que analisaremos na sequência do trabalho.

Iniciamos a caminhada de alinhar a cartografia e a escrevivência do negro, em construção na UFRGS, com uma breve retrospectiva sobre a implementação da política de AA, e a partir dela, traçamos considerações sobre o método cartográfico e a escrevivência.

A presença mais expressiva de negros e indígenas na universidade já em 2008, ano do primeiro vestibular com reserva de vagas, impactou a universidade. Embora fosse em dez o quantitativo de estudantes indígenas ingressantes por vagas especiais, o fato de serem os primeiros a acessarem este espaço como universitários era muito significativo. Com relação aos estudantes cotistas (negros e não negros), os dados quantitativos custaram a ser divulgados, uma vez que a tensão na aprovação na política de AA aparecia como um fantasma a assombrar a instituição e a justificar a não divulgação de quem era ou não era cotista e, de certo modo, a inibir o acolhimento a esses que, de antemão, tenderiam a se sentir deslocados nesse espaço. No entanto, isto não impediu que os poucos negros que já eram universitários na ocasião e os estudantes negros que ingressaram nesse primeiro vestibular das cotas pelo acesso universal, por carregarem no corpo a marca de sua negritude, fossem vistos igualmente como estudantes cotistas, o que explicitava a leitura equivocada do termo cotista como sinônimo de negro. Contudo, era possível dimensionar o número de ingressantes como expressivo pelos encontros com outros tons de pele, tipos de cabelos, sons, cores, idades, jeitos de andar, de relacionar-se nos diferentes espaços de circulação da universidade.

O artigo 11 da Decisão 134/2007 do CONSUN possibilitava entrever uma possibilidade de proposta de acolhimento.

Art. 11 - Caberá ao Reitor nomear Comissão de Acompanhamento dos Alunos do Programa de Ações Afirmativas, ouvidos o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPE e o Conselho Universitário - CONSUN, que terá como atribuição **propor medidas a serem implementadas, a partir do primeiro semestre de 2008, no sentido de apoiar e dar assistência a esses alunos** (Grifo nosso).

É na intenção de visualizar a concretização desta ação que este trabalho se desenvolve. Cartografia e escrevivência, métodos que apresentam em si mesmos elementos constitutivos da hospitalidade que essa pesquisa busca encontrar e entender, sustentam a investigação.

Com relação à cartografia, me referencio no trabalho de Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia - *Pistas do método da cartografia - pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (2015), resultante de um processo de pesquisa que reuniu docentes, estudantes e pesquisadores, por três anos, numa ação interinstitucional de produção de conhecimento, provocada por questões referentes à escolha da cartografia como método de pesquisa.

As pistas apontadas na publicação estão ancoradas no conceito de Cartografia delineado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, na introdução de *Mil Platôs*, método este que visa a acompanhar um processo e não a representar um objeto.

2.1 Cartografar-se...

Acompanhar o processo de implementação das cotas é parte desta cartografia. Enquanto pesquisadora cartógrafa, tenho relação antiga com o tema geral da pesquisa – Ações Afirmativas – e sou atravessada por relações diferentes com ele. Além de agora pesquisadora, sou servidora técnico-administrativa da universidade, extensionista, e trago em meu corpo e em minha história de vida marcas semelhantes às que carregam muitos dos estudantes ingressantes pelas cotas raciais. Como na grande parte dos cotistas negros, componho a primeira geração de universitários de minha família, tenho pais com baixo grau de escolaridade, resultado das desigualdades sociais decorrentes do racismo brasileiro e da escravidão, cuja consciência deste processo impulsionou um grande esforço para que seus filhos estudassem e encontrassem na formação superior um caminho para a ascensão social.

Minhas memórias enquanto estudante de Letras nessa mesma UFRGS, vinte e quatro anos antes da aprovação das cotas, a procura por meus iguais no curso e na universidade, o que ficava um tanto suavizado ao encontrar uns poucos africanos ingressantes pelo Programa PEC-G, ver muito pouco de mim e dos meus no currículo do curso, não ter experiências de leitura, de utilização de bibliotecas, de domínio de língua estrangeira e outros capitais culturais enquanto graduanda, foram luzes para me inserir na mobilização pró-cotas e aguardar os cotistas, agora enquanto servidora da universidade, a fim de colaborar com sua

acolhida. Buscava ansiosamente encontrar os filhos de outras Veras,² no meio dos calouros de 2008 para acolhê-los como o familiar que aguarda seu parente de outra cidade numa rodoviária.

A partir do primeiro vestibular com reserva de vagas, minha atuação profissional teve relação constante com as Ações Afirmativas. Integrei a primeira Comissão de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas, posteriormente fiz parte do Comitê Contra a Intolerância e, atualmente, componho o Conselho Consultivo da Coordenadoria de Ações Afirmativas. A oportunidade de participação nestas instâncias e em momentos distintos tem sido significativa para entender melhor a política de AA, para colaborar com a consolidação da mesma na universidade, enquanto servidora atuante num departamento de extensão, cuja missão favorece uma relação mais aproximada com a comunidade externa, e permite compreender melhor os limites e desafios institucionais que se revelam cotidianamente. Estas participações temporárias, somadas ao exercício profissional num departamento de extensão – DEDS, desde 2004, foram portas facilitadoras de uma melhor compreensão da complexidade da implementação da política de AA, de encontros com estudantes cotistas, em suma, de vivenciar uma cartografia da implementação das cotas e, conseqüentemente, do acolhimento ao cotista, muito antes de decidir ingressar no programa de mestrado. Eu me arrisco a dizer que o meu ingresso no PPGEduc é parte deste percurso cartográfico do acolhimento, consequência natural no momento em que me senti acolhida, como negra que sou, a participar do processo seletivo para um programa de pós-graduação.

2.2 Cartografia como um caminhar: primeiras pistas

A cartografia propõe um caminhar que traça suas metas no próprio percurso, sempre considerando os efeitos do processo de pesquisa sobre e entre pesquisador, pesquisado e a produção de conhecimento. Como o poeta sevilhano Antônio Machado citou, se faz o caminho ao andar! Exige do pesquisador cartógrafo um mergulho no plano da experiência, sem neutralidade, sem distanciamento. Seu trabalho deve ser orientado no sentido do fazer-saber ao saber-fazer.

O cartógrafo deve ser sensível, atento, aberto para que consiga resolver os dilemas da seleção e avaliação da importância ou desimportância dos achados do caminho, caminho

² Referência ao nome de minha mãe, Vera.

este sempre em movimento. É preciso para conhecer dada realidade, acompanhar seu processo de constituição, constituir-se nesta mesma caminhada.

São muitas as experiências de ensino, extensão e pesquisa construídas nesses onze anos de Cotas na UFRGS, seja em torno da implementação, do monitoramento ou do aprimoramento da política. No âmbito desta pesquisa, me detive apenas às ações de aprimoramento, mais especificamente a algumas entre elas que explicitamente demonstram pretender o acolhimento.

Nesse sentido, em fase de trabalho para qualificação, realizei uma pesquisa preliminar no Sistema de Automação de Bibliotecas (SABi) da UFRGS numa busca por dissertações e teses produzidas no período de 2008 a 2017, orientada pela locução Ações Afirmativas, o que resultou na relação de 56 trabalhos. Quando a pesquisa agregou às ações afirmativas as palavras negros e UFRGS, o resultado foi de dezesseis trabalhos. O menor resultado, em número de dois trabalhos acadêmicos, ocorreu quando limitei a consulta a duas expressões combinadas, ações afirmativas e acolhimento.

Optei por ler os resumos dos 16 trabalhos resultantes da combinação dos termos ações afirmativas, negros e UFRGS na tentativa de localizar qualquer anúncio com relação a acolhimento a estudantes negros. Desses, cheguei à lista de seis trabalhos que sintetizo a seguir:

Quadro 1 – Pesquisas que anunciam o acolhimento

Dissertação(D) - Tese (T)	Autor	Ano	Vínculo
Dez anos de cotas na UFRGS: um estudo das ações afirmativas na perspectiva do acesso, permanência e empoderamento dos alunos negros diplomados (T)	Eliane Almeida de Souza	2017	Externo
Ações afirmativas na UFRGS: um percurso cartográfico (T)	Grace V. F. Tanikado	2015	TA – PRAE
Ações afirmativas na UFRGS: racismo, excelência acadêmica e cultura do reconhecimento (T)	Gregório Durlo Grisa	2015	Externo
Análise do acesso à educação para a promoção do desenvolvimento humano e a redução das desigualdades raciais: o papel do estado e a política de cotas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (D)	Edilson Amaral Naborro	2017	TA – CAF
Análise do acesso à educação para a promoção do desenvolvimento humano e a redução das desigualdades raciais: o papel do estado e a política de cotas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (D)	Luciane Bello	2011	TA – PRAE
Reconhecer-se diferente é a condição de entrada: tornar-se igual é a estratégia de permanência: das práticas	Michele B. Doebber	2011	TA PROGRAD

institucionais à constituição de estudantes cotistas negros na UFRGS (D)			
---	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Destaco alguns elementos comuns dessa rápida exploração. Quatro pesquisas são de autoria de servidores técnico-administrativos da UFRGS, com exercício em setores que se relacionam diretamente com as AA; todos os escritos têm o caráter avaliativo da Política de AA e em sua maioria incluem na metodologia de pesquisa a escuta do próprio estudante.

Alguns pares de termos se repetiram nos resumos: inserção/in/exclusão; desempenho acadêmico/permanência; solidão/preconceito; trajetória de vida/reinvenção da universidade.

Esses elementos permitem inferir que as opções de pesquisa possam estar relacionadas à necessidade de aprimorarem-se em torno do tema, a fim de serem propositivos na reconfiguração de processos de trabalho e ações que impactem na recepção, no acolhimento, na permanência e na titulação dos alunos ingressantes pela reserva de vagas, desde seus espaços de atuação, considerando a diversidade desses sujeitos.

O trabalho do cartógrafo requer uma atenção que pode ser dividida em quatro gestos: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. A atenção neste caso, não significa simples seleção de informações, mas significa estar à espreita, concentrado o suficiente para detectar pistas, pontas, sinais do processo cuja investigação está em curso. O rastreio significa verificar um processo em movimento, atento às distinções de tempo, de velocidade, de proposições, de ações. Nesse processo de pesquisar, acolher passou a ser um alarme que dispara quando eu menos espero, num processo que se estende desde que os primeiros cotistas entraram nos portões dessa UFRGS. Escutado este alarme, é importante pousar sobre estes eventos. É o momento da interrogação, da busca por compreender o que está acontecendo. Passo a observar mais detidamente o contexto e a situação que disparou o dispositivo. Pouso, interajo, observo particularidades.

Segundo Escóssia e Tedesco, a “Cartografia visa à ampliação de nossa concepção de mundo para incluir o plano movente da realidade das coisas” (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015, p. 92). Neste sentido, sendo a cartografia uma intervenção, os atos do cartógrafo participam e intervêm nas mudanças do território pesquisado. Passos e Eirado (2015, p. 123) destacam que “O cartógrafo acompanha um processo que, se ele guia, faz tal como o guia de cegos que não determina para onde o cego vai, mas segue também às cegas, tateante, acompanhando um processo que ele também não conhece de antemão”.

Esta conduta provoca uma desestabilização de pontos de vista gerando novos procedimentos que movimentam o processo em andamento, produzindo novos conhecimentos e impactando pesquisador e pesquisado.

Segui a pista de Costa quando se refere ao cartógrafo “atento”:

É no espaço não cultivado das importâncias culturais e sociais que ele colocará seu olho e corpo. Ele perguntará por aquilo que brota nos espaços mais improváveis, pelos montículos de vida que se fazem nos cantos, naquilo que o próprio espaço costuma refugar ou avaliar enquanto não importante. (COSTA, 2014, p. 8).

Estas possibilidades estão no cotidiano dos eventos que a universidade organiza, seja no âmbito do ensino, pesquisa ou extensão. Por vezes não acontecem na centralidade das ações institucionais, vinculadas a este tripé, nem na atuação dos gestores responsáveis por executá-las, mas nascem da ânsia por sentir-se pertencente, como uma ação militante. São realizados por aqueles que se sentem solitários, silenciados, invisíveis no espaço acadêmico – os próprios negros! Como diz Conceição Evaristo, “Quem arreda a pedra não é aquele que sufoca o outro, mas justo aquele que sufocado está” (2006, p. 125).

2.3 Escrever e escrever-se

Este trabalho também foi nascendo como escrevivência, conceito cunhado pela escritora mineira Conceição Evaristo. Ao sentir a ausência ou incompletude do acolhimento, negros e negras da academia (estudantes, técnicos ou docentes), cientes dos efeitos do racismo estrutural³ (ALMEIDA, 2018) e da branquitude⁴ (CARDOSO, 2014) movimentam-se para que a inscrição dos sujeitos negros seja efetiva e plena na universidade. Trata-se da escrita de si, de ter suas marcas em textos e feitos, de modo a gravar um lugar, tornar-se visível e pertencente, individual e coletivamente.

Minha escrevivência vem do cotidiano dessa cidade que me acolhe há mais de vinte anos e das lembranças que ainda guardo de Minas. Vem dessa pele-memória – história passada, presente e futura que existe em mim. Vem de uma teimosia, quase insana de uma insistência que nos marca e que não nos deixa perecer, apesar de”. (EVARISTO, 2016, n.p.).

Esta mesma “pele-memória” que marca a escrevivência de Conceição Evaristo em seus poemas, contos, romances, marca a ação e escrita dos negros na academia. São negros

³De acordo com Silvio Almeida (2018, p. 36), “O racismo é parte da ordem social. Não é algo criado pela instituição, mas por ela reproduzido”.

⁴No que concerne à branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não brancos, dessa forma, significa ser menos do que ele. Ser branco se expressa na corporeidade, isto é, a brancura, a expressão do ser, e vai além do fenótipo. Ser branco consiste em ser proprietário de privilégios raciais simbólicos e materiais.

em movimento e resistência por ser, efetivamente. Prenhes de futuro. Nesse meio também está a pesquisadora, escrevendo e inscrevendo-se enquanto indivíduo e coletividade, registrando esta escrita desde o lugar de técnico da universidade até o de estudante de pós-graduação (PG).

Oliveira (2009) aponta três elementos formadores da *escrevivência*: corpo, condição e experiência. Diz o autor que o corpo reporta à condição subjetiva do existir negro, a condição aponta para um processo anunciativo e a experiência como um recurso estético, considerando o foco de sua análise a construção do livro *Becos da Memória*. Estes mesmos componentes, presentes na obra de Evaristo, fazem parte das ações de acolhimento por negros e para negros no espaço da academia, tecendo uma ambiência e um espaço mais seguro, prazeroso e conectivo. Desse modo, ressignificam esse território acadêmico para si e para os seus, proporcionando-lhes uma vivência mais plena. São muitos os movimentos negros e negros em movimento, escrevendo, na universidade!

Os negros em movimento, docentes e técnicos, articulam ações acadêmicas que permitam ao aluno negro ver-se na universidade, seja através de ações de ensino ou de extensão. Embora em número ainda muitíssimo reduzido nas universidades, os docentes negros funcionam como espelho e referência aos alunos que, ao entrar nesse espaço, sentem-se solitários. Igualmente assim são vistos os técnicos em educação que carregam em sua trajetória a luta antirracista, elemento que une os negros e negras dos três segmentos.

Negros em movimento, enquanto estudantes, podem estar organizados em coletivos estudantis,⁵ ou se reunirem em ações pontuais, centradas ora no monitoramento e proteção da política de AA, ora em ações de acolhimento a seus pares, ou voltadas a alguma questão nova, sempre mobilizando-se de acordo com as pautas que vão se apresentando.

Desses e de outros escrevintes negros na UFRGS, focarei inicialmente nesse trabalho o projeto **Bixos Negrxs**, iniciativa relativamente recente, datada em 2017, por desenvolver ações de caráter contínuo de acolhimento aos calouros negros. Este coletivo, coordenado em 2019 por cinco estudantes de graduação, tem estimulado e promovido o

⁵ Cito alguns coletivos negros da UFRGS desde a aprovação da reserva de vagas, em 2007 até 2019. Apenas alguns, em razão de que os registros sobre seus históricos são ainda raros. **Coletivo Negração** – criado em 2012, tendo como marco a discussão sobre o hino do RS, propondo a errata “povo que não tem virtude acaba por escravizar”. **Coletivo Corpo Negra** – coletivo de mulheres negras do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS, criado em 2016/1 com o objetivo de promover espaços para discussão, reflexão, análise e criação artística a partir das questões que envolvem o universo feminino, mais especificamente da mulher negra. **Coletivo Psicopreta** – coletivo de alunas/os negras/os do curso de Psicologia da UFRGS que nasceu em 2016, na ocupação do Instituto de Psicologia da UFRGS. O Psicopreta passou a ser pensado de forma mais sistemática como resposta a situações de racismo vivenciadas pelas/os alunas/os na própria ocupação, em sala de aula, nos grupos de pesquisa e extensão, ou seja, nos mais diversos âmbitos universitários. **PretEMA** – Coletivo dos estudantes negrxs da Matemática e da Estatística da UFRGS, criado em 2019, entre vários outros.

encontro dos ingressantes negros com seus pares logo no ingresso, de modo a constituir comunidades de confiança nos cursos e fora dele. O segundo espaço de análise são ações desenvolvidas pelo **Departamento de Educação e Desenvolvimento Social** e pelo **Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígenas e Africanos da UFRGS**,⁶ exclusivamente aquelas que priorizam o acolhimento ao estudante negro. A escolha desses territórios se dá por se constituírem como espaços fundamentais de ação por igualdade racial e educação das relações raciais na universidade, além de ambos contarem, em suas equipes de trabalho, com maioria de participantes negros. Acrescento que essa pesquisadora participa ativamente nos dois espaços, tendo desempenhado no NEAB o cargo de Coordenadora Adjunta no período 2014-2018 e está atualmente na direção do DEDS.

Introduzo algumas reflexões a partir das palavras da própria criadora do conceito de escrevivência, Conceição Evaristo.

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de **insubordinação**. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa – grande” e sim para incomodá-los de seus sonos injustos. (EVARISTO, 2005, p. 20).

A escrevivência que se insere em meu percurso enquanto extensionista e pesquisadora se manifesta de forma distinta da escrita literária, trata-se da escrita de um corpo feminino negro na construção da agenda de ações institucionais para a consolidação das AA na UFRGS. Esta agenda se constitui em inúmeras ações de extensão, desde aquelas que impulsionam o ingresso ao ensino superior (graduação e pós-graduação) até aquelas que destacam referências negras em campos distintos (acadêmico, político, cultural, artístico...), trazendo-as para o espaço da academia ou, em outra via, levando os acadêmicos aos espaços de organização do movimento social negro, de modo a compor um ambiente acolhedor aos que chegam na universidade e proporcionando espaços de construção de um conhecimento pluriversitário⁷ (SANTOS, 2007), reconhecendo o conhecimento não acadêmico de igual modo que o conhecimento produzido na universidade.

⁶Com relação ao NEAB UFRGS, a única ação focada nessa dissertação é a primeira edição do Edital de Iniciação Científica do núcleo, realizada durante a primeira coordenação – 2014-2018, cuja coordenação adjunta era também da diretora do DEDS.

⁷ É um conhecimento transdisciplinar que, pela sua própria contextualização, obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento, o que o torna internamente mais heterogêneo e mais adequado a ser

Refletem em certa medida uma espécie de insubordinação, para usar o termo de Evaristo, “Escrever adquire um sentido de insubordinação” (EVARISTO, 2005, p. 20).

Esse escrever se torna possível inicialmente a partir de uma escuta atenta e sensível, onde um revisitar a memória de meu percurso de estudante negra de graduação na UFRGS, no curso de Letras, mais de duas décadas antes da adoção das cotas, acontecia recorrentemente, sempre ao ouvir as impressões dos cotistas sobre sua chegada na academia.

Mais uma vez, encontro consonância no conceito de Evaristo:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. (2016, p. 7).

Ouvir as histórias dos próprios alunos, ainda que fragmentos delas, ainda que pistas, expressas por vezes em palavras, às vezes na emoção que corta a palavra, dentro da universidade, me permitiu a sensação de compartilhamento, de fusão com elas. Ainda, neste processo, a ampliação da compreensão da potência de estar neste espaço, onde é possível criar e recriar, impulsionou a concepção de ações orientadas no sentido de aprender na caminhada, do “fazer-saber ao saber-fazer”, desse modo em convergência com o método cartográfico. Esse não foi um caminho solitário, nem individual. Foi articulado em rede com outros servidores da universidade, que dos departamentos ou setores onde atuam também conceberam e executaram ações semelhantes seja no ensino, na pesquisa ou na extensão, tramando uma teia cada dia mais complexa, mais interdisciplinar, em prol do bem-estar dos sujeitos negros em sua permanência na universidade até a titulação. E mesmo depois dela, já em outras etapas de seu processo de qualificação.

O ato de participar da escrevivência negra na universidade traça uma outra escrita em minha trajetória: de servidora técnico-administrativa a extensionista; de extensionista a pesquisadora de questões que são parte de minha própria pauta de vida.

Na sequência, passo à análise de dados dos três territórios abarcados na cartografia e na escrevivência.

produzido em sistemas abertos menos perenes e de organização menos rígida e hierárquica. Todas as distinções em que assenta o conhecimento universitário são postas em causa pelo conhecimento pluriversitário e, no fundo, é a própria relação entre ciência e sociedade que está em causa. A sociedade deixa de ser um objeto das interpelações da ciência para ser ela própria sujeita de interpelações a ciência.

3 DO ACOLHIMENTO NO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS

Esses dias tinha um moleque na quebrada com uma arma de quase 400 páginas na mão.

Um as minas cheirando prosa, uns acendendo poesia.

Um cara sem Nike no pé indo para o trampo com o zóio vermelho de tanto ler no ônibus.

Uns tiozinho e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de poemas. Depois saíram vomitando versos na calçada.

O tráfico de informação não para, uns estão saindo algemado aos diplomas depois de experimentarem umas pílulas de sabedoria. As famílias, coniventes, estão em êxtase.

Esses vidas mansas estão esvaziando as cadeias.

A Vida não é mesmo loka?

Sergio Vaz

O poema de Sergio Vaz ilustra cenas que temos observado e festejado a cada semestre letivo. O êxtase de familiares e amigos de estudantes negros, bem como de todos que se veem enquanto coletivo, tem sido contagiante nas solenidades de formatura. A cada formado, um impulso àquele que ainda está no caminho.

As iniciativas de propor e executar ações de permanência para que os estudantes universitários e, particularmente os cotistas (entre eles os estudantes negros), finalizem a graduação são constantes nesses onze anos de ações afirmativas na UFRGS. Na perspectiva de localizar o acolhimento e seu significado nesse percurso de ampliar as possibilidades de conclusão de cursos, retomarei o histórico de discussão e implementação de Ações Afirmativas no Ensino Superior, desde o caso Ari, na Universidade de Brasília. Posteriormente relato pontos importantes no processo de implementação da reserva de vagas na UFRGS e traço uma cartografia do acolhimento desde os relatórios públicos da Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas.

3.1 E por falar em Ações Afirmativas!

No início dos anos 2000, a discussão sobre Ações Afirmativas e especificamente a adoção de cotas para negros e indígenas no Ensino Superior se intensificou no país, impulsionada pela participação do Brasil na III Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, Xenofobia e Intolerância Correlata⁸ no ano de 2001, na assunção do racismo no país e no consenso de que apenas políticas públicas de caráter universalista não garantiriam a erradicação de desigualdades raciais e exclusão sofridas por negros e indígenas. Entre as universidades federais, a Universidade de Brasília (UnB) foi a primeira a instituir cotas, em 2004, como

[...] uma medida emergencial destinada a acelerar a formação de uma elite acadêmica negra capaz de contribuir na formulação de novas políticas públicas que visem eliminar definitivamente o problema da desigualdade e da exclusão Racial no Brasil. (CARVALHO, 2005, p. 41).

A elaboração de uma proposta de cotas na UnB pelos professores José Jorge de Carvalho e Rita Segatto foi estimulada pelo episódio da primeira reprovação no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, *casualmente* de um aluno negro. Ariovaldo Lima Alves, o terceiro colocado e o único candidato negro aprovado no processo seletivo do Programa em 1998 e, “segundo informações extraoficiais, o primeiro negro em 25 anos de existência do PPGAS” (LIMA, 2012, p. 125).

Ao historicizar e refletir sobre a chegada dos negros à universidade, Ari Lima, hoje docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), conta sua trajetória acadêmica e reflete sobre os revezes e desafios que a raça aponta aos negros na universidade e às instituições acadêmicas. Com relação à situação que impulsiona a elaboração de cotas na UNB, diz Lima (2012, p. 126): “Agora já era quase um doutor, vinculado a uma das mais prestigiadas universidades públicas do Brasil, mas continuava fora de lugar”. Refere-se então a episódios anteriores de sua trajetória enquanto estudante, nas quais experimentou esta mesma sensação, por ser um negro que vinha avançando e se destacando nos espaços estudantis nos quais estava inserido. Sensação esta que se pronunciava desde falas de professores.

O então estudante, reprovado em uma disciplina obrigatória, no primeiro semestre do doutorado, enfrentou processos administrativos e judiciais por dois anos, quando o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, após a revisão do Departamento, homologou sua aprovação.

⁸ A III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerância correlata, evento promovido pela ONU, ocorreu entre os dias 31 de agosto e 8 de setembro do ano 2001, em Durban, na África do Sul.

Este episódio ficou conhecido como o Caso Ari e se constitui em símbolo de luta contra o racismo na academia.

Na UFRGS, o processo de discussão sobre AA e cotas teve início em 2005, de um modo bastante diferente. O primeiro espaço de discussão sobre este tema(AA) aconteceu com a criação do Grupo de Trabalho de Ações Afirmativas (GTAA), posteriormente formalizado como ação de extensão da universidade,⁹ com o objetivo de formular propostas de ações afirmativas geradas a partir do diálogo promovido pelos atores envolvidos: a sociedade civil e a academia. Com relação aos objetivos do grupo e sua composição, segundo Felipe Prolo,

Tratou-se de uma forma de organização voltada para a reivindicação de uma política direcionada ao processo seletivo da universidade em questão para um público-alvo específico (negros e egressos de escolas públicas), sendo que esta organização era formada, quase que em sua totalidade, por estudantes já ingressos na universidade (sendo alguns negros e negras que estudaram somente ou em parte, em escolas públicas). (PROLO, 2011, p. 19).

Esta composição não surpreende, considerando que, na ocasião, o número de estudantes negros na UFRGS era muito pequeno. O grupo mapeou membros do Movimento Negro no quadro de servidores da instituição, buscou apoio, estudou com afinco a questão das AA, promoveu espaços de discussão, articulou-se com o movimento social negro e indígena, entre outros segmentos de atuação política.

Já nesse momento o MN ocupou um papel central, seguindo seu processo enquanto ator político que sempre entendeu a educação como um elemento chave na luta por igualdade e ascensão social do negro. Segundo Gomes (2017, p. 31), “Reivindicada pelas organizações negras desde o início do século XX, a inclusão dos negros na escola pública aparecia como recurso argumentativo nos debates educacionais dos anos 1940 e 1960”.

No contexto deste trabalho, em acordo com Gomes (2017, p. 23), tomamos por “Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação deste perverso fenômeno na sociedade.” Assim, compondo com o GTAA, o Movimento Negro fez frente em todos os momentos de tensionamento necessários à aprovação das cotas na universidade.

A intensificação da discussão na universidade, com a participação expressiva de técnicos, docentes e membros externos provocou a administração central a puxar para si esta atribuição, iniciando oficialmente em 2006 o debate sobre a implementação de uma Política de Ações Afirmativas, a partir da realização de encontros temáticos com a participação de

⁹Ação nº 7155, Grupo de trabalho Ações Afirmativas, realizada entre 21/03/2006 e 10/05/2007.

outras instituições já mais adiantadas na discussão, a exemplo da UnB e da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Após a constituição de uma Comissão Especial para formular uma proposta para a política de AA na UFRGS, num processo tenso e intenso de disputa, o GTAA novamente teve atuação fundamental. Desta vez na articulação com membros do Conselho Universitário para aprovação da proposta já discutida e possível naquele momento, na pressão com os conselheiros quando do adiamento da votação da proposta em discussão.

O cenário de articulação e mobilização política no contexto da avaliação da proposta de cotas para negros e indígenas na UFRGS, em minha opinião, foi exemplar, uma das razões porque ganhou visibilidade nacional.

COTAS NA UFRGS: Amplia o debate junto ao Movimento Negro - Uma nova reunião, marcada para às 19h desta segunda-feira (18) na sede do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) irá avaliar novas estratégias para sensibilizar o Conselho Universitário da instituição pública federal a implantar o sistema de cotas para o ingresso de estudantes negros. A última reunião do Conselho Universitário, no último dia 15 de junho, terminou sem sucesso. (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2007, n.p.).

A morosidade na decisão e a resistência de membros da comunidade acadêmica à proposta da política de reserva de vagas provocou reação no grupo que ansiava pelo resultado da plenária.

A transferência da decisão desagradou os cerca de 80 manifestantes que, do lado de fora da sala, esperavam pela aprovação das cotas. Inconformados, eles impediram a saída dos conselheiros durante meia hora. Quando concordaram, formaram um corredor polonês e pressionaram cada um dos participantes da reunião a votar a favor da proposta no dia 29. (OGLIARI, 2007, n.p.).

Diante do adiamento da votação da proposta pelo Conselho Universitário e a possibilidade de não inclusão de cotas no Vestibular de 2008, caso a proposta não fosse aprovada na nova data aprazada, 29/07/2007, a mobilização se intensificou. Na semana que precedeu a segunda reunião, movimento estudantil, movimentos sociais negro e indígena, estudantes de educação básica, apoiadores das cotas, ocuparam a reitoria e mantiveram-se ativos até o final da votação.

Assim foi aprovada a Decisão 134/2007 que instituiu o Programa de Ações Afirmativas, que estabelecia a Reserva de Vagas para acesso a todos os cursos de graduação e cursos técnicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de candidatos egressos do Sistema Público de Ensino Fundamental e Médio, candidatos autodeclarados negros egressos do Sistema Público de Ensino Fundamental e Médio e candidatos indígenas,

por um período de cinco anos, podendo ser prorrogada. Definia que do total das vagas oferecidas em cada curso de graduação da UFRGS seriam garantidas, no mínimo, 30% (trinta por cento) para candidatos egressos do Sistema Público de Ensino Fundamental e Médio, e deste número, no mínimo, a metade seria garantida aos estudantes autodeclarados negros. Em seu artigo 12, a Decisão afirma a disponibilização de 10 vagas para estudantes indígenas, cuja forma de distribuição será definida pelo CEPE, ouvidas as comunidades indígenas e a COMGRAD dos cursos demandados, podendo este quantitativo ser alterado, a partir do ano seguinte, o que até o presente momento não aconteceu.

No ano de 2012, a Política de AA da UFRGS passa por avaliação no CONSUN e é renovada por 10 anos, mantendo os mesmos percentuais de reserva para candidatos egressos de sistema público de ensino e autodeclarados negros, e o mesmo número de vagas especiais para candidatos indígenas.

Neste mesmo ano, é sancionada pela então Presidenta da República, Dilma Rousseff, a Lei n. 12.711, Lei de Cotas, garantindo a reserva de 50% das matrículas em universidades e institutos federais a alunos oriundos integralmente do ensino médio público. A lei define que as vagas reservadas às cotas (50% do total de vagas da instituição) devem ser subdivididas — metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio *per capita* e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário mínimo e meio. Em ambos os casos, deve ser levado em conta percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no Estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Como a aplicação da lei deveria ser gradual, iniciando com um percentual de 25% em 2013, na UFRGS, a adequação da Política interna não teve impacto inicial, uma vez que já estabelecia um percentual de 30% de reserva de vagas. A consequência mais significativa deu-se na subdivisão do público candidato às vagas da reserva em mais categorias e na inserção do critério de renda no processo seletivo, o que exigiu da instituição um trabalho criterioso de análise socioeconômica.

No ano de 2016 há a atualização da Lei de Cotas através da Lei Federal n. 13.409, que dispõe sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência (PCD) nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino, além de estender o programa até o ano de 2026, ou seja, quatro anos a mais do que o tempo previsto pela Lei n. 12.711.

Além das questões próprias ao ajuste ao novo referencial legal nos processos seletivos, a mudança de perfil do estudante da UFRGS trouxe outros desafios para a

universidade, entre eles a ampliação e inserção de novos elementos na política de assistência estudantil, o desencadeamento de ações de apoio à permanência e acolhimento, adequações arquitetônicas, o estímulo, apoio e realização de atividades que considerassem a diversidade racial, social e cultural deste novo momento na academia. Ainda muito relevantes o desafio da capacitação dos recursos humanos técnicos e docentes sobre AA, de modo a qualificar as ações gerenciais, acadêmicas e humanas no processo de consolidação da Política.

O Relatório Anual da Coordenadoria de Ações Afirmativas da UFRGS, ano 2016, apresenta o quadro de ingressantes na UFRGS nos períodos entre 2008/1 e 2015/1, agrupados por ano e modalidade de ingresso.¹⁰ Num total de 12.741 estudantes ingressantes pela reserva de vagas, 9.112 foram estudantes egressos da escola pública e 3.359 autodeclarados negros.

Quadro 2 - Ingressantes na UFRGS nos períodos entre 2008/1 e 2015/1

	Universal	Reserva	EP	N	Ra/L1	Rb/L2	Rc/L3	Rd/L4
2008	3.025	1.317	1.065	252	0	0	0	0
2009	3.214	1.378	1.175	203	0	0	0	0
2010	3.460	1.501	1.280	221	0	0	0	0
2011	3.515	1.504	1.282	222	0	0	0	0
2012	3.757	1.561	1.181	380	0	0	0	0
2013	3.798	1.674	0	0	525	279	526	344
2014	3.848	1.644	0	0	520	312	500	312

¹⁰ **Modalidades de cotas na UFRGS**

L1 – candidato egresso do Sistema Público de Ensino Médio com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita*; **L2**– candidato egresso Sistema Público de Ensino Médio com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita* autodeclarado preto, pardo ou indígena; **L3/L5**– candidato egresso do Sistema Público de Ensino Médio independentemente da renda familiar; **L4/L6**– candidato egresso do Sistema Público de Ensino Médio independentemente da renda familiar, autodeclarado preto, pardo ou indígena; **L9** – candidato egresso do Sistema Público de Ensino Médio com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita* e Pessoa com Deficiência; **L10** – candidato egresso Sistema Público de Ensino Médio com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional *per capita* autodeclarado preto, pardo ou indígena e Pessoa com Deficiência; **L13**– candidato egresso do Sistema Público de Ensino Médio independentemente da renda familiar e Pessoa com Deficiência; **L14** – candidato egresso do Sistema Público de Ensino Médio independentemente da renda familiar, autodeclarado preto, pardo ou indígena e Pessoa com Deficiência.

2015	3.192	1.892	0	0	491	402	567	432
Total	27.809	12.471	5.983	1.278	1.536	993	1.593	1.088

Fonte: Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ação Afirmativa (2015).

EP = Escola pública; N=autodeclarados negros oriundos de Escola pública; Ra=L1; Rb=L2; Rc=L3; Rd=L4

Segundo o relatório (UFRGS, 2016, p. 31):

O perfil do ingresso resultante dessa modalidade de reserva de vagas no período 2008-2015 na UFRGS demonstrou que apesar das cotas raciais estarem no centro do debate sobre a desnecessidade de sua implantação, foram os estudantes não declarados racialmente que mais se beneficiaram da política.

Os dados confirmam efetivamente um maior beneficiamento de estudantes não autodeclarados racialmente, o que reafirma, a necessidade de cotas raciais e medidas de controle sobre a ocupação das vagas. Mostram também o ingresso crescente de estudantes autodeclarados negros no período, apesar das fraudes¹¹ denunciadas recentemente. São estes estudantes que tem feito o controle social da Política, de modo que nenhuma vaga destinada a eles se perca. *Nenhum Cotista a menos!* Este é o lema que tem norteado a ação dos coletivos negros estudantis na tarefa de monitoramento da ocupação das vagas de reserva, na denúncia de fraudes na autodeclaração, na articulação política com o Movimento Negro em diálogo e pressão para que a UFRGS cada vez mais abrace a Política demandada pelo MN e aprovada e vigente desde 2008. Estes movimentos em coletivos têm trazido resultados positivos, dada a apropriação dos estudantes com relação a AA e cotas e sua participação em instâncias institucionais importantes como o Conselho Consultivo da CAF e Comissão Permanente de Verificação das Autodeclarações Étnico-raciais.

Este breve histórico sobre a implementação das Ações Afirmativas faz crer que temos ainda muito chão pela frente para ir além da “Gota”, conforme anuncia o poema de Cuti. E isto inclui acolher igualmente os diferentes perfis de alunos que ocupam os bancos de nossa universidade. Este acolhimento no espaço acadêmico deve ultrapassar o sentido de receber e incidir profundada e continuamente em diferentes faces (pedagógica, cultural, afetiva, financeira, entre outras), que se constituem em movimentos de inclusão que estimulam a permanência e a finalização dos cursos pelos estudantes cotistas.

¹¹ O Coletivo Balanta denunciou, em julho de 2017, 400 fraudes na autodeclaração para ingresso na universidade, o que provocou a designação de Comissão Especial de Verificação da Autodeclaração Racial na UFRGS, cujo trabalho de análise iniciou no mês de novembro de 2017.

3.2 Relatórios 2012-2016 – em busca do sentido de acolher

Onde o acolhimento aparece? Esta é uma das interrogações que o tema central desta pesquisa –*acolhimento ao estudante negro na UFRGS após a aprovação da reserva de vagas* –busca compreender.

Nessa intenção e com base nas atribuições da Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas, elegi os relatórios da CAF como um dos espaços de análise.

A reunião de um conjunto de dados e informações sobre determinado projeto, facilita o olhar crítico e funciona como um instrumento de ajuste no planejado, podendo inspirar a alteração de atividades, focos, medidas de correção que assegurem o alcance de objetivos previstos quando da elaboração inicial da proposta.

A adoção de Ações Afirmativas para ingresso na UFRGS teve desde sempre essa compreensão, expressa na criação da Coordenadoria, vinculada à Pró-Reitoria de Coordenação Acadêmica, em agosto de 2012. O Relatório de 2017 traz textualmente essa atribuição: “Além da elaboração de relatórios do acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas, a de desenvolver um conjunto de ações visando promover o acesso e aprimorar condições de permanência dos estudantes” (UFRGS, 2018a, p. 3).

Diante disso, busco perceber o lugar e o sentido do acolhimento como um dispositivo de melhoria da permanência do estudante, desde os documentos públicos disponibilizados na página da Coordenadoria no período de 2012-2018.

Estas atribuições relacionadas diretamente com a permanência dos estudantes cotistas e a proposição de mecanismos de aperfeiçoamento do programa de AA, me estimularam a fazer uma busca textual pelos termos *acolhimento* e *permanência* nos relatórios, partindo da hipótese de que suas ocorrências possam se dar na mesma proporção, uma vez que a primeira pode ter um impacto significativo na trajetória dos estudantes.

Inicialmente, depusitei minha atenção em seis documentos, referentes ao período de 2012 e 2016, que trazem análises basicamente quantitativas. Posteriormente volto o olhar para os relatórios de 2017 e 2018, complementares, que trazem uma análise quali-quantitativa e apresentam experiências piloto de escuta a estudantes indígenas e cotistas, o que por si só representa um diferencial nos registros em questão.

Vejamos os dados:

Quadro 3– Ocorrência dos termos acolhimento/permanência nos relatórios públicos

Relatórios 2012-2016		
	Acolhimento	Permanência
- Relatório Ingresso	0	0
2012- Relatório Comissão de Acompanhamento	3	20
- Relatório Desempenho	1	0
2014- Relatório Anual 2013/2014	2	35
2015- Relatório Bianual 2013-2015	0	4
2016- Relatório Anual 2016	5	14

Fonte: Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ação Afirmativa (2015).

No ano de 2012, a Coordenadoria tornou públicos três relatórios avaliativos. O primeiro, elaborado por Comissão *ad hoc* à CAF, relatório do acompanhamento quantitativo do ingresso de estudantes no âmbito da política de reserva de vagas da UFRGS, no período de 2008-2012, apresenta uma análise quantitativa do impacto do Programa no perfil dos alunos ingressantes por meio do concurso vestibular (CV), conforme as duas categorias estabelecidas na Decisão 134/2007 do Conselho Universitário: estudantes egressos de escolas públicas e estudantes egressos de escola pública, autodeclarados negros. Os indicadores comparam os dados disponíveis relativos ao CV 2007, anterior à instituição da reserva, com os dados dos CV 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012, permitindo calcular os percentuais, no universo dos alunos inscritos e classificados, de estudantes egressos de escolas públicas e de estudantes egressos de escolas públicas autodeclarados negros. Considerando o objetivo deste trabalho e a fonte de dados para análise (informações oferecidas pelos inscritos no CV em questionário socioeconômico anualmente aplicado pela Comissão Permanente de Seleção - COPERSE), é fácil compreender a inexistência dos termos *acolhimento* e *permanência* neste primeiro documento.

O segundo documento, relatório da comissão de acompanhamento dos alunos do programa de Ações Afirmativas 2008-2012, focaliza especificamente o acompanhamento dos estudantes de escola pública e dos estudantes de escola pública autodeclarados negros ingressantes pela política de reserva de vagas, uma vez que, na ocasião, havia a Comissão de Acesso e Permanência do Estudante Indígena (CAPEIN), instância particular de acompanhamento desses estudantes.

Já no sumário do documento saltam aos olhos dois pontos que sugerem o encontro com os vocábulos procurados: 1) estratégias de promoção da permanência dos estudantes de escola pública e dos estudantes de escola pública autodeclarados negros na UFRGS; e 2) análise do desempenho dos estudantes no âmbito da política de reserva de vagas da UFRGS. E de fato o encontro acontece! São três ocorrências do vocábulo *acolhimento* e vinte do vocábulo *permanência*. Uma leitura mais atenta dos contextos em que a palavra *acolhimento* acontece demonstram que o sentido do verbo *acolher* está vinculado ao sentido de *recepcionar*, como uma oportunidade de divulgar o Programa de Ações Afirmativas e benefícios possíveis de serem acessados pelos estudantes de um modo geral, semelhante a uma das compreensões de acolhimento apontadas por Romanini, Guareschi e Roso (2017), quando analisando as Raps. A primeira ocorrência do termo (ROMANINI; GUARESCHI; ROSO, 2017, p. 11) está relacionada às ações realizadas pela Comissão de Acompanhamento dos Alunos do Programa de Ações no período 2008-2012:

2012 – Neste início de 2012, além de dedicar-se à elaboração de relatórios e à avaliação do Programa, a Comissão vem dando continuidade às ações de divulgação do Programa de Ações Afirmativas e de acolhimento dos estudantes ingressantes pela reserva de vagas, como consta a seguir. (UFRGS, 2012b, p. 11).

Já a segunda e terceira ocorrências do termo, respectivamente às páginas 27 e 28 do documento, estão relacionadas diretamente à análise do desempenho dos estudantes no âmbito da política de reserva de vagas e apresentam considerações finais. O relatório neste momento informa uma diferenciação no desempenho e taxas de evasão do estudante de escola pública autodeclarado negro em relação aos estudantes de acesso universal e os oriundos de escola pública não negros e destaca o potencial de acolhimento da seguinte maneira:

[...] as análises apresentadas sinalizam o potencial da política para o **acolhimento dos estudantes egressos de escola pública**¹² já que este grupo mostra desempenho equivalente ao dos estudantes que ingressaram pelo acesso universal. (UFRGS, 2012b, p. 27).

O trecho destacado assinala a direção do acolhimento aos alunos cotistas não negros e o faz a partir do desempenho dos estudantes e não ao contrário. Ou seja, não parte das ações de acolhimento ao conjunto de estudantes para verificar seu impacto nos diferentes grupos. Além disso, há um apagamento do estudante autodeclarado negro neste fragmento, o que, de certa maneira, se opõe ao trecho da referência seguinte do termo que afirma o

¹² Os grifos desse trecho e dos seguintes extraídos dos relatórios públicos são nossos.

potencial de acolhimento à diversidade pela UFRGS e seu compromisso em revisar-se, a fim de assegurar a qualidade da formação de todos os seus quadros discentes:

Essas considerações sinalizam o potencial do Programa de Ações Afirmativas tanto para o **acolhimento da diversidade** – de pessoas, valores, saberes – quanto para a **revisão/ampliação dos modos de pensar e agir da Universidade**, visando à qualificação da formação superior de todos os seus estudantes e à diversificação dos saberes difundidos e produzidos no interior da instituição. (UFRGS, 2012b, p. 28).

Todavia, há nas conclusões do documento a sinalização dos desafios que os resultados avaliativos de então apontam para a universidade:

Entretanto, se, por um lado, a política mostrou-se efetiva no sentido **de ampliar o ingresso** de estudantes egressos de escola pública e de estudantes egressos de escola pública autodeclarados negros (como indicado na análise do impacto da política de reserva de vagas no ingresso de estudantes na UFRGS), por outro, os resultados indicam que **a Universidade ainda precisa investir mais esforços no acompanhamento dos egressos de escola pública autodeclarados negros em direção à completa efetivação da política**. (UFRGS, 2012b, p. 27).

Mais uma vez o verso de Cuti (2010), “A cota é só a gota”, se apresenta pleno de sentido. A reserva de vagas não é suficiente.

Já com relação ao termo *permanência*, encontramos 20 ocorrências, cujo significado, na maior parte das vezes, relaciona-se à manutenção e adaptação do estudante cotista na universidade, na tentativa de evitar qualquer constrangimento. Neste sentido, entre as ações de apoio à permanência descritas, nos primeiros tempos da política, além de preocupar-se com a divulgação da Política de AA, a universidade buscou a troca interinstitucional de experiências, a qualificação de técnicos e docentes, a articulação com Unidades de Ensino para o acolhimento nas matrículas e cuidado com os trotes. As ações formativas para a comunidade acadêmica, iniciativas de apoio pedagógico e políticas de benefício envolveram a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e a Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT). Importante destacar que as iniciativas de caráter pedagógico não eram exclusivas a estudantes cotistas, beneficiavam a totalidade dos estudantes.

O último relatório de 2012, Análise do desempenho dos estudantes no âmbito da política de reserva de vagas da UFRGS, acrescentou às análises relativas ao impacto do Programa no perfil dos estudantes ingressantes por meio do CV, a análise do desempenho de todos os acadêmicos que ingressaram na universidade em 2008, após a adoção da política de reserva de vagas, conforme Decisão 134/2007 do CONSUN. O caráter de análise quantitativa

do documento justifica a não ocorrência do termo *permanência* e uma única ocorrência do termo *acolhimento*, quando em referência a dados do relatório anterior.

Em 2014, o Relatório anual do Programa de Ações Afirmativas 2013/2014, primeiro após a criação da CAF, apresenta um diferencial com relação aos relatórios de 2012, que é a inclusão de dados relativos aos estudantes indígenas.

Encontramos no documento duas ocorrências do termo *acolhimento*, ambas relacionadas ao momento das matrículas dos estudantes, evidenciando a preocupação da CAF com a capacitação de servidores técnico-administrativos para este trabalho, especificamente em consideração aos cotistas. Além disto, novamente o termo *acolhimento* se apresenta no sentido de recepcionar e informar.

Matrícula dos Calouros (Etapa 1) [...] esse envolvimento é visto por esta Coordenadoria como uma oportunidade estratégica de capacitação dos técnicos-administrativos da UFRGS para recepção dos calouros e tratamento de questões como a autodeclaração étnico-racial e o **acolhimento de estudantes que de fato desconhecem a estrutura da Universidade**. (UFRGS, [2014], p. 47, grifo nosso).

A atenção para que o estudante possa conhecer a estrutura da universidade tem sido trabalhada em diferentes espaços e grupos. Há várias experiências de extensão e de movimentos sociais direcionadas ao público externo na pretensão de fazer esta apresentação. Com relação ao estudante ingressante, suas falas várias vezes confirmam essa afirmativa do relatório, o que poderemos ler mais adiante nesse texto.

A referência ao *acolhimento* e matrícula de estudantes indígenas é colocada em tópico separado, destacando a articulação PRAE, PROGRAD e COMGRADs para este fim. Embora o *acolhimento* aos indígenas não seja o foco específico dessa escrita, observa-se que mesmo em ações de *acolhimento* direcionadas a este público específico, o sentido do termo permanece o mesmo de quando se refere aos estudantes de um modo geral.

Acolhimento e matrícula dos estudantes indígenas - Essa atividade é organizada todos os anos e visa a promover a recepção dos novos estudantes, **a orientação quanto aos programas de benefícios da Universidade e atividades de matrícula**. A organização dessa atividade é realizada em conjunto com a PRAE, PROGRAD e COMGRADs. (UFRGS, [2014], p. 48, grifo nosso).

Já com relação ao termo *permanência*, o número de ocorrências salta para trinta e cinco. Embora este número tão expressivo, na maior parte das vezes ele está relacionado ao tempo de *permanência* do estudante do curso. As exceções na leitura do termo vinculam-se aos chamados programas de *permanência*, ou seja, os que dizem respeito a ações que a universidade mantém na direção de qualificar o percurso universitário dos estudantes, além de oferecer atividades compensatórias nos casos em que estes tenham necessidades específicas

que dificultam seu progresso nos cursos, sejam elas de caráter material, sejam relacionados a suas trajetórias educacionais. Tais ações não são executadas diretamente pela Coordenadoria de Ações Afirmativas, órgão de gestão articulador que é, sendo seu papel o de interagir com os órgãos responsáveis por cada programa. Desse modo, as atividades ligadas à permanência são realizadas pela PRAE, PROGRAD, COMGRADs, Secretaria de Relações Internacionais, PROEXT, com apoio e articulação da CAF.

O Relatório bianual do programa de Ações Afirmativas–permanência e desempenho discente 2013-2015 apresenta uma análise quantitativa de dados retirados do sistema acadêmico da universidade e disponibilizados pelo Centro de Processamento de Dados (CPD), no que concerne a indicadores de permanência e desempenho, o que explica a não ocorrência do termo acolhimento e a ínfima ocorrência do termo permanência, em número de quatro, sendo estas apenas relativas às atribuições da CAF.

No último relatório analisado, o Relatório anual do programa de Ações Afirmativas, referente ao ano de 2016, encontramos cinco vezes o termo acolhimento e catorze vezes o termo permanência. Diferentemente do sentido explícito de *acolher* como *recepcionar* em relatórios anteriores, estas ocorrências sugerem o sentido de *hospedar* (particularmente aos estudantes indígenas), principalmente quando a ocorrência se vincula a preocupações quanto ao índice de evasão dos estudantes. Nesse sentido, aproximam-se da perspectiva derridiana, assumindo o acolher como um ato ético em relação ao outro. Segundo Paese (2016, p.100), “penetrar no território do outro é rever o sentido da própria identidade espacial [...] Este ato dá sentido à existência do diferente, que faz o lugar de acolhida acontecer com sua chegada. Alguns trechos do documento ilustram melhor esta compreensão:

Os aspectos relativos a evasão de **estudantes indígenas** torna-se algo que merece uma **maior atenção das práticas de acompanhamento e acolhimento empreendidas na universidade**, inclusive porque o fenômeno não pode ser alinhado com aspectos já conhecidos sobre a evasão e relacionados unicamente com a escolarização da família, que por si só evidencia a **singularidade da desvantagem social desse segmento em relação aos demais segmentos que são abarcados pela reserva de vagas**. (UFRGS, 2016, p. 45, grifo nosso).

Com relação às Calouradas Afirmativas, evento de recepção aos estudantes, lemos: “Atividade de acolhimento dos novos cotistas está inserida em uma estratégia para o estabelecimento de relações de natureza intelectual entre as ações afirmativas e as diferentes áreas do saber na universidade” (UFRGS, 2016, p. 57). As calouradas, conforme descrito na própria apresentação da atividade, visavam recepcionar os alunos cotistas e introduzi-los na unidade. Iniciativa bastante significativa, realizada durante três anos consecutivos (2013-

2015), deslocou-se da Faculdade de Direito para a Enfermagem e, posteriormente para o Instituto de Artes. Em cada unidade compôs uma programação relacionada a temáticas que lincavam as AA às questões do curso, estimulando o encontro dos cotistas com especialistas nos temas escolhidos e com egressos do ensino superior, negros ou indígenas. Apesar de mobilizar docentes de cada unidade de ensino na concepção e organização dessa atividade de caráter pontual, não se desdobrou em outras ações de apoio aos estudantes cotistas, nem estimulou a constituição de uma rede contínua de relação, entre eles e a totalidade de alunos de cada unidade.

Além destas, destacamos as demais ocorrências do termo no mesmo documento, relacionadas às atividades regulares e eventuais da CAF: “Acolhimento e proposição de demandas referentes à assistência estudantil”; “Acolhimento e proposição de demandas relativas ao acompanhamento pedagógico”.

Quanto às ocorrências do termo permanência, referem-se às atribuições da CAF, à participação de membros da equipe da Coordenadoria em eventos, a ações de capacitação de servidores visando a atualização dos mesmos com relação às AA na UFRGS e a possibilidade de criação de metodologias que aprimorem a implementação da Política de Ações Afirmativas em nossa universidade.

Este primeiro rastreio pelos documentos disponibilizados pela CAF – relatórios 2012-2016 – mostra que todas as ações de acolhimento ou permanência oferecidas pela universidade no período destinam-se à totalidade dos estudantes ou aos estudantes cotistas de um modo geral. Excetua-se o acolhimento aos estudantes indígenas. Não aprofundaremos essa questão porque ela foge ao escopo desse trabalho.

3.3 Relatórios 2017 e 2018 – a escuta como elemento central no acolhimento

Os Relatórios de 2017 e 2018 voltam-se para a análise do desempenho dos alunos cotistas de graduação, e complementam-se nas faces qualitativa e quantitativa.

O Relatório 2017, além de fazer uma síntese das análises anteriores, versa sobre inclusão social e questões transversais das AA – inserção de disciplinas referentes à educação das relações raciais (ERER) nos currículos acadêmicos, apresenta inovações na regulamentação do ingresso em vagas do programa de AA e novas formas de ingresso na graduação e dedica um capítulo à análise qualitativa no desempenho acadêmico no qual apresenta experiências de

[...] escuta e sistematização do que seria acessar os percursos acadêmicos a partir de projetos-piloto marcadamente qualitativos. Os estudos abarcam alunos cotistas que ingressam através da reserva de vagas e também pelo ingresso especial para candidatos indígenas. (UFRGS, 2018a, p. 3).

Neste momento, vou me deter às informações referentes aos projetos-piloto, já que eles apresentam dados de uma interação direta com os estudantes da reserva de vagas, o que pressupõe um retrato mais fiel das expectativas e sugestões dos mesmos com relação ao apoio necessário para evitar a retenção e evasão nos cursos. De acordo com a perspectiva da própria Coordenadoria, “os aprimoramentos das formas de observar a retenção e evasão podem gerar modos de acompanhamento fundamentais (e inovadores) para propiciar o engajamento do aluno em uma efetiva diplomação” (UFRGS, 2018a, p. 22).

Entre os objetivos dos projetos-piloto consta a intenção de um afastamento das leituras qualitativas realizadas até então sobre fatores que induzem a retenção e a evasão, o que tem estimulado atendimentos individualizados, fazendo crer que as questões levantadas pela análise são devidas a fatores subjetivos, “como se fossem vividos como uma situação única, individual (mesmo que recorrente)” (UFRGS, 2018a, p. 22).

Esta concepção pode atuar como um maquiador das reais causas deste problema ao fazer crer que a solução destas “questões subjetivas”, mesmo que recorrentes, estão fora do alcance da instituição. Cabe ainda indagar qual o universo de questões que estão contempladas no adjetivo “subjetivas” nesse caso.

Nesse sentido, a compreensão sobre a complexidade que envolve o processo de inclusão do estudante cotista e, no âmbito deste trabalho, particularmente, o estudante negro ingressante pela reserva de vagas ou não, está sintonizada com a percepção da CAF, apontada no Relatório de 2017, ao se referir a elementos que interferem no engajamento dos alunos aos projetos pedagógicos dos cursos e afirmar que

As indagações que perpassam este tópico visam alcançar formas efetivas de propiciar a inclusão social dos alunos, **compreendendo a inclusão não somente como a ocupação da vaga, mas a aspectos relacionados à plena participação na vida acadêmica**, observando seu desempenho não apenas como uma leitura dos resultados obtidos no desempenho acadêmico semestral dos alunos, mas uma forma de aprimorar o entendimento sobre a retenção e a evasão para orientar ações institucionais de acompanhamento nos cursos de graduação. (UFRGS, 2018a, p. 22).

Como relatado anteriormente, são dois os projetos-piloto experienciados pela CAF. O primeiro, **ESPECIFICIDADES NO PERCURSO ACADÊMICO DE ESTUDANTES INDÍGENAS**, foi motivado pela preocupação das COMGRADs com o possível jubramento de alguns desses estudantes, apesar do acompanhamento individual oferecido aos mesmos

pela Comissão de Graduação de cada curso. Cabe destacar que em dez anos de ingresso de estudantes indígenas através de vagas específicas, no universo de 95 (noventa e cinco) indígenas ingressantes, constam sete diplomados.

A execução do projeto-piloto acima mencionado envolveu uma equipe de trabalho composta por duas técnicas em assuntos educacionais (TAEs) da CAF e a equipe técnica da PRAE que, em quatro meses, realizaram encontros dialogados com duração de 3 horas cada, a fim de “compreender as dificuldades acadêmicas e o modo como os diferentes insumos mobilizados para a permanência indígena vinham sendo implementados” (UFRGS, 2018a, p. 32). Buscava também “registrar os modos coletivos de fortalecimento dos estudantes e a colaboração direta de monitores e orientadores para minimizar tais dificuldades” (UFRGS, 2018a, p. 32).

O formato do projeto piloto relaciona-se às compreensões e metodologias de acolhimento defendidas por Romanini, Guareschi e Roso e Teixeira, respectivamente. O primeiro, compreendendo a construção do comum como uma abertura ao outro e o segundo adotando o acolhimento-dialogado, onde a voz do outro se insere no processo de busca de soluções.

No andamento do projeto, na sequência dos resultados parciais, “eram efetuados encaminhamentos imediatos detectados no atendimento, desde cancelamentos de matrículas em disciplinas, até contato com orientadores e monitores” (UFRGS, 2018a, p. 32). Esses encaminhamentos visavam a um impacto positivo imediato na condição do estudante.

Esse processo de escuta destacou a dificuldade de adequação dos estudantes indígenas ao plano pedagógico de seus cursos e levantou questões sensíveis comuns na percepção deles, tais como currículos demasiadamente engessados, organização dos cursos, tempos, espaços, normativas, matrículas sem orientação presencial, recorrente dificuldade em algumas disciplinas específicas do curso – algumas delas difíceis também para alunos não indígenas – dificuldades de acessar as monitorias de disciplinas e a questão do vínculo com monitores indígenas e orientadores.

Com relação à vida acadêmica, os estudantes denunciam a vivência de situações de discriminação, afirmam que não se reconhecem nos cursos e no conteúdo das disciplinas, apontam a possibilidade de outras formas de lidar com a trajetória acadêmica (movimentos de respiração/retornos à comunidade) e a centralidade da maternidade para as estudantes mulheres, bem como a necessidade de convivência com filhos e parentes, entre outras questões.

Entendendo-se que “Acolher é uma prática ética, que requer, antes de mais, o reconhecimento do Outro pela sua existência, pela sua dignidade e pelas suas necessidades, sendo marcado pela diferença” (MENEZES, 2012, p. 1), e que também “O acolhimento implica ouvir o hóspede. O acolhimento é uma resposta ao hóspede” (MENEZES, 2012, p. 1), esse piloto ensejou a elaboração do Projeto de Acolhimento aos Ingressantes como forma de instrumentalizar os demais alunos que iniciavam os primeiros meses de sua permanência na UFRGS.

A escuta realizada por essa ação destaca “a necessidade de dotar as salas de aulas com outras dinâmicas mais coletivas e que proporcionem um conhecimento mútuo entre alunos e a valorização de suas diversas procedências como forma de potencializar seu engajamento no Plano Pedagógico dos cursos de graduação” (UFRGS, 2018a, p. 37).

O segundo projeto-piloto anunciado no relatório de 2017, PROJETO-PILOTO SOBRE A PERMANÊNCIA DE ALUNOS COTISTAS: SER ACOLHIDO, ESTAR E DESENVOLVER-SE NO CURSO DE GRADUAÇÃO, propõe o estudo exploratório de cinco cursos de graduação por estudantes bolsistas da CAF. A proposta parte do desejo dos próprios estudantes de conhecerem seus cursos. Através das questões geradoras “*Que ação de permanência seria interessante aos estudantes cotistas, que traria algum benefício às problemáticas que eles vivenciam no seu curso? Quais são essas problemáticas?*” (UFRGS, 2018a, p. 38), os estudantes foram estimulados a visitar as COMGRADs de seus cursos, interagir com colegas, construir momentos coletivos de diálogo, a fim de inventariar informações e ações de acolhimento eventualmente produzidas localmente pelas Comissões de Graduação.

Este projeto-piloto trouxe como resultado o destaque de alguns aspectos, tais como problemas frequentes identificados na grade curricular, seja pela dificuldade de organizá-las para cursos noturnos, seja para mover-se entre diferentes campi da universidade com a finalidade de cumprir a seriação, formas de cumprir a grade recomendada pelas COMGRADs e um ritmo mais lento de realizar a grade curricular por esses estudantes. Expressam, portanto, que as dificuldades em seguir as etapas do curso não são episódicas.

Cabe destacar que há uma relativa carência de informações sobre essa experiência em comparação com o projeto analisado anteriormente, o que em certa medida fragiliza a possibilidade de leitura da experiência.

É ainda interessante notar que esse piloto trata de alunos cotistas, não apresentando qualquer recorte racial. Efetivamente, considerando que a Política de AA vigente é de cotas sociais, com subcotas raciais, observa-se no documento e na proposta desse

projeto piloto a tendência de não abordar aspectos de inclusão racial, em se tratando da reserva de vagas, sendo os estudantes PPI invisíveis neste processo.

Retomando o exercício realizado com os seis primeiros relatórios, prossigo a busca textual pelos termos *acolhimento* e *permanência* nestes dois últimos documentos. O resultado da busca pelo primeiro termo no Relatório de 2017 aponta dez ocorrências, sendo quatro delas referentes a estrangeiros, refugiados e imigrantes; três referentes a estudantes indígenas, uma ocorrência referente a estudantes cotistas e as demais foram utilizadas com sentido não vinculado a qualquer público. Similarmente ao que ocorreu com os primeiros relatórios, tratando-se do vocábulo *permanência*, há um salto na quantidade de vezes em que ele é utilizado, nesse caso em número de trinta e sete. No entanto, o sentido do termo não se associa a ideia de acolhimento e é utilizado majoritariamente com relação ao estudante cotista de um modo geral (26 vezes) e outras vezes (11 ocorrências) relacionado ao tempo de permanência dos estudantes indígenas nos cursos.

Repetindo esse exercício no Relatório 2018, encontramos nove ocorrências do termo *acolhimento*, destas, cinco vinculadas ao estudante indígena e as demais relacionadas ao estudante cotista em geral. Com relação ao termo *permanência*, mais uma vez as ocorrências se multiplicam, ficando em número de 23. Praticamente todas se referem ao estudante de acesso universal ou ao cotista de um modo geral. Apenas duas exceções se vinculam ao estudante indígena neste documento.

Estes resultados apontam que o acolhimento específico ao estudante negro não é uma questão central na universidade. Quando os documentos analisados referem o acolhimento, o fazem, na grande maioria das vezes, cumprindo uma formalidade, ocasião em que o termo assume o sentido de *recepcionar*, oportunidade em que ocorre a divulgação de benefícios possíveis de serem acessados na assistência estudantil pela totalidade dos estudantes. Podemos inferir que nesse movimento ocorre o que Santos (2002) chama de sociologia das ausências, sendo o estudante negro produzido como não existente e suas necessidades específicas de acolhimento, portanto, ignoradas. Essa produção do negro como inexistente e a consequente fragilidade do acolhimento revela-se como uma das faces do racismo estrutural (ALMEIDA, 2018), atuando nas regras e práticas da universidade. Há uma certa resistência da instituição no reconhecimento das especificidades carregadas pelos corpos dos estudantes negros e indígenas e das demandas que esses corpos impõem. Está intrínseco na concepção estrutural do racismo a naturalização de determinado tipo de relação. Desse modo, naturaliza-se que as regras, programas, formas de produção de conhecimento, vigentes na universidade, até então relativamente suficientes para o público estudantil majoritariamente

branco, devem continuar as mesmas. Cabe aos cotistas adequarem-se a esse padrão de normalidade, o que anteriormente foi afirmado por Doebber (2011, p. 22), “[...] para o aluno negro, reconhecer-se diferente é a condição de entrada, tornar-se igual é a estratégia de permanência no jogo”.

Para trazer ainda mais um exemplo de como essa naturalização se expressa, reafirmando a forma como o racismo estrutural impacta as relações, inclusive no âmbito da academia, retorno ao relatório da CAF onde se lê:

[...] as análises apresentadas sinalizam o potencial da política para **o acolhimento dos estudantes egressos de escola pública**¹³ já que este grupo mostra desempenho equivalente ao dos estudantes que ingressaram pelo acesso universal. (UFRGS, 2012a, p. 27).

Observa-se nesse trecho que a experiência acumulada no acolhimento ao estudante ingressante pela ampla concorrência, cujo perfil é tradicional na universidade, é a referência para balizar a análise institucional com relação ao acolhimento dos demais estudantes, egressos de escola pública e PPI, sinalizando certa dificuldade da universidade em reconfigurar suas práticas no encontro com esses novos sujeitos.

¹³ Os grifos desse trecho e dos seguintes extraídos dos relatórios públicos são da autora.

4 BIXOS NEGRXS NO ATO DE ESCREVIVER

*Quem arreda a pedra não é aquele que sufoca o outro, mas
justo aquele que sufocado está.*

Conceição Evaristo

O coletivo estudantil Bixos Negrxs, existente na universidade desde o ano de 2017, entre outros que lhe antecederam ou ainda estão brotando, tem sua ação analisada nesse trabalho, considerando a atuação contínua de recepção e acolhimento ao estudante negro, enquanto ato de insubordinação e de escrevivência. Insubordinação ao *status* do acolhimento até então percebido por eles e sobre a perspectiva de que assumir-se negro, encontrar referências, estabelecer-se coletivo, é uma forma de contribuição para a boa permanência e conclusão de cursos pelos negros.

Além do foco de atuação do projeto estar em sintonia com a temática desse trabalho de pesquisa – o acolhimento ao estudante negro, a forma de comunicação que o projeto propõe, com registros contínuos de proposições e resultados, torna mais acessível a recuperação do histórico do grupo, a localização dos sujeitos inseridos na proposta e a análise das atividades até então empreendidas. Iniciamos com a contextualização do nascimento do projeto.

A adoção da Política de Ações Afirmativas na UFRGS, conforme Relatório 2015 da CAF, inseriu na universidade, no período 2008-2015, 12.471 estudantes cotistas. Neste universo, compõe a categoria negro (termo utilizado até o ano de 2012) ou autodeclarado preto, pardo ou indígena – PPI (terminologia adotada a partir da Lei de Cotas) um contingente de 3359 estudantes. É notável que os principais beneficiados pela Política sejam os estudantes oriundos de escola pública não negros, embora o fundamento da luta pela reserva de vagas para negros seja a profunda desigualdade racial vigente em nosso país e a necessidade de políticas de reparação histórica a negros e indígenas.

Esses dados nos fazem refletir sobre o que seja de fato justiça social e discutir o sentido do que se consolidou com a Lei nº 12.711 de 2012 para os dois segmentos, negro e branco pobre. Segundo Anjos e Camisolão,

Na medida em que as múltiplas precariedades das escolas públicas pesam com especial incidência sobre as trajetórias de estudantes negros, cujas dificuldades econômicas estão sempre acrescidas pelos efeitos do racismo cotidiano, o sistema de

filtros, que é a reserva de vagas, acaba beneficiando mais aos brancos pobres do que aos negros igualmente pobres. Como a política de cotas aparece para o público mais geral como sendo uma política apenas de corte racial, o segmento negro acaba ficando com o ônus da demonstração da justiça da política, enquanto segmentos brancos pobres se beneficiam de modo muito mais consistente. (ANJOS; CAMISOLÃO, 2017, p. 36).

Apesar desse resultado, o grupo de estudantes negros ingressantes comparado ao período anterior à reserva de vagas é bastante significativo, independentemente de qualquer dado de análise quantitativa. A presença deles na universidade tem sido visível não somente pelas marcas fenotípicas que carregam, mas pela postura ativista que têm adotado no monitoramento da política, pela proposição de ações que contribuam para sua boa permanência e de seus pares na academia, em atitudes de denúncia e combate a situações de discriminação racial e em ações de acolhimento aos calouros negros. É a esta última questão que eu pretendo me deter neste momento, embora reconheça os liames que unem todas elas.

Os estudantes cotistas, e particularmente os negros, são considerados e percebidos, até por eles próprios, como estrangeiros no espaço da universidade. Estar numa das melhores instituições de ensino superior do país, transitando da educação básica pública, cujas condições de ensino apresentam deficiências de recursos econômicos, físicos e humanos, não trazer para este espaço o mesmo capital cultural de estudantes brancos e privilegiados e não dominar a linguagem da academia, já são elementos suficientes de estranhamento e sensação de não lugar. Mas somado a isto está a expectativa de um apagamento identitário e cultural durante o período de permanência na academia e de um sobre-esforço deste sujeito para atender todas as demandas que esta instituição impõe.

Desse modo, experimentam a condição de *outsiders within*, termo cunhado por Collins (2016) e que pode ser traduzido por *estrangeiros de dentro*. Esse *outro* invisível, um *outsider-incluído*, estudante cotista negro, vive as tensões da convivência num espaço tradicionalmente classe média e branco, é crítico em relação a dinâmicas, regras, práticas institucionais que não são vistas como problemáticas até então e criativamente busca alternativas para permanência e sobrevivência neste espaço. Nosso *outsider within* tem como vantagem a possibilidade de olhar tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora do espaço acadêmico, de modo a se constituir num importante interlocutor com seus iguais, no processo de inclusão na academia. É também um elemento fundamental no sentido de trazer à luz questões ainda invisíveis para a universidade, sendo um propulsor de ações, programas ou políticas que possam contribuir para uma melhor permanência do estudante cotista na universidade em seu processo de formação acadêmica.

Doebber (2011, p. 122), ao pesquisar como as práticas institucionais em funcionamento na UFRGS operam na inclusão de estudantes negros ingressantes pelo Programa de Ações Afirmativas, afirma que

[...] para o aluno negro, reconhecer-se diferente é a condição de entrada, tornar-se igual é a estratégia de permanência no jogo. Porém, nem sempre é possível e fácil tornar-se igual, como também pode não ser o objetivo destes alunos ao ingressarem na universidade. Assim, apesar do programa ter como objetivo promover a diversidade no âmbito acadêmico, para estar na academia é necessário ser como os outros. A pretensão da diversidade esbarra na necessidade de homogeneidade que a universidade impõe, e, na medida em que a universidade passa a ver diferentes como iguais, reforçam-se as desigualdades existentes.

É exatamente neste ingresso que já se destaca a necessidade de reflexão e ação em termos de acolhimento a estes sujeitos. Perceber que a exigência de que o estudante cotista se anule e “torne-se igual” é a primeira violência sofrida por ele neste espaço, nos provoca a interrogar que hospitalidade está sendo oferecida na instituição.

É em resposta a essa indagação que os estudantes negros passam a organizar-se em coletivos por unidade de ensino ou em pequenos grupos e a desencadear ações de acolhimento aos ingressantes. Partem de experiências individuais e coletivas de dificuldades de socialização no ambiente acadêmico, de vivências de racismo e discriminação, da dificuldade inicial do domínio da língua do “dono da casa”. Já mais expressivamente presentes na academia, assumem o acolhimento aos calouros negros como uma de suas responsabilidades.

Assim surge o projeto Bixos Negrxs,¹⁴ iniciativa que vem se consolidando na universidade. Idealizado inicialmente por três estudantes, visa à integração e acolhimento dos calouros negros na UFRGS e também a tornar a Foto Oficial dos Negros da UFRGS uma tradição para todos os estudantes negrxs.

A primeira iniciativa do grupo foi promover um encontro de estudantes negros na realização de uma foto coletiva no Campus do Vale, em agosto de 2017, provocada pela experiência de buscar seus iguais nas filas do RU, na dificuldade de aproximação, no sentir-se sem amigos no curso. A expectativa do grupo era o registro dos que estudavam naquele *campus*, mas o resultado da chamada os surpreendeu, já que a maioria dos estudantes que foram ao encontro da foto eram do Campus Centro ou Saúde, o que ratificou a necessidade de um investimento maior em ações deste tipo no processo inclusivo em curso. Observa-se nesse movimento que as ações de assistência estudantil, mesmo que em alguns casos direcionadas a

¹⁴Atualmente integram o Bixos Negrxs cinco estudantes que dividem as tarefas na articulação do projeto. São eles: Morghana Benevenuto, Ciências Sociais; Andrey Souza, Matemática; Caroline Ferreira, Matemática; Franciele Silva, Relações Internacionais; Jéssica Ferreira, Publicidade e Propaganda.

um público específico, como acontece com os estudantes indígenas, não é suficiente em apoio a permanência de estudantes.

A repercussão dessa iniciativa foi tamanha no sentido de expressar a importância da representatividade para o empoderamento dos negros na UFRGS que permitiu outra articulação para a repetição da foto no Novembro Negro.¹⁵

Nas palavras do próprio coletivo idealizador da foto, reproduzimos este histórico:

Tudo começou quando nós tivemos a brilhante ideia de fazer uma Foto Oficial dos Bixos Negrxs. Na época, não pensávamos em projeto, página e essas coisas, mas queríamos ter um momento de união com os pretinhos que recém tinham entrado na universidade, assim como nós. [...]A Foto bombou tanto, que dois meses depois, em novembro, o NEAB UFRGS nos procurou e perguntou se não topariamos ajudar na construção de um registro com todos os negros e negras, pois a foto dos calouros havia inspirado algo bem maior... E foi assim que surgiu a Foto Coletiva dos Negros e Negras da UFRGS, com uma construção coletiva e apoio de vários departamentos e núcleos. Hoje estamos transformando esse momento em tradição na universidade. (BIXOS NEGRXS, 2018, n.p.).

Desse modo, a foto coletiva de negros e negras da UFRGS aconteceu também no Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, nos anos de 2017, 2018 e 2019, inserida num conjunto de atividades acadêmicas mobilizadas por estudantes, técnicos e docentes. Segundo Wagner Machado, um dos articuladores da foto,

Unir tantos negros dentro de um espaço de poder era algo impensável há uma década, quando não existiam as políticas públicas. Hoje isso é uma realidade e não há retrocesso que possa impedir a nossa presença e produção de conhecimento. (FOTO, 2018, n.p.).

No amadurecimento da reflexão sobre esta iniciativa despretensiosa, na intenção do “simples” encontro, o projeto Bixos Negrxs criou uma página no facebook e um canal no Instagram para divulgar e compartilhar ações desenvolvidas. O desafio que se apontou foi o de como dar continuidade às ações.

Em conversa com três integrantes do projeto,¹⁶ realizada na universidade, os estudantes relataram que a construção do Bixos Negrxs está em andamento. Contam que tem aprendido muito na escuta e observação dos coletivos nascentes na universidade. Nestes três

¹⁵ Conjunto de atividades acadêmicas realizadas no mês de novembro, articuladas em diferentes unidades de ensino, pautando questões relacionadas às populações negras e suas lutas por igualdade racial, com o objetivo de fortalecer ou desencadear ações que colaborem com a promoção da igualdade racial e educação das relações raciais no espaço acadêmico. O ponto de culminância do Novembro Negro é o dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, quando é realizada a foto coletiva.

¹⁶ Após a análise das postagens em rede social, agendei uma conversa com o projeto Bixos Negrxs a fim de complementar a leitura da trajetória do grupo. Participaram desse encontro três dos cinco integrantes do coletivo: Andrey Silva, Caroline Ferreira e Morghana Benevenuto, no dia 4 de junho de 2019, no pátio da Faculdade de Educação da UFRGS. Esta conversa foi gravada e transcrita pela pesquisadora. O texto que integra esta dissertação foi compartilhado com o grupo previamente.

anos, cada passo dado foi inspirado nesse movimento de escuta, observação e ação. Depois do primeiro ano, 2017, cuja ação principal foi o registro fotográfico de negros no Campus Vale, seguiu-se a experiência de acolher e compartilhar imagens e narrativas de vida dos calouros negros, experiência muito gratificante pela oportunidade de visualizar o que o grupo tinha em comum, tanto em trajetórias de vida, em sonhos, quanto em estratégias de atingir seus objetivos.

Mas não promoveu o encontro! Este passo adiante – encontrar-se, libertar-se da solidão, constituir-se grupo – acontece neste ano de 2019, desde a iniciativa do Coletivo de Estudantes Negros do curso de Letras, ao registrar fotograficamente o primeiro encontro de cotistas do curso e enviar a imagem para o Bixos Negrxs. Este movimento foi o *insight* para a importância da articulação dentro de cada curso.

Neste momento, os estudantes acrescentam à dinâmica de uma única foto no 20 de novembro, para dar cor, voz e corpo aos cotistas dentro de seus cursos, a realização de uma foto também nas unidades de ensino a cada início de semestre. Corpo-cor, corpo-voz, corpo-vez.

4.1 Corpo-cor

O registro da imagem dos negros em cada curso é o primeiro movimento no sentido de estimular uma série de encontros e trocas, virtuais ou não, a fim de colaborar para a posituação de sua autoestima, para a consciência crítica da realidade das relações interpessoais e acadêmicas e para a possibilidade de ver no outro igual o ponto de apoio para superação de dificuldades e enfrentamento a opressões. A assunção da identidade negra na UFRGS como primeiro ato do aluno ingressante pelas cotas raciais movimenta-se na contramão da opção institucional, que é tratá-lo como um *igual*, destituído de história própria, conhecimento e racialidade, o que colabora para deslegitimar sua luta por superar processos de opressão e dominação. Trata-se de um estímulo ao empoderamento desse grupo para que ocupe e viva, sem receio, o espaço do compartilhamento e produção de conhecimento na academia.

Segundo Farias (2018),

Representatividade é, também, a qualidade de nos sentirmos representados por um grupo, indivíduo ou expressão humana, em nossas características, sejam elas físicas, comportamentais ou socioculturais. É por meio desta qualidade que nos sentimos parte de um grupo, pertencentes a ele, compartilhando experiências, impressões, sentimentos e pensamentos com seus membros. (FARIAS, 2018, n.p.).

É nesta perspectiva que a afirmação *Sim, representatividade importa!* tem pavimentado o caminho dos estudantes negros na UFRGS. Com relação ao impacto de pintar de negro a UFRGS, cabe assinalar o depoimento de Morghana Benevenuto

Foi a partir da foto coletiva que a gente percebeu o quanto uma foto pode mudar a visão das pessoas totalmente, sobre o que é ser negro dentro da universidade e quantos somos. A questão numérica, quantitativa mesmo porque quanto a gente tirou a foto, imagina foram 30 negros a primeira foto. Não é muita gente, mas quando a gente postou na rede social a impressão que a gente tinha é que as pessoas viam 300 negros na foto. As pessoas realmente ficaram muito impressionadas, ficaram muito impressionadas mesmo¹⁷.

O fato de reunir os cotistas negros tornou-os mais visíveis uns aos outros e também aos não negros. Enquanto indivíduos, andando descontraídos, pareciam inexistentes ou muito poucos. Além disto, a impressão de que as pessoas viam 300 alunos em vez de 30, fato que impressionou o próprio Bixos Negrxs, abre a possibilidade de duas leituras: a primeira de que era tão pequena a presença de negros na universidade anterior às cotas que há um *zoom* na imagem do negro neste momento; a segunda, relaciona-se ao potencial de conhecimento e de renovação que o corpo negro representa ao ingressar neste espaço. Essas duas dimensões são chaves no empoderamento de todos os negros que participaram deste processo.

4.2 Corpo-voz

Perder o medo, sentir-se em companhia, poder dizer *Não mexe comigo, que eu não ando só[...]* *Eu tenho Zumbi, Besouro, o chefe dos tupis*¹⁸ é o impacto imediato de dar corpo à cor e espaço para que a voz do estudante negro seja escutada. É a hora de sair do silêncio imposto há tanto tempo.

Ao avaliar impactos e desdobramentos das ações em andamento pelo projeto Bixos Negrxs, a estudante Caroline Ferreira reflete sobre os resultados observados em si mesma, no empoderamento individual e coletivo que se manifesta em seu percurso.

E até pros próprios integrantes do nosso coletivo, no caso mais fisicamente eu. Quando eu entrei para a foto oficial dos Bixos Negrxs, **eu comecei a me sentir muito mais acolhida e muito mais, como vou dizer, muito mais atrevida**,¹⁹ digamos assim, pra trazer este tipo de debate pro meu meio, sabe. Tanto pro meu

¹⁷Depoimento retirado de Conversa informal realizada com as alunas Andrey Silva, Caroline Ferreira e Morghana Benevenuto, no dia 04 de junho de 2019, no pátio da Faculdade de Educação da UFRGS. Todas aceitaram ter o seu nome divulgado.

¹⁸Trecho da canção *Carta de Amor*, de composição de Maria Bethânia e Paulinho Pinheiro, e integrantedo DVD *Carta de Amor* (ao vivo), lançado em 2013, pela distribuidora Biscoito Fino.

¹⁹Esse grifo e outros na sequência dos depoimentos são da autora.

DA (Diretório Acadêmico) quanto pra outros lugares que eu passasse. [...] tanto que hoje eu sou da gestão do meu diretório. Tipo assim, é uma coisa tipo assim, sempre tem alguém com aquela vontade de trazer este tipo de debate pro teu diretório, pro teu curso, mas às vezes falta aquela iniciativa, aquele alguém pra pegar junto contigo²⁰.

O depoimento da estudante, o atrevimento que ela experimenta, exemplifica a afirmação de Berth (2018, p. 42) de que “É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstróem e se desconstróem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade”.

Bixos Negrxs no ano de 2018 abre espaço para que a voz do próprio estudante negro encontre lugar. É o momento de compartilhamento das trajetórias de vida, das expectativas e experiências na academia, de reconhecer-se na fala do outro e soltar o verbo!

Primeiro dia de aula na faculdade. Primeira vez que você pega um ônibus cheio de universitários e desce de fato naquele lugar que sempre desejou estar, na UFRGS. Você conseguiu! Passou no vestibular, entregou toda a papelada, não foi barrada, você é a primeira pessoa da sua família a estar neste espaço. É um misto de sentimentos: felicidade (porque você é o orgulho da família, o primeiro a entrar em uma universidade federal), ansiedade, curiosidade, medo..., mas você conseguiu! Aí tu começa a te adaptar ao semestre, as filas do RU, as aulas densas e cansativas e, também a solidão. Porque você é a única negra (o) da sua sala, e faz parte de um grupo de mais ou menos sete pessoas negras da sua barra, sendo que todo ano entram em torno de 100 pessoas no seu curso... E o sentimento de solidão vai aumentando. Todo dia enfrenta aquela fila do RU que dá várias voltas, e nas várias voltas consegue contar 15 negros na fila (e começa a ficar super feliz), troca olhares com aquela irmã preta e pensa: "poderíamos sentar juntas..."(BIXOS NEGRXS, 2018, n.p.).

Hooks (2013, p. 199) afirma que “Achar a própria voz não é somente o ato de contar as próprias experiências. É usar estrategicamente esse ato de contar – achar a própria voz para também falar livremente sobre outros assuntos”. O trecho que relata o encontro com seus pares, a troca de olhares e o desejo de sentar com eles a fim de diminuir a sensação de solidão e fortalecer-se, remete aos ensinamentos trazidos também por Sobonfu Somé (2003), referente ao papel do espírito numa comunidade.

Segundo Somé, o papel do espírito é nos ajudar a realizar o propósito de nossa vida e a manter nossa sanidade. Devemos entender por espírito, na concepção da escritora Dagara, a força vital que há em tudo. É essa força vital, potencializada através da união de veteranos e calouros na experiência acadêmica, que Bixos Negrxs constrói.

Somé (2003, p. 35) nos diz que é vital receber o abraço da comunidade.

²⁰Depoimento retirado de Conversa informal realizada com as alunas Andrey Silva, Caroline Ferreira e Morghana Benevenuto, no dia 04 de junho de 2019, no pátio da Faculdade de Educação da UFRGS. Todas aceitaram ter o seu nome divulgado.

A comunidade é a base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem dádivas dos outros. Quando você não tem uma comunidade, não é ouvido; não tem lugar que possa ir e sentir que realmente pertence a ele; não tem pessoas para afirmar quem você é e ajudá-lo a expressar seus dons. Essa carência enfraquece a psique, tornando a pessoa vulnerável ao consumismo e a todas as coisas que o acompanham.

Essa concepção sobre a comunidade como uma base fundamental no equilíbrio emocional de um sujeito, permitindo-lhe expressar-se e ser ouvido, compartilhar seus dons, cumprir com seu objetivo de vida, nos provoca algumas interrogações. A universidade tem se constituído numa comunidade acolhedora aos estudantes negros? Os conhecimentos que o estudante negro carrega têm importância no espaço acadêmico? Ou as dinâmicas individualizantes em curso na instituição estimulam os estudantes negros a coletivizar-se e encontrar estratégias comunitárias de cuidado, visando ao empoderamento individual e coletivo para uma permanência mais saudável neste espaço até a conclusão dos cursos?

Questões que desacomodam o coletivo Bixos Negrxs e que o desafia a “construir comunidades em que se possa confiar uns nos outros” (SOMÉ, 2003, p. 44).

Em sintonia com Somé e indo ao encontro da afirmação de Hooks (2013, p. 58), quando diz acreditar que “o sentimento de comunidade cria a sensação de um compromisso partilhado e de um bem comum que nos une”, Morghana Benevenuto conta dos resultados do encontro de estudantes negros.

Então durante este processo que a gente meio que ainda tá vivendo de tirar fotos dos cursos, a gente percebeu o quanto isso muda no dia a dia a vida das pessoas negras. Foi muito interessante assim. Por exemplo, no meu curso, nas Sociais, e nas Políticas Públicas, que foi onde eu consegui perceber, depois da foto as pessoas negras, que eram calouras, começaram a se falar, se conheceram, conheceram seus veteranos negros e andam juntas. Vão ao RU juntas, estudam juntas²¹.

Segundo o coletivo, “ser um negro, negra na universidade, é o desafio de enfrentar todo dia o sentimento de solidão” (BIXOS NEGRXS, 2018, n.p.). É a tentativa de diminuir a sensação de isolamento, desde a criação de uma série de comunidades de confiança, onde o estudante possa buscar apoio sempre que necessário, que estimula a alteração da foto única de negros e negras pelo registro do encontro de veteranos com calouros por curso de graduação.

4.3 Corpo-Vez

²¹Depoimento retirado de Conversa informal realizada com as alunas Andrey Silva, Caroline Ferreira e Morghana Benevenuto, no dia 04 de junho de 2019, no pátio da Faculdade de Educação da UFRGS. Todas aceitaram ter o seu nome divulgado.

A Calourada Negra na UFRGS, realizada entre os dias 08 de abril e 10 de maio de 2019, propõe “que os negros veteranos, com apoio da Foto Oficial dos Calouros Negros, acolham seus negros calouros com nada menos que uma Foto. Uma Foto dos Negros e Negras do seu curso!”²²

Esta opção é embasada na compreensão de que “é muito importante nos enxergarmos dentro do espaço que produzimos conhecimento e esse conhecimento só retorna para nosso povo se é nos cobrado dentro da faculdade também.”²³

A recepção a este convite pelos veteranos dos cursos foi bastante significativa, proporcionando que a rede do projeto se expandisse na própria organização da atividade. Ao todo foram realizadas fotos de negros presentes em mais de vinte cursos de graduação, imediatamente compartilhadas em rede social, vinculadas a um pequeno texto de apresentação. Este movimento tem uma importância enorme, uma vez que tem o potencial de inibir a sensação de solidão anunciada pelos depoimentos anteriores e colaborar para articulação dos estudantes negros em uma rede de apoio contínua, seja em questões pedagógicas, seja em iniciativas de transitar em diferentes espaços na academia ou em posturas reativas a vivências de discriminação e racismo.

Os textos iniciais que apresentam as fotos já trazem reflexões importantes sobre questões como o papel da educação na promoção da igualdade racial, o impacto da política de ações afirmativas na vida de famílias negras, o papel do movimento negro como educador e indutor de políticas públicas específicas às populações negras e sobre assuntos e referências dos próprios cursos.

Assim, a primeira Calourada Negra na UFRGS coloca em conexão estudantes negros e negras dos cursos de Química, Dança, Psicologia, Fisioterapia, Biomedicina, Direito, Políticas Públicas, Geografia, Teatro, Matemática, Estatística, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Biologia, Ciências Sociais, Ciências Contábeis, Medicina Veterinária, Educação Física, Ciências Atuariais e Relações Internacionais. No texto construído pelo projeto podemos compreender melhor a amplitude desta proposta.

Assim, a proposta de tirar uma foto somente com negros e Bixos, foi movida a partir da tentativa de acabar com esse sentimento, de sorrir e poder dizer: "Estamos aqui!" De nos descobrirmos, de saber que lá na psicologia, na engenharia e no seu curso tem um negro e você conhece ele! No momento que sentamos naquela escadaria,

²²Texto do evento Calourada Negra – UFRGS, publicado no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/2205409026208017/>. Acesso em: 12 set. 2019.

²³ Texto construído a partir de experiências de negros e negras estudantes da UFRGS. Disponível em: https://www.facebook.com/FotoOficialdosBixosNegros/posts/326120567930622?__tn__=K-R. Acesso em: 09 jun. 2019.

lado a lado, os suspiros de alívio e inclusive, as lágrimas tomaram conta. Ouvimos várias vezes e de várias pessoas "eu sou o primeira da minha família aqui", mas com um sorriso no rosto porque já não estávamos sozinhos, não estamos sozinhos e vamos afrontar todos aqueles que recusarem nossa presença! (BIXOS NEGRXS, 2018, n.p.).

A dimensão afetivo-cultural deste acolhimento abre a possibilidade do compartilhamento de percursos individuais e familiares que favorece visualizar a comunidade de confiança. A língua comum, os elementos culturais do grupo são ressaltados como elementos fundamentais na sua inserção no meio acadêmico, o que os estudantes não encontram na relação com os colegas não negros.

Ao longo do semestre até se faz amigos, e a maioria são brancos, porque seu curso é branco, e eles são legais, mas, às vezes, parecem falar **outra língua**. Na maioria das vezes não conhecem, não dividem o mesmo gosto musical que você (no máximo conhecem uns pagodes dos anos 90), e perto deles você procura não falar as mesmas gírias que são faladas com a sua família ou com seus amigos negros pois eles não conhecem, não entendem. Não são os mesmos costumes e, no fundo, você tem medo de parecer "grosseira". [...] E seus amigos brancos da faculdade até podem te achar bonita, mas ao mesmo tempo é como se você fosse uma anomalia... "NOSSA QUE CABELÃO LINDO!", "QUE TOMBAMENTO ESSAS TRANÇAS", "QUE BOCÃO", "QUE PRETA LINDA"... E pior! Tocam no seu cabelo como se fosse algo exótico. Quantos se identificam? Quantos são os únicos três pretos da sala de uma turma de cinquenta alunos? Quantos almoçam sozinhos todos os dias no RU? E mesmo não sozinhos, se sentem sozinhos por não estarem entre os seus. Quantos? (BIXOS NEGRXS, 2018, n.p.).

No que se refere ao relacionamento inter-racial experimentado entre estudantes ingressantes pelo ampla concorrência e os ingressantes pela reserva de vagas a estudantes de escola pública negros e não negros, Bixos Negrxs²⁴ faz o seguinte relato:

Assim como a gente começou um processo de se unir com as pessoas negras, os cotistas brancos eles se uniram. Todos os meus colegas cotistas (brancos) da minha barra começaram a se dar melhor, entre aspas, com as pessoas brancas que entraram pela universal. Por mais que tenham uma realidade social econômica, diferente assim, parece que eles conseguiram se encontrar, se encontraram melhor entre a realidade de pessoas brancas que não precisam trabalhar pra entrar na faculdade (risos). [...] Até coisas mais simples, por exemplo, qual festa eles vão numa sexta e qual festa que nós vamos numa sexta-feira é completamente diferente e acaba afastando.

Eu tenho colegas cotistas brancos que entraram comigo que estão desde o primeiro semestre em bolsa de iniciação científica. Foi muito mais fácil. Eu fui entrar agora, com quase dois anos.

No meu curso de RI que é bastante elitista, eu também senti isto. Eles interagiam e se encontravam com muito mais facilidade. Posso contar na minha mão e ainda sobra dedo dos que interagiam com os cotistas que são negros. Parece que, eu pelo

²⁴Depoimentos que seguem retirados de Conversa informal realizada com as alunas Andrey Silva, Caroline Ferreira e Morghana Benevenuto, no dia 04 de junho de 2019, no pátio da Faculdade de Educação da UFRGS. Todas aceitaram ter o seu nome divulgado.

menos vejo que os cotistas negros, eles têm muito mais dificuldade, se acanham mais pra chegar nos que são semelhantes porque muitas vezes eles... sei lá.

Os três estudantes apontaram que a relação dos cotistas em sua totalidade só acontece na chegada nos cursos. Na sequência, o cotista não negro desaparece enquanto categoria, junta-se aos brancos ingressantes por acesso universal, goza dos privilégios da branquitude, enquanto o estudante negro usa da criatividade para criar estratégias de vencer as barreiras próprias de um percurso oriundo das desigualdades raciais e sociais, além de fortalecer-se nas ações coletivas de acolhimento afetivo-cultural que ele mesmo propõe. Desse modo, o estudante negro expressa “uma ética por meio da qual se afirmam simultaneamente o ser-consigo e o cuidado-de-si e dos seus” (CARNEIRO, 2005, p. 152).

Assim, Bixos Negrxs estimula e faz um primeiro movimento de cuidado do outro, através da foto coletiva. Esse tende a se multiplicar em outras ações e a se repetir muitas vezes pelo estabelecimento de vínculos que se segue ao ingresso. Vínculos que não se restringem ao compartilhamento de afetos, mas também da formação política, da postura ativista necessária ao monitoramento e melhoramento da Política de AA, anunciando e denunciando ausências e inconsistências em encaminhamentos institucionais.

Note-se que a articulação para a foto trouxe consigo o início de uma reflexão sobre questões chave na política de AA. A importância do Movimento Negro na luta por igualdade racial, a chegada tardia do negro em alguns cursos de graduação, os privilégios da branquitude são alguns dos temas que se anunciam já nos textos de acolhimento aos calouros negros. Corpo-Vez se faz presente em reflexão, em ação, em presença efetiva do negro na academia.

Em tempos difíceis para a educação, para a ciência, **ver cinco calouras negras no curso de biomedicina, é uma honra**. Cinco mulheres negras na Biomedicina, curso historicamente masculino e branco... (BIXOS NEGRXS, 2019, n.p.)

O fragmento que acompanha a foto já anuncia a reflexão sobre questões de raça e gênero interseccionalmente, discussão que provavelmente será colocada como pauta pelas estudantes e aprofundada nas discussões no interior do curso, podendo provocar mudanças significativas na sua formatação.

A paz tem cor e não é a nossa
A liberdade tem cor e não é a nossa
Mas o afronte sempre foi liderado por nós
A igualdade sempre foi nossa causa

E se tem quem possa mudar toda a ideia de punição dentro da justiça, mudar o próprio conceito de justiça somos nós. (BIXOS NEGRXS, 2019a, n.p.)

Nessa legenda, os estudantes negros evidenciam que sua presença no espaço acadêmico não se dará de forma passiva; afirmam, em outras palavras, que não estarão em sala de aula somente com seus corpos. Pelo contrário, manifestam o que aqui chamo de corpo-vez: anunciam suas ambições no curso de Ciências Jurídicas, explicitando que mais do que corpos negros em fotos de formatura, o campo do Direito ganhará profissionais interessados em dar vez aos oprimidos, corrigindo o que se compreende por Justiça atualmente.

Vocês sabiam que a maioria das Políticas Públicas e Afirmativas voltadas para diminuição da desigualdade racial surgiram em momentos de conflitos políticos? Vocês sabiam que essas políticas surgiram das mentes de pessoas negras? E essas pessoas, através dessa compreensão política do sistema racial, conseguiram educar e armar gerações e gerações de outras pessoas negras contra o racismo... E que sem elas, essa foto, a Foto acima, não seria negra?²⁵

As perguntas retóricas acima convidam a refletir sobre o que não está explícito na imagem que acompanha a publicação; sobre o que é produzido como não existente sob o olhar hegemônico. Em meio a interrogações, os alunos demonstram estarem conscientes dos ombros que os carregaram e os fizeram enxergar mais longe, possibilitando estarem onde hoje estão. Eles materializam em suas consciências um corpo-vez coletivo, deles próprios e dos que os antecederam.

Nas escadarias mais antigas, em um dos prédios mais antigos, estamos ocupando, objetivamente ocupando. A cada degrau que subimos juntos, inspiramos tantos outros a darem o primeiro passo. (BIXOS NEGRXS, 2019b, n.p.).

Ocupar, neste caso, deve ser entendido como mais do que habitar um dos degraus das escadarias referidas acima. Concretamente, pessoas negras já habitaram e ainda ocupam esses espaços na academia, mas não na condição de alunos, vide as muitas equipes de profissionais terceirizados que há anos fazem a manutenção da instituição. Por isso a ideia de estar objetivamente ocupando, modificando a representatividade do negro nesse local; realizando nessas escadas um movimento de ascensão, como os demais alunos fazem, e como aos negros nem sempre foi permitido fazer.

São sete calouros negros no curso de Relações Internacionais esse ano. Poderíamos falar: "infelizmente são somente SETE calouros negros no curso de Relações Internacionais esse ano." Mas são SETE **pessoas** negras que raramente ou nunca foram **recepcionadas** ou **acolhidas** por serem negros ao chegarem em uma instituição de ensino. (BIXOS NEGRXS, 2019c, n.p.).

²⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/FotoOficialdosBixosNegros/>.

Aqui, percebe-se a valorização da oportunidade de ter sete vidas negras interseccionadas pela experiência acadêmica e por um olhar específico para a identidade racial. Pode parecer muito pouco quantitativamente, em comparação ao número total de aprovados no CV; mas não o é qualitativamente, tomando-se como referência o que geralmente experienciam estudantes negros em suas trajetórias escolares/acadêmicas.

Esses extratos de texto na recepção aos calouros de 2018, além de anunciar pontos nevrálgicos na luta por igualdade racial, fazem distinção entre os termos recepcionar e acolher, denunciando, desse modo, a ausência ou fragilidade de acolhimento aos negros na academia. Também, enquanto coletivo, convocam seus pares a somar-se ao grupo tramando uma rede segura a todos os que virão.

Inicialmente, Nós por Nós, traduz o sentimento que une os estudantes e que pavimenta todas as iniciativas do projeto.

Bixos Negrxs é um dos coletivos estudantis relativamente recentes na universidade. Outros antes, junto ou a partir dele, se multiplicam em diferentes unidades, na graduação ou pós-graduação, como células do Movimento Negro Educador (GOMES, 2017), atuando ora no monitoramento da política de AA, ora no acolhimento aos seus pares, ora discutindo questões pedagógicas, ora compartilhando suas produções acadêmicas e discutindo a forma de fazer ciência. Mas, inquestionavelmente, sempre ensinando e aprendendo desde suas vivências enquanto negros na academia.

A atuação do Bixos Negrxs tem sido contínua. Nesse ano de 2019, a Calourada Afirmativa do segundo semestre escolheu a palavra como elemento central do acolhimento.

O convite aos calouros, de uma forma geral, chama-os para uma conversa.

Neste segundo semestre, queremos mais que registrar suas chegadas à Universidade Federal do Rio Grande do Sul! Queremos trocar nossas experiências, como veteranos de diversas áreas do conhecimento. Apresentando nossa vivência, iniciativas como estudantes negros dentro da universidade. Então chama geral, todos os calouros e calouras negras, porquê além de fotos, vai rolar muita palestrinha, troca de experiências, manual de sobrevivência, e um lanche pra aconchegar geral na nossa recepção 2019/2! (BIXOS NEGRXS, 2019).

Segundo Hooks (2013), na perspectiva de uma educação como prática de liberdade, escutar um ao outro e reconhecer a voz individual é um exercício de reconhecimento fundamental no processo de constituição de uma comunidade, unida pelo desejo comum de aquisição de um conhecimento que intensifique sua intelectualidade e contribua para alterar sua forma de viver no mundo. Percebemos o impacto desse exercício no depoimento do Bixos Negrxs sobre a Calourada Afirmativa 2019/2.

Entretanto, neste encontro, as palavras tomaram tanta força quanto o sorriso deles para a câmera. Cada um se viu em cada depoimento, em cada lágrima, em piada e risos. Descobrimos **nossa potência**²⁶ a partir daí, deste momento, descobrimos que o acolhimento entre nós, negros, é **prática ancestral**, e geral ali, só sobrevivia ao curso por ter encontrado um alguém semelhante. Parabéns por terem chego até aqui. Estamos aqui. Vocês não estão só. Vocês merecem essa vaga. Vocês são a **força ancestral, a continuidade, o presente e o futuro das nossas famílias pretas**. (BIXOS NEGRXS, 2019).

As palavras em destaque no depoimento do coletivo alinhavam os elementos centrais do acolhimento de negros para negros na universidade: representatividade, empoderamento e força ancestral. Bixos Negrxs assume para si, na ação contínua de pensar o ser negro na academia e agir desde aí, a afirmativa do professor Eduardo Oliveira (2019): “Todos somos ancestrais, eu sou um ancestral. Eu me educo todos os dias para ser um ancestral” (OLIVEIRA; TASAT; VILCA, 2019).

Além da Calourada Afirmativa, em 2019, pelo terceiro ano consecutivo, a foto de negros e negras da UFRGS marcou o espaço. Nesse exercício de escrever, bailarinos e atores negros fizeram uma performance carregada de elementos da cultura afro-brasileira, antecedendo a organização da fotografia.

O acolher por Bixos Negrxs a seus pares se faz tradição. Assume um sentido diferente daquele observado como prática institucional, relatada nos relatórios disponíveis pela CAF. Aqui já não temos o acolher como formalidade, tampouco com o sentido exclusivo de recepcionar. Acolher, para os Bixos Negrxs, tem o caráter de responsabilidade, de compartilhamento de uma experiência já vivida e sentida para proporcionar uma vivência melhor. É cuidar, apoiar, escutar.

Desse modo, a autoinscrição do sujeito negro na UFRGS se compõe. Como uma rede, tecida a muitas mãos, com vivências e afetos. Veteranos negros, que coordenam o Coletivo, assim como os outros estudantes, dos mais de vinte cursos, tornam possíveis as iniciativas concebidas e assumidas por Bixos Negrxs, agora são “de dentro”. Já não há estrangeiros. E, como de dentro, recebem seus pares. Somos, enfim, todos de dentro! (FARIAS, 2018).

²⁶ Grifos da autora.

5 A EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO E ESCREVIVÊNCIA

Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para saber se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco?

Conceição Evaristo

Nesse momento vou refletir sobre o acolhimento em algumas ações de extensão, desenvolvidas pelo **Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS)**²⁷ e pelo **Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígenas e Africanos da UFRGS (NEAB)**,²⁸ exclusivamente aquelas que priorizam o acolhimento ao estudante negro.

O DEDS conta com vinte e sete anos, pautando suas ações pelo compromisso da universidade pública em promover e garantir os valores democráticos de igualdade de direitos, de educação na cidadania e na diversidade sociocultural. A extensão que pratica e anuncia uma concepção de universidade que se oxigena na relação com os demais setores da sociedade.

O rol extenso de atividades desenvolvidas pelo DEDS, no que se refere às Ações Afirmativas, vinculam-se, geralmente, à temática de Educação na Diversidade, um dos quatro eixos organizativos do fazer do Departamento. Educação na Diversidade não se refere apenas ao reconhecimento da diferença, mas se propõe a pensar sobre a relação entre o eu e o outro, sobre o encontro que se dá entre ambos na escola, na universidade, na sociedade brasileira como um todo.

No que tange à Educação das Relações Raciais (ERER) e Ações Afirmativas, em certo momento, a história do DEDS e do NEAB se misturam e se confundem. A formalização do Núcleo, no ano 2014, fundamenta-se no percurso do DEDS, enquanto espaço de coordenação e execução de um programa de extensão – Educação Anti-Racista no Cotidiano

²⁷ A extensão universitária praticada pelo Departamento aponta para uma concepção de universidade em que a relação com os demais setores da sociedade representa parte importante da oxigenação necessária à vida acadêmica. Com essa visão, a produção do conhecimento também se faz via extensão, através da sistematização dos diferentes saberes, tendo como consequência a democratização desse conhecimento, com a participação efetiva da comunidade.

²⁸ O NEAB/UFRGS foi formalizado enquanto núcleo em 10 de janeiro de 2014. Visa produzir, difundir e promover ações de ensino, extensão e pesquisa, explicitamente voltadas aos estudos afro-brasileiros, indígenas e africanos por meio da articulação entre diferentes instâncias da universidade e da sociedade.

Escolar e Acadêmico,²⁹ cuja trajetória de articulador em relações interinstitucionais relacionadas a EREER e AA, lhe caracterizou como um correlato ao NEAB, reconhecido dentro e fora da universidade. Outro fator que sustentou esta fusão foi ter na coordenação adjunta do Núcleo um quadro do Departamento, no caso essa pesquisadora, e entre os membros orgânicos a totalidade dos técnicos do setor.

A escolha desses territórios se dá por ambos se constituírem como espaços fundamentais de ação por igualdade racial e educação das relações raciais na universidade, além de contarem, em suas equipes de trabalho, com servidores técnico-administrativos (TAs) e docentes comprometido com as pautas de luta do Movimento Negro.

De um modo geral, as ações que destaco nessa pesquisa são resultado da escuta aos estudantes ou da observação de eventos, tensões, questões em aberto no processo de convivência intercultural mais intensa que se abre com a adoção das cotas na UFRGS.

A natureza da extensão, enquanto espaço de interlocução com a sociedade, potencializa a possibilidade de acolher na dimensão pedagógica, afetiva e cultural. O conceito de extensão expresso no texto da Política Nacional de Extensão Universitária, destaca o caráter transformador da mesma.

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p. 28).

A interação dialógica, um dos princípios orientadores da extensão, marca o universo das ações do DEDS e pretende ser um elemento de consolidação do pertencimento do estudante negro na academia, portanto um elemento fundamental no acolhimento integral desse sujeito. Desse modo, conceber, planejar e executar a extensão em destaque nessa pesquisa, apresenta um caráter coletivo, coloca em diálogo o conhecimento acadêmico e o conhecimento que está fora da academia.

A diretriz Interação Dialógica orienta o desenvolvimento de relações entre Universidade e setores sociais marcadas pelo diálogo e troca de saberes, superando-se, assim, o discurso da hegemonia acadêmica e substituindo-o pela ideia de aliança com movimentos, setores e organizações sociais. Não se trata mais de “estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade”, mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo. Um conhecimento que contribua

²⁹ Ação registrada anualmente no sistema de extensão, vigente no período 2004-2013. Seu foco principal foi a formação continuada de professores, construída na articulação entre a universidade e secretarias de educação de Porto Alegre e região metropolitana. Toda e qualquer atividade executada primava por atender as necessidades de formação de educadores, em distintas áreas e modalidades de ensino. Esse planejamento era discutido num Grupo de Trabalho constituído para este fim, cuja participação de representação das SMEDs parceiras era fundamental.

para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática. (FORPROEX, 2012, p. 30).

A adesão à política de AA, o comprometimento ético com a questão da promoção da igualdade racial, assumida pelo DEDS, a identidade negra de grande parte dos TAs que compõem o corpo técnico do Departamento, favorecem a elaboração de projetos que funcionam como uma espécie de resistência, ainda hoje necessária, à posturas refratárias às cotas raciais e à escrevivência do negro na UFRGS. Na proposição das ações há a ruptura com a relação sujeito-objeto, conhecimentos-saberes, para que se coloquem sujeitos e conhecimentos distintos numa relação plana, o que contribui para que a cultura do hóspede derridiano seja incorporada na cultura da universidade.

A seguir, resumidamente, uma nota sobre ações de extensão a partir das quais pretendemos analisar a carência ou ocorrência de acolhimento desde depoimentos de estudantes negros, a saber, o Conversações Afirmativas,³⁰ a Semana da África na UFRGS,³¹ o Edital de Iniciação Científica do Neab³² e o programa Por Dentro da UFRGS.³³

Conversações Afirmativas

Ação de extensão iniciada em 2010, inspirada no anseio de configurar um espaço de acolhimento para aqueles que desde 2008 trazem para a UFRGS outras vozes, cores, sons, linguagens, pensamentos, histórias, formas de ensinar e aprender. É impulsionada também pelo desejo de colaborar com a consolidação da política de Ações Afirmativas, a partir do encontro dos próprios estudantes cotistas, seus referenciais afetivos, históricos, culturais com a comunidade acadêmica, possibilitando formular em conjunto respostas às fragilidades que aos poucos iam sendo descobertas pelos primeiros cotistas. Cada roda de conversa traz uma questão específica como fio condutor da dinâmica que pode incluir a fala, a escuta, uma experiência vivencial como um modo de conhecer, valorizar e respeitar um conhecimento e uma experiência de vida até então distante da academia. Trata-se de colocar num processo

³⁰ Ação de extensão registrada anualmente no sistema de extensão da UFRGS, sob a coordenação de um TA do DEDS. A edição do ano 2019 está sob a coordenação de Débora Simões.

³¹ Cada uma das edições da Semana da África tem registros específicos no sistema de extensão sob a coordenação do professor José Rivair Macedo (IFCH) e coordenação adjunta da TA Rita de Cássia Camisolão (DEDS).

³² Atividade inserida nas ações do NEAB UFRGS, durante a primeira gestão do núcleo (2014-2018), cuja coordenação e coordenação adjunta era, respectivamente, de José Rivair Macedo (IFCH) e de Rita de Cássia Camisolão (DEDS).

³³ Ação de extensão, registrada anualmente no sistema de extensão da UFRGS, é coordenada pelos TAs José Antônio dos Santos e Luciane Bello.

contínuo a possibilidade de conhecer este novo sujeito, numa dinâmica similar à rede de conversações (TEIXEIRA, 2003), onde o acolhimento-diálogo embasa as relações.

O Conversações, forma como o projeto é mais conhecido dentro e fora da universidade, também é uma construção coletiva, que experimenta desde o planejamento um jeito de fazer que foge à norma recorrente na academia. Cada reunião preparatória se constitui num ensaio, no qual as conversas iniciais ajudam a escolher o tema, definir o fio condutor do bate-papo, buscar parceiros e mediadores, planejar a ambientação do espaço e alinhar um elemento provocador de questões que possam dinamizar a conversa. Estes elementos que conformam a roda propriamente dita têm configurado o projeto como um espaço potente de articulação, aprendizagem e reflexão, tanto quanto de acolhimento aos estudantes ingressantes na universidade a partir da reserva de vagas.

No decorrer desses nove anos de projeto, variados temas relacionados a povos e cultura indígena, patrimônio cultural de negros e negras, população LGBT, inclusão de pessoas com deficiências no ensino superior, animaram muitas conversas motivadas pela vontade de abrir espaço ao outro no universo acadêmico e pelos desafios, avanços e possíveis recuos na implementação da política de AA. Esses encontros reuniram intelectuais indígenas, mestres de conhecimento, lideranças negras, acadêmicos, interessados em geral, especialistas nos temas abordados em diálogo para ouvir e aprender uns com os outros.

As rodas de conversações são inseridas no programa de qualificação de servidores, em articulação com a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, e tem atraído o interesse de um número considerável de técnicos e docentes que, alimentados pelos conhecimentos a partir dessa escuta, são propositivos na reconfiguração das práticas administrativas, relacionais, didáticas e políticas da universidade.

Semana da África na UFRGS

Evento realizado anualmente, sempre em torno do dia 25 de maio, em referência às comemorações do Dia da África, data da fundação da Organização da Unidade Africana, em 1963. Em 2019 completa a sétima edição, com o objetivo de desenvolver atividades acadêmicas, culturais e educativas relativas aos povos africanos na atualidade.

A atividade surge em atendimento à demanda dos estudantes africanos ingressantes na UFRGS através do convênio PEC-G,³⁴ para abertura de um espaço de

³⁴ O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) oferece oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. Desenvolvido pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com universidades públicas

Os temas distintos e complementares que têm sido abordados ano a ano permitem descortinar múltiplas Áfricas, até mesmo para os africanos.

Por Dentro da UFRGS

Esse programa de extensão fundamenta-se no compromisso da universidade com a implementação da política de AA. Existente enquanto tal no sistema de extensão desde o ano 2017, tem como objetivo principal o apoio ao ingresso de estudantes de escolas públicas no Ensino Superior.

Nesse sentido, um dos eixos de atividades previstas na ação está na relação da universidade com estudantes de ensino médio ou pessoas com esta etapa de ensino já finalizada em instituições públicas de ensino, a fim de colaborar para que estes sujeitos compreendam a justiça das AA, em razão das desigualdades sociais e raciais vigentes em nosso país, tenham acesso a informações que lhes estimule e oriente a buscar os bancos universitários, se reconheçam ou não adequadamente enquanto sujeitos de direito na utilização das distintas modalidades de reserva de vagas no ensino superior previstas na Lei n. 12.711/12, sancionada pela presidenta da República em 29 de agosto de 2012. Ainda na perspectiva de estimular um quantitativo maior de estudantes ingressantes pela reserva de vagas na UFRGS e em outras IES, o programa implantou o Curso Pré-Vestibular Popular Liberato, em parceria com a EMEB Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha, na zona norte de Porto Alegre no ano 2017.

A intenção de deslocar-se e alcançar um número significativo de pessoas através dessa ação de extensão mobilizou uma equipe de trabalho composta por servidores do DEDS e de outros setores da universidade, colaboradores externos, equipe diretiva e docente da Escola parceira e um contingente expressivo de estudantes da UFRGS que atuaram como bolsistas do programa. No biênio 2017-2018, foram em número de dezoito os bolsistas, em sua maioria negros e cotistas, ingressantes na universidade através do Concurso Vestibular ou do Sistema de Seleção Unificada (SISU/MEC).

As atividades desenvolvidas pelos estudantes incluem a realização de oficinas ou palestras sobre as formas e modalidades de ingresso na graduação e a atuação como facilitadores do processo preparatório para o vestibular da UFRGS ou para as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Como etapa preparatória a estas tarefas é necessário passar por uma formação adequada aos objetivos do programa. Nesse sentido, o primeiro eixo do programa é a capacitação da equipe de trabalho, aberta aos servidores pela PROGESP. Construída na interlocução entre vários setores – PRAE, PROGRAD, CAF, INCLUIR e DEDS –, tornou-se espaço potente de conhecimento, atualização e inspiração para todo o grupo, funcionando também como oportunidade de criação de novas práticas institucionais no acolhimento de questões e formulação de respostas a demandas nascentes, tanto quanto no conhecimento da universidade, particularmente por parte dos estudantes.

Apresentamos a abrangência das capacitações no quadro a seguir, observando que além desse momento de cunho mais intensivo, os estudantes recebem orientações, acompanhamento, estímulo para participar de outras atividades, sejam de caráter pedagógico ou cultural, oferecidas pela UFRGS.

Quadro 5 – Síntese de capacitações do Programa Por Dentro da UFRGS

AA e Acesso ao Ensino Superior	<ul style="list-style-type: none"> • Ações Afirmativas: conceitos, breve histórico e perspectivas • Formas de ingresso no Ensino Superior • Como entrar na UFRGS • Permanência na UFRGS
PDU: Acolhimento e Permanência	<ul style="list-style-type: none"> • Conquistando direitos: os movimentos sociais e as políticas de ações afirmativas para negros, indígenas e pessoas com deficiência • Recepção e Acolhimento • Política de Assistência Estudantil • Acompanhamento Discente
PDU: Acesso e Permanência	<ul style="list-style-type: none"> • Cuidados em saúde mental: fatores de risco e proteção • Acessibilidade: Vamos falar sobre capacitismo? • Entendendo a prática: o ingresso de cotistas na UFRGS • Permanência na UFRGS através da PRAE: Conversando sobre o PNAES • Entendendo a prática: o histórico e transformação das avaliações no ingresso de cotistas na UFRGS

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A extensão desses temas foi fundamental aos estudantes para proposição de questões a serem abordadas no decorrer do desenvolvimento de suas atribuições enquanto bolsistas, tanto quanto na busca de soluções para suas próprias interrogações e dificuldades na permanência na universidade.

Edital de Iniciação Científica do NEAB

Entre as atividades desenvolvidas pela primeira coordenação do NEAB, o Edital de Iniciação Científica pretendeu oferecer orientação e suporte teórico-metodológico para a pesquisa preliminar por estudantes, preferencialmente cotistas, visando ao incentivo e à qualificação de pesquisa nas temáticas vinculadas ao Núcleo.

O primeiro edital foi publicado no ano de 2017 e contou com a participação de trinta estudantes e vinte e um orientadores docentes e técnicos. Após a inscrição, onde o estudante poderia simplesmente apontar um tema ou uma questão como intenção de pesquisa, houve um encontro presencial entre o candidato e uma comissão de educadores, momento de aproximação e de início de conversa sobre a pesquisa pretendida. Cabe destacar que não houve seleção de candidatos ou propostas, tampouco sugestão de temas a serem trabalhados por parte da equipe docente. Todos os candidatos e temas de interesse foram acolhidos, talvez expressando a hospitalidade incondicional expressa por Derrida (2003).

Durante o semestre, os estudantes tiveram formações gerais, cujos conceitos poderiam ser relevantes para a totalidade dos trabalhos e, paralelamente, orientações individuais para aprofundamento dos problemas de pesquisa e formulação de projetos. A finalização deste processo aconteceu com uma Mostra de Iniciação Científica, espaço onde os trabalhos foram discutidos e qualificados por sugestões e comentários de colaboradores convidados de outras instituições. Em alguns casos, mesmo sendo certos estudantes finalistas na graduação, a experiência de participação num evento acadêmico como pesquisador foi a primeira em sua trajetória na universidade. Dos trinta candidatos iniciais, dezoito apresentaram seus projetos de pesquisa na Mostra. Alguns deles se configuraram em trabalhos de conclusão de curso ou projetos de dissertação de mestrado, ora em andamento.

Os resultados positivos da experiência do Edital são variados. Com relação aos estudantes, proporcionou fundamentação teórica e metodológica em suas intenções de pesquisa desde outros referenciais e estimulou, em vários casos, a continuidade da formação acadêmica, a nível de pós-graduação. Aos docentes foi fundamental a ampliação da rede, que tem se dedicado aos estudos de temáticas afro-brasileiras, indígenas e africanas dentro e fora da UFRGS, uma vez que o edital contou também com colaboradores externos, favorecendo repensar práticas pedagógicas e currículo dos cursos, de modo a estabelecer o acolhimento dos estudantes, do ponto de vista epistemológico, de forma mais contínua. Quanto à universidade, os docentes e técnicos envolvidos no edital deram um *start* no reconhecimento da diferença e proporcionaram um acolhimento pessoal e coletivo, valorizando as formas desses estudantes produzirem conhecimento, permitindo que suas experiências, vivências e

visões de mundo andem lado a lado com seus temas de estudo, o que pode redesenhar a forma de fazer ciência na universidade.

Segundo o professor José Rivair Macedo, coordenador do Edital, é preciso reconhecer as diferenças representadas pelas pessoas negras e indígenas e, ao reconhecê-las, responder a elas com o compromisso ético e social do qual a universidade está imbuída. Tal concepção se alinha à noção de justiça e ética que embasam o conceito de hospitalidade defendido nos estudos de Derrida.

Propor um edital de iniciação científica específico para temáticas negras e indígenas, me parece algo, o inovador do ponto de vista epistemológico, porque é reconhecer para essas temáticas, formas de concepção, de enunciação e de desenvolvimento acadêmico específicos que as diferenciam de outras formas que são bem mais habituais dentro do meio acadêmico [...] um passo necessário a ser dado numa universidade que recebe um número considerável de estudantes cotistas, negros, negras e indígenas, e que nem sempre acolhe do ponto de vista epistemológico, temático, conceitual, teórico e metodológico as vivências, as experiências, as especificidades que esses grupos trazem e que devem ser considerados. (MACEDO, 2019).³⁷

O acolhimento descrito pelo professor faz parte de um processo que favorece a escrevivência, constituída pelo ato de escrever (inscrever), ver e viver do negro na academia.

Essa primeira experiência foi bastante positiva, repercutindo na expectativa de reedição, o que se concretizou nesse ano de 2019.

Após essas notícias das ações extensionistas, inicio a análise de alguns depoimentos de estudantes que participaram das mesmas, na tentativa de perceber a concepção de acolhimento embutida em suas falas, o cruzamento dessa concepção com os fundamentos e formas de acolher desde os autores previamente explorados nesse texto e o impacto da participação em ações de extensão na escrevivência do negro na universidade.

Escrevivendo no encontro consigo e com o outro

Os depoimentos³⁸ aqui apresentados foram ora produzidos no próprio contexto da atividade de extensão, ora como resultado da sistematização das ações, ou coletado de manifestações espontâneas em rede social. Também em outras ações de extensão do DEDS

³⁷A fala do professor faz parte de entrevista concedida ao programa Estação Cidadania na Rádio da Universidade, em maio de 2019. Estação Cidadania é um programa de rádio do DEDS que vai ao ar todas as quintas-feiras, às 13h, pelos 1080 AM da Rádio da Universidade. Busca informar e divulgar as ações de extensão realizadas pela UFRGS, a partir das relações interinstitucionais e sociais, com foco em Educação, Direitos Humanos e Cidadania. Promove a reflexão sobre temas transversais contemporâneos e o papel social da universidade.

³⁸ Todos os destaques nos depoimentos foram realizados pela pesquisadora.

ou, ainda, em atividade da Secretaria de Comunicação da UFRGS. A identificação dos colaboradores dessa dissertação se dá com a inserção do primeiro nome de cada um, acrescido de um S, na intenção de representar a multiplicidade desses sujeitos.

Uma vez considerando as ações destacadas como espaços onde o acolhimento acontece e, em sintonia com Romanini, Guareschi e Roso (2017), também por compreender o acolhimento como um dispositivo de construção do comum, como às falas dos estudantes a minha, igualmente pluralizada, às vezes remetendo a uma memória enquanto estudante negra nessa mesma universidade, por outra avançando no tempo e lugar e traçando algumas considerações em torno das ações assumidas nesse texto como territórios de acolhimento.

Entre as várias rodas do programa Conversações Afirmativas, realizadas entre os anos 2011 e 2019, uma se destaca para esta pesquisa por trazer como interrogação os desafios do ensino superior, sintetizados em quatro verbos: **ser, estar, resistir e concluir**.³⁹ O encontro acontece poucos meses depois da ocupação da Reitoria por estudantes e militantes do Movimento Negro em desaprovação ao Parecer 239/2016, elaborado pela Pró-Reitoria de Graduação, cujo texto restringia o acesso de cotistas à instituição, ao modificar o regime de concorrência para cotistas, determinando que o estudante obrigatoriamente escolhesse entre se inscrever como cotista ou tentar entrar por acesso universal.

Embora o desfecho desse tensionamento tenha ido ao encontro da expectativa dos estudantes e do MN, a manutenção do sistema de concorrência tal como estava até então, permitindo ao candidato cotista concorrer tanto pelo acesso universal quanto pela reserva de vagas, a possibilidade de recuo na política de AA alertava para mais atenção quanto a condução do processo pela universidade. Desse modo, refletir sobre os verbos que nomeavam a roda de conversações era um imperativo do momento, embora esse tema tivesse sido escolhido em um tempo muito anterior à problemática trazida pelo Parecer 239/2016.

Os protagonistas da conversa, em sua grande maioria, eram estudantes de graduação, suas falas iniciais conduziram o rumo da prosa com servidores técnicos, docentes e membros da comunidade externa.

Desde a primeira manifestação, percebia-se a importância do dizer de si, de onde veio, do que trazia na “mochila”, do tanto de coletivo que cada um carregava.

A minha família saiu da ilhota e foi morar na Restinga,
chamam de realocação

³⁹ Roda de Conversas do Projeto Conversações Afirmativas, sob minha coordenação, realizada em 18 de novembro de 2016. A atividade foi registrada em áudio, transcrita para sistematização da ação de extensão. A inserção dos depoimentos neste projeto foi autorizada pelos respectivos estudantes.

o que na verdade foi um puro processo de remoção
e agora estamos lá ocupando área verde,
ou como diriam os ricos, morando na invasão.
Nos anos 60 o governo queria fazer uma tal de limpeza urbana,
desenvolver a cidade.
Ah, mas só para quem é bacana.
No começo não tinha ônibus nem nada, era foda.
Agora querer ser pobre e favelado
parece até que virou moda.
Na universidade enquanto ficam divagando
entre o farelo e o pão, a gente luta todos os dias,
luta pela próxima refeição.
Luta contra a opressão, o capital, o patrão,
**nós estamos tudo se organizando até a vitória,
porque agora a gente é sujeito
é protagonista da história.**(Samara S- Serviço Social).

Sou de uma comunidade rural de quilombola, sou a quinta geração de um lanceiro negro que conseguiu fugir, até então as pessoas achavam que ninguém tinha sobrevivido, mas alguns conseguiram fugir, e ele formou um quilombo na cidade de Canguçu e **por que eu não começo contando minha história?** [...] A questão de ser quilombola está para além da territorialidade, ela é uma filosofia, uma visão de mundo, e eu vou para que os outros também venham. [...] Eu poderia estar “tranquila” porque aí eu ajudei minha comunidade, na medida que eu posso, mas não, a filosofia quilombola diz: “se você vai, se você chega lá, os outros têm que vir contigo”, tu tem que trazer um bando contigo e mais aqueles que já desencarnaram, e é bem assim, é por aí que eu começo então. (Vera S – Ciências Sociais).

Essas primeiras falas já assinalam a diversidade dos negros que estão na UFRGS, suas diferentes perspectivas culturais, filosóficas, de luta. Lugares de onde criticam a universidade enquanto uma instância que não considera a concretude de sua trajetória e de suas lutas históricas e cotidianas, “Na universidade, enquanto ficam divagando entre o farelo e o pão, a gente luta todos os dias, luta pela próxima refeição”.

Sou a caçula de oito irmãos, filha de pedreiro e cozinheira. Estudei toda a educação básica e o ensino superior em escola pública. Filha de pais com baixa escolaridade, fui, junto com meus irmãos, estimulada desde cedo a investir nos estudos, uma vez que meus pais sempre acreditaram que o caminho para alguma ascensão estava ali. Não consigo afirmar se o ensino superior estava no horizonte possível pra eles, mas, com certeza, nenhum de seus filhos deveria passar pelas mesmas dificuldades que eles, consequente da falta de possibilidade de estudar. Desenhavam as letras, ambos. Meu pai lia revistas e jornais, embora a grande dificuldade na escrita. Contas? Todas de cabeça! Geografia? Tinha o mapa da cidade desenrolado em sua mente a cada vez que alguém perguntava um endereço, desenhava o trajeto, orientava conduções para o desorientado chegar ao seu destino. Nosso futuro, o sonho dos pais? Que os estudos nos levassem além de onde eles conseguiram chegar. E chegando lá, carregássemos conosco tantos quanto possível. Deixaram o exemplo como lição. Nossa casa sempre esteve aberta a acolher qualquer um que precisasse encontrar um espaço mínimo de dignidade. (RitaS – mestranda em Educação).

Embora houvesse uma diversidade dos sujeitos, a sensação de deslocamento era comum, conforme assinalado na fala seguinte: “[...] no primeiro dia de aula quando eu

cheguei, eu tremia muito por dentro, eu disse: gente, **esse aqui não é o meu lugar, não tem nada meu, eu não me sinto em “casa” aqui.** E eu peguei minha bolsa lá no campus e queria voltar” (Vera S – Ciências Sociais).

A sensação explícita o sentir-se fora de lugar, de “casa”, vivida pelos estudantes negros, a sensação de estrangeiridade que Derrida (2003) apresenta e o esforço de resistência para permanecer aluno desta universidade, que a seus olhos nada oferece de hospitalidade, são anúncios do que há por vir enquanto estratégias de permanência pelos próprios *hóspedes*.

Em 2007 quando eu entrei minha colega veterana que me escolheu como bixo para me proteger e cuidar nos rituais de bixo, ela era negra e está em Salvador estudando, no teatro negro. Ela me escolheu como bixo e disse para mim:

- Eu te escolhi para ser minha bixo, eu sou tua madrinha aqui nessa universidade porque tu é preta e eu me sinto muito sozinha aqui e eu queria te perguntar o que que **tu acha da gente começar a fazer intervenções juntas pelas cotas.**

Eu me emociono muito com isso porque, ela me perguntou se eu não me sinto sozinha.

Eu falei: é nós somos poucas aqui. (PâmelaS – Licenciatura em Teatro).

Os depoimentos de PâmelaS expressam de forma contundente a violência do silenciamento e desenraizamento dos estudantes negros na academia, o esforço de buscar oxigênio para respirar neste espaço em redutos negros extramuros e as estratégias de acolhimento intragrupo. Também já firma a intenção e compromisso com um ativismo na academia, a fim de encontrar o seu lugar, a fazer a sua inscrição enquanto artista negra:

O percorrer da universidade para nós, para mim foi sempre isso, foi buscar fortalecimento uns nos outros, eu nela, depois nas outras estudantes negras, depois nos colegas bolsistas do Conexões de Saberes. A gente foi buscando uns nos outros [...]. **Uma das coisas de resistir na universidade é que a questão racial não é falada na sala de aula, as nossas referências não são citadas.** Eu vi um teatro universal que não me representava, um teatro acolhedor, um que acolhe todas as diferenças, que a vida é um sorvete. Eu dizia, bah, não é isso aí! **Eu escolhi que a minha arte eu não queria que fosse entretenimento, eu queria que fosse para os meus e não para ser palhaça de ninguém.** (PâmelaS – Licenciatura em Teatro).

VeraS e PâmelaS falam de falta de representatividade, demonstram que acolher o estudante negro significa alterar currículos para que o aluno se veja, se sinta em casa, para que incluir seja, na prática, um verbo cujo sentido seja completo.

PâmelaS mais uma vez apresentam-se como o negro intelectual⁴⁰ (SANTOS, 2011) que sabe o que quer e deve fazer, vide “eu escolhi que a minha arte eu não queria que

⁴⁰ São os intelectuais de origem ou ascendência negra que sofreram ou sofrem influência direta ou indireta dos movimentos sociais negros, adquirindo ou incorporando destes uma ética da convicção antirracismo que, associada e em interação com o conhecimento acadêmico-científico, produz nestes intelectuais um *ethos* acadêmico ativo que orienta as suas pesquisas, estudos, ações, bem como as suas atividades profissionais de professores universitários.

fosse entretenimento”, indo ao encontro de Evaristo, num ato de insubordinação, vide “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa grande. E sim incomodá-los em seus sonhos injustos” (2005, p. 21).

Minha aprovação no primeiro vestibular para o curso de letras na UFRGS foi motivo de muito orgulho. Mas a vivência na universidade, nada fácil. A possibilidade de constituir-se coletivos estudantis negros, possível hoje diante da política de cotas, mais complexa. Éramos muito poucos. Na minha barra, três negras, igualmente com a sensação de ser peixe fora d’água, já que não nos víamos no espelho da academia. Excepcionalmente, havia uma professora negra no Instituto, mas, no currículo, nem ela, nem nós representados. Fui aluna bolsista durante os quatro anos de curso e todos os bicos possíveis (fiscal de vestibular, trabalhador nas matrículas - na ocasião todas realizadas presencial e manualmente, fiscal de concursos, eram fundamentais para minha permanência no curso. Na escassez de negros brasileiros no curso e mais ainda na universidade, me encontrei com os estudantes africanos, irmãos e amigos de toda a vida. (RitaS – mestranda em Educação).

Encontro do lugar e da identidade

EvâniaS menciona o impacto de encontrar um espaço de acolhida na universidade ao conhecer a Semana da África. Além da oportunidade de estabelecer vínculos afetivos, a descoberta de outras faces da universidade para além da acadêmica lhe trouxe alívio para o sofrimento de sentir-se estrangeira e só. É o sentimento de humanidade que se apresenta nos encontros de organização da Semana, no fazer parte da programação, de ter voz, autoria, lugar. É empoderar-se, é sentir-se segura, mais confiante em si mesma.

Eu conheci o DEDES por causa da Semana da África, de 2016 a 2017. Os meus amigos falaram pra mim. No princípio eu não queria [...] eu vim conhecer. Gostei. Comecei a participar.

Aqui eu conheci mais amigos africanos que eu não conhecia na UFRGS. Quando eles falam Semana da África todos os africanos aparecem. Ou a maior parte. **Eu conheci mais africanos aqui, me senti mais acolhida e até hoje estou aqui [...] eu pensava que aqui na UFRGS era só o lado acadêmico.** Quando eu conheci o DEDES, eles me mostraram que não é só isto. [...]

Um momento marcante foi quando eu li uma poesia que eu fiz. Como o tema da Semana da África foi Gênero Feminino, eu fiz uma poesia da mulher africana. Então eu sempre escrevi e eu dava pras pessoas lerem, por mim, porque **eu sentia medo**, era muito tímida também. **Então naquele momento foi marcante pra mim porque quem escreveu fui eu e quem leu fui eu.** Quando eu entrei no palco e li, todo mundo a me aplaudir foi algo sem explicação. Aquilo me impulsionou tanto escrever mais, de ler mais, e guardo isto pra mim a vida toda.

Aqui me sinto em casa. [...] Sofri em vão. [...] Hoje eu me sinto em casa. Quando eu tô aqui, eu rio, brinco com eles, totalmente diferente, **já não choro como antes.** Aqui eu entendi que vida não é no individualismo. (EvâniaS –estudante de Engenharia Civil). (EVÂNIA, [201-], 3min05).

Os grifos no texto fazem crer que o impacto de assumir voz autoral na leitura do poema e a conseqüente perda do medo repercutem também na redução da timidez da

estudante em sala de aula e num maior aproveitamento de todas as possibilidades acadêmicas e culturais que a UFRGS oferece.

Nessa semana consegui voltar pra casa mesmo morando no Brasil. (GaelfieS, estudante de Saúde Coletiva).

Já a estudante de Saúde Coletiva, GaelfieS, sintetiza a sensação do acolhimento durante a 7ª edição da Semana da África, na frase acima, com o retorno ao continente, mesmo estando no Brasil. Esta ambiência da África em sua diversidade esteve presente nas formas em que o tema do ano - *Cosmovisões Africanas: Formas de ver e interpretar o mundo a partir da África*, foi construído e apresentado. Envolveu africanos acadêmicos e não acadêmicos em mesas temáticas, apresentação de trabalhos, diálogo com estudantes e professores de educação básica, oficinas com empreendedores africanos na área de estética, vestuário, culinária, dança... Os africanos foram protagonistas no evento, visíveis enquanto intelectuais, ativistas, artistas, empreendedores e pesquisadores. Ao término do evento, os diferentes ritmos africanos convocaram os africanos ao palco. A música ancestral impedia que o africano não atendesse o chamado do tambor. GaelfieS foi uma das primeiras a atender o seu chamado, acolhida por esta África viva que animou uma semana de atividades na UFRGS.

O sentido da hospitalidade é deixar aquele que chega sentir-se a vontade, em casa. A Semana da África, ano a ano, reconfigura-se. Novo tema, formato, convidados, ampliação dos países representados são alguns dos elementos que redimensionam o acolhimento ofertado no interior da ação, que inicia muito antes de maio. Comunidade como luz-guia (SOMÉ, 2003) que permite que compartilhem o que somos e temos com a ampla diversidade dos sujeitos que vem para Semana. Já não mais passar o dia no Brasil e a noite no Senegal, nos dizeres de Mamadou Sene.⁴¹ No aniversário de sete anos do evento é possível sentir-se em África mesmo no Brasil, segundo Gaelfie.

A escolha do DEDS por Evânia como seu lugar na UFRGS nos permitiu uma maior aproximação com a estudante. Evânia vivenciou desde então várias outras experiências extensionistas, apresentou trabalho sobre África em eventos acadêmicos, atuou como bolsista no Salão UFRGS. Vive hoje a universidade de uma forma muito mais intensa. (RitaS – Mestranda em Educação).

Encontro consigo e com o curso

Por Dentro da UFRGS, cujo objetivo principal visa incidir especificamente no acesso ao Ensino Superior, através de divulgação e discussão sobre formas de acesso para estudantes de escola pública e oferta de um espaço preparatório para o CV e ENEM, revelou uma face ainda não planejada no processo de execução da ação extensionista, colocando em destaque o potencial da ação para a permanência dos próprios bolsistas do programa na

⁴¹ Referência à fala do Chef Mamadou Abdoul Sène em matéria da Revista da África (v. 3, n. 1, maio de 2016).

universidade. O sentido da permanência nesse caso não se encerra em constância, mas em viver e conviver nesse espaço sentindo-se efetivamente parte dele.

As falas seguintes expressam de forma mais precisa o quanto que a experiência como estudante extensionista, o processo de capacitação para atuar como bolsista e a relação extramuros foi vital para que o estudante constituísse laços com a instituição, saísse da condição de *outsider within* para sentir-se efetivamente de dentro.

Entrar pro Por Dentro e fazer umas visitas, que é onde eu estou mais focada, é uma coisa que eu falo, é como tu abrir os teus horizontes pro mundo externo [...] Agora que eu estou aqui eu fico pensando **que se lá no meu ensino médio se eu tivesse tido essa visita, eu podia ter ingressado na UFRGS muito antes né!**⁴²

[...] entrei pro Por Dentro e acabei sabendo um pouco mais sobre as cotas, ações afirmativas. **Eu entrei utilizando as cotas, mas eu não sabia direito o que eram as cotas, o porquê das cotas**, digamos assim. Então quando eu entrei eu consegui ter essa noção, **consegui ter esse entendimento e aí foi que me, é que tá me fazendo ter certeza que eu tenho que continuar no curso**. (ThamiresS, estudante de Engenharia Mecânica).

Durante a luta pró-cotas e mesmo depois de assumida a política na UFRGS, a efervescência da discussão sobre o mérito de entrar na universidade pública foi uma constante, inclusive pelo público específico para quem as cotas foram reservadas, especificamente os negros. Era preciso ampliar a discussão e trazer elementos históricos que facilitassem a parte deles, a compreensão de que falar em cotas é falar em reparação histórica. Assim, a proposta de ações como o PDU surge com esse compromisso, o de colaborar para o entendimento da justiça das cotas e para estimular o sujeito de direito a essa medida reparatória a ocupar o seu lugar. Trata-se já de acolher, mesmo antes de ver chegar. Processo que deve se estender, em forma e diversidade de ações a fim de que os que entram pela Cota, muitas ThamiresS, finalizem seus cursos. (RitaS, mestrandia em Educação).

Engenharia Mecânica era uma coisa que eu queria desde sempre, mas nunca me vi fazendo na UFRGS. Eu soube que a Engenharia não era um curso fácil e é um curso bem elitizado, na sua maioria por homens brancos. Então quando eu entrei na aula, que era específica de Engenharia Mecânica, eram sessenta alunos, cinco mulheres e uma negra que era eu e mais um ou dois colegas negros que tinha. É um desafio diário, eu me questiono bastante em relação ao curso, é um desafio estar se reafirmando ali no curso né. (ThamiresS, estudante de Engenharia Mecânica).

Esse depoimento de ThamiresS revela a percepção das muitas formas de opressão. Ela, enquanto mulher negra cursando Engenharia, encarna classe, raça e gênero como conceitos que lhe exigem afirmar-se todo o dia. Nesse sentido, o PDU surge como um espaço de compartilhamento de experiência e de formação para responder às situações de exclusão, funcionando como uma comunidade de aprendizagem que aborda questões diferentes das que constam no currículo da engenharia (relacionadas à diversidade racial, de classe, de gênero, entre outras). Desse modo auxilia para que a universidade e a sala de aula não sejam

⁴² Grifo da autora.

percebidas pela estudante como “Um lugar de castigo e reclusão e não de promessa e possibilidade” (HOOKS, 2013, p. 8).

Eu comecei como eu falei em 2015/1, fiz o primeiro semestre e foi bem complicado assim. Tive problemas com o curso em função da minha vida, quando eu entrei a história da igreja e as funções da igreja e foi um impacto bem grande pra mim, epistemológico mesmo né, [...] fiquei no Rio por um tempo, até que eu pensei em voltar para História, aí voltei em 2016, no segundo semestre, e mesmo assim voltei pro curso, mas ainda pensando se continuava ou não continuava. Foi um semestre bem ruim porque eu fiz quatro cadeiras e passei numa só, então o meu ordenamento foi lá embaixo [...] eu tava fazendo na época seis cadeiras, eu fiquei com seis FF, aí quando eu voltei também mais reprovações e aí entrei em controle de desempenho e limitações de créditos né. Aí foi quando eu conheci o DEDS. [...] a partir daqui começar a discutir uma história, mas discutir uma história que é próxima, é a história do movimento negro, por exemplo, como foi até a implantação das cotas e aí então eu encontrei uma história que me interessava né, a história do negro no Brasil e aí a partir dali que eu comecei a me identificar mais com o curso. Naquele semestre eu comecei a passar em todas as disciplinas, no outro semestre já foi o semestre que eu mais fiz cadeiras porque eu pensava em recuperar esse tempo perdido nesse semestre que eu reprovei, o semestre que eu parei. Fiz sete cadeiras e aprovei com (A) em todas, então a bolsa pra mim, essa participação no programa representou primeiro meu encontro real com o curso e segundo, comigo mesmo dentro da universidade porque eu tava aqui dentro mas eu não me sentia aqui dentro da UFRGS. Esse foi e acredito que é também um dos objetivos do programa, não é só levar a UFRGS pra fora como também a gente aqui dentro se sentir mais dentro da UFRGS, porque pra nós, que veio de periferia, que veio de escola pública, a UFRGS é um espaço tóxico né e aqui a gente consegue se encontrar e fazer amizades... (PatrickS, estudante de história)

O PDU, desde o processo seletivo de bolsistas, trouxe muitos ensinamentos e desafios para a coordenação e para a Universidade. No conjunto de estudantes que se candidataram à vaga, alguns apresentavam baixo rendimento, o que, a princípio, lhes dificulta o acesso a bolsas. Os formulários de inscrição traziam informações sucintas sobre as trajetórias de vida. Portanto, decidimos complementar o processo seletivo com uma etapa de conversas individuais com aqueles que estavam nessa condição, momento em que percebemos estarem alguns no limite da evasão, por motivos similares ao relatado no depoimento de PatrickS. Enfim, fizemos três entrevistas individuais. A segunda apresentou o caso de um pai, trabalhador, com 50 anos, que concluiu o ensino fundamental e o ensino médio no EJA, e ingressou na UFRGS num intervalo de dois anos. Percurso admirável! Merecia uma atenção especial. As dificuldades de acompanhar a seriação do curso de Ciências Contábeis e o desconhecimento das possibilidades de permanência na UFRGS lhe colocaram na condição de ter um pé dentro e um fora da academia. A terceira entrevistada destacava um ponto de fragilidade numa das disciplinas básicas do curso em função da educação precária recebida na educação básica. Entendemos a lição: Não há acolhimento sem conversa, sem olhar e ser olhado pelo outro e sentir-se tocado pela experiência dele. Selecionamos para bolsistas os três estudantes. (RitaS, mestrandia em Educação).

A experiência relatada por PatrickS permite observar o cruzamento de elementos das concepções de acolhimento constantes em todos os autores referência do conceito nesse trabalho. Do compromisso ético de Derrida, do abraço da comunidade de Somé, do acolhimento diálogo de Teixeira à construção do comum de Romanini, Guareschi e Roso.

Esses elementos foram concretizados na construção de uma rede de apoio pedagógico entre os próprios bolsistas para superação de dificuldades pontuais em seus cursos, na busca para uma alternativa diante do desligamento iminente, o que promoveu a transferência interna e a manutenção do estudante em curso que ele vem acompanhando com mais facilidade, sentindo-se mais confiante e capaz. A continuidade do compartilhamento de experiências, as construções coletivas das atividades enquanto bolsistas, a participação em eventos acadêmicos com apresentação de trabalhos e a possibilidade de conhecer outras experiências similares às do Por Dentro em outras instituições foram também cruciais no apoio à permanência desses estudantes na universidade.

[...] se eles não se veem ainda enquanto estudantes de escola pública dentro da universidade, eles passam a se ver só pelo fato da gente tá lá né e falar “Eu sou estudante de escola pública, eu sou morador de periferia, eu sou negro e eu tô na UFRGS hoje e faço curso tal”. (PatrickS, estudante de História).

Essa última fala de PatrickS nos diz da importância de ter e ser espelho. Representatividade importa sim e muito!

Que ginga é essa?

O Edital de Iniciação Científica do NEAB foi a abertura para esta ginga diferente afirmada por Duan Kissonde, estudante de História: “os saberes negros têm uma ginga diferente.” Foi também um espaço de acolhimento específico a temáticas negras e indígenas, no âmbito da iniciação científica.

Assim como outras construções extensionistas relatadas nessa dissertação, vem em resposta a uma provocação estudantil. A condução da atividade que colocava em interação ensino, extensão e pesquisa, contou com negros intelectuais, de dentro e de fora da UFRGS, e com intelectuais não negros da universidade para proporcionar orientação teórica, conceitual e metodológica durante um semestre aos alunos que se candidataram ao Edital. Assim os estudantes tiveram a oportunidade de aprofundar seus estudos, podendo esses projetos formatados desde a iniciação inspirar trabalhos de conclusão de curso na graduação ou até mesmo transformarem-se em projetos para dissertação de mestrado.

Como o foco específico dessa pesquisa está direcionada aos estudantes negros, a análise do impacto da experiência se dará, nesse momento, a partir de depoimentos de dois estudantes⁴³ egressos do primeiro Edital de Iniciação Científica do NEAB.

Eu acho que esse projeto ele vem muito também no sentido de [...] tá reforçando uma certa, digamos assim, virada epistêmica. Da gente também tá pensando a produção de conhecimento não só a partir de autores clássicos, europeus, brancos, homens, toda aquela questão que a gente já vem tensionando há um tempo. O que é o conhecimento legítimo, que é o conhecimento válido que a universidade reconhece e que os professores também acabam reforçando muitas vezes. Esse projeto, ele vem também no sentido da gente poder ter essa liberdade de estar trazendo outras referências, referências negras, referências de negros não só aqui do Brasil, mas de autores africanos, de autores negros norte-americanos que tem uma produção qualitativa, enfim de muita qualidade.⁴⁴ (MarianaS, mestranda de Psicologia Social e Institucional).

Foi muito importante pra mim entrar no terceiro semestre já no (Edital do NEAB) de iniciação científica, pra ti já saber, né... por causa que a gente tá muito atrás. Em várias coisas. [...] Parece que é o projeto do sistema, tu pode entrar, mas agora quero ver tu sair. (DuanS, estudante de História).

Os depoimentos apontam a desvantagem dos estudantes negros que chegam na academia tanto do ponto de vista da formação básica e capital cultural que carregam na bagagem ao acessar os bancos universitários, quanto pelo referencial teórico dos currículos dos cursos, onde não se veem representados. Desse modo, MarianaS e DuanS acordam na importância da participação de estudantes negros nessa iniciação científica ainda no início da graduação, já que ela vem envolta no desejo de acolher as vivências, experiências, temas de interesse do estudante no âmbito das temáticas negras e indígenas.

O que me encorajou foi essa união, de ver também os professores. [...] Daí tu olha assim tá, tu vê todas as referências [negras] e cada um deles ali é excelente naquilo que faz, na sua área. Daí tu tem aquela coisa do espelho também, né. (Duan Kissonde, estudante de História).

Teve um dia que eu vi a banca de doutorado da Fernanda Oliveira, eu fui lá e vi a apresentação dela, aquela coisa assim, e aquele dia ela saiu de lá doutora. E eu pensei assim, eu quero isso daí pra minha vida. E tipo, uma negra, né. [...] Tá tudo ligado com a experiência de Iniciação Científica. [...] Daí eu comecei a repensar a minha própria atuação aqui dentro. Como que é importante, realmente, né. Eu moro na Lomba do Pinheiro, em dez minutos dali tu tá no Campus do Vale. Todo mundo onde eu moro sabe que eu tô indo pra faculdade. Às vezes eu to voltando, dez e meia, onze horas da noite, e os caras perguntam quando que eu vou terminar a faculdade. Sabe, pô, sou um exemplo. O cara não pode jogar tudo pro alto, tem que saber jogar dos mecanismos. Tem uma sabedoria africana que diz que tem portas que só se abrem pelo lado de dentro, então a gente tá aqui dentro, precisa dominar os códigos porque não tá dada a coisa pra nós. (DuanS, estudante de História).

⁴³ Os depoimentos dos dois estudantes foram transcritos de entrevista no programa Estação Cidadania, respectivamente nos dias 09 e 16 de maio de 2019. O programa integra a programação da Rádio da Universidade.

Interessante notar na fala de DuanS a questão da referência, expressa no processo de entrevista com os estudantes por muitos deles. Nem sempre por palavras, mas pelo olhar de surpresa, pelo tremor das mãos, pela verbalização de que o nervosismo era de estar diante das poucas referências negras da UFRGS, para um início de orientação que não pensavam possível até então. A fala já implica um desdobramento que é o de projetar para si o mesmo futuro daqueles docentes negros que causam admiração e que passaram processo similar de dificuldade na vida acadêmica. Utilizando a palavra de DuanS em outro trecho dessa mesma entrevista, esses professores negros foram mais que professores. Foram propulsores, estimulando os alunos a continuar seus estudos para além da graduação.

Quanta gente nos antecedeu, quanta gente lutou antes da gente tá aqui dentro dessa universidade e enfrentou discursos e ações extremamente racistas pra que a gente pudesse estar aqui hoje [...] eu acho que a gente tem que cada vez mais estar ocupando esse lugar, não só ocupando esse lugar, mas tencionando esse lugar, resistindo aqui dentro e lá fora. Porque é isso, a gente não tem a opção de não resistir, não existe essa opção de não tá se colocando nessa resistência até porque o nosso corpo fala muito disso também, né. Não só o que a gente diz, mas o que a gente é. Não tem como a gente escolher não ser resistência, a gente é resistência desde que chegamos aqui, né. (MarianaS, mestranda em Psicologia Social e Institucional).

Essa iniciativa de acolhimento através do Edital de Iniciação Científica do NEAB em 2017, reeditada em 2019, tem apresentado resultados interessantes. A mostra de trabalhos que finalizou o primeiro Edital (2017) é um retrato que diz da escrevivência negra em andamento na universidade. A relação de trabalhos apresentados na ocasião destaca a variedade de temas abordados pelos estudantes, alguns deles embriões de TCCs ou projetos de mestrado.

- Descolonizando o papel da mulher negra no romance histórico “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves;
- Buscando proximidades e distanciamentos no feminismo negro brasileiro e norte-americano: uma introdução;
- Mulheres quilombolas do Cerro da Timbaúva: protagonismos, trajetórias de vida e resistência;
- O movimento de mulheres negras gaúchas na cidade de Porto Alegre na década de 1980;
- Historicidade dos candomblés de origem bantu no Brasil no século XX;

- A cosmopolítica da nação de Cabinda e a doutrina kardecista: a incompatibilidade das explicações espíritas;
- Religiosidade afro-brasileira, oferenda e “natureza”: um olhar a partir da Festa de Iemanjá no Rio Grande do Sul;
- Cartografia dos saberes e práticas populares em saúde da população negra no município de Porto Alegre, RS;
- Práticas de cuidados com os corpos;
- Análise do poder: estratégias de existência e resistência de homens negros LGBTs jovens na perspectiva interseccional;
- Alternativas Epistemológicas: reflexões sobre interseccionalidade e universalidade humana;
- Como me vejo? – oficina reflexiva na prática da educação antirracista;
- O quanto de racial há no discurso da diversidade;
- 3º Congresso de Cultura Negra das Américas, SP, 1982: o pan-africanismo como possibilidade de luta do negro brasileiro;
- Caso Ronaldo – uma análise do conflito urbano na favela;
- O homicídio de jovens negros e as resistências negras da ‘Guerra Não Declarada’ em Porto Alegre; e
- Senegaleses: comércio informal, religiosidade e cultura nas ruas de Porto Alegre.

As análises observadas nas falas dos estudantes falam do quanto as ações do DEDS, entendidas como ações de acolhimento em várias dimensões, têm tido um impacto significativo na permanência e finalização dos cursos pelos estudantes negros. Embora significativas para alguns, insuficientes para abarcar o contingente de estudantes negros. No entanto, as experiências vivenciadas apontam para a possibilidade de que uma política de acolhimento assumida pelo centro da instituição e compartilhada em sua execução pelos diversos setores pode ser de grande impacto na inclusão plena do estudante negro na universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acato as histórias que me contam. Do meu ouvir, deixo só a gratidão e evito instalação de qualquer suspeita. Assim caminho por entre vozes. Muitas vezes ouço falas de quem não vejo nem o corpo. Nada me surpreende do invisível que colho. Sei que a vida não pode ser vista só a olho nu. De muitas histórias já sei, pois vieram das entranhas do meu povo.

Conceição Evaristo

O percurso cartográfico e escreviente dessa dissertação trouxe como objetivo primeiro investigar a ocorrência do acolhimento na universidade, buscando entender a concepção do termo nesse contexto, analisando de que forma são compreendidas pelos estudantes negros e como se articulam com a concretude de sua escrevivência nesse ambiente.

O trabalho parte do pressuposto de que o acolhimento, num sentido múltiplo e profundo, é uma questão central no processo de permanência e diplomação do estudante. Assim sendo, deve responder a interrogações, questões, necessidades específicas dos distintos grupos que compõem a coletividade discente da academia.

Essa pesquisa concentrou-se especificamente no acolhimento ao estudante negro e na sua escrevivência na universidade. Trata-se a escrevivência, conceito cunhado pela escritora mineira Conceição Evaristo, da inscrição de um sujeito ou grupo em determinado espaço. Nesse processo de escrever (escrever, viver e ver), ficam impressas as marcas identitárias daquele que escreve, sejam elas raciais, sociais, de gênero.

No caso da UFRGS não há uma política específica de acolhimento, portanto ações de acolhimento acontecem com sentidos variados, em diferentes espaços e tempos. Podemos dizer que acontecem das margens para o centro. Desse modo, o exercício cartográfico dessa dissertação não teve a pretensão de esgotar essa questão, apenas iniciar uma análise e traçar algumas considerações sobre as compreensões de acolhimento encontradas.

Além de debruçar-se sobre o acolhimento, o trabalho tentou demonstrar como a escrevivência do negro vem se desenvolvendo, impulsionada pelo próprio ato de acolher.

A seguir, uma síntese de concepções anunciadas nos relatórios públicos da Coordenadoria de Ações Afirmativas, projetos Bixos Negrxs e Ações do DEDS/NEAB.

Quadro 6 – Síntese da relação entre concepções de acolhimento e a escrevivência

	Relatórios CAF	Bixos Negrxs	DEDS/NEAB
Acolher como...	<ul style="list-style-type: none"> • Formalidade • Recepção • Informação é a palavra chave 	<ul style="list-style-type: none"> • Compartilhamento de experiência • Constituição de comunidade • Caráter afetivo e político, visando o empoderamento do grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Rede de Conversações • Perspectiva epistemológica e cultural • Espaço para vivências e experiências distintas
Relação	<ul style="list-style-type: none"> • Dono da casa/hóspede/estrangeiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Todos de dentro 	<ul style="list-style-type: none"> • Todos de dentro
Escrevivência	<ul style="list-style-type: none"> • Não 	<ul style="list-style-type: none"> • Sim, faz parte do processo de acolhimento • Representatividade é palavra-chave 	<ul style="list-style-type: none"> • Sim, em decorrência do acolhimento • Produção de conhecimento é termo-chave
Interface com os autores referência	<ul style="list-style-type: none"> • Jaques Derrida - acolhimento como compromisso ético, relacionado com a noção de justiça • Romanini, Guareschi e Roso – abertura ao outro e acolhimento à multiplicidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Somé – conexão indivíduo – comunidade, comunidade enquanto luz guia 	<ul style="list-style-type: none"> • Somé – conexão indivíduo comunidade • Teixeira – acolhimento-diálogo, necessidade de incluir a voz do outro • Romanini, Guareschi e Roso – construção do comum

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Cabe salientar que as ações de acolhimento analisadas nos relatórios elaborados pela CAF, no intervalo entre os anos de 2012 e 2018, não são exclusivamente concebidas nem executadas pela Coordenadoria. Na maior parte das vezes são resultados de articulação entre diferentes Pró-Reitorias Acadêmicas.

Em Bixos Negrxs temos uma pequena mostra de como os coletivos estudantis negros tem atuado tal qual educadores, na perspectiva de Nilma Gomes, e promotores de mudanças significativas no sentido de tornar visível o negro na academia. Assumem para si, enquanto comunidade, a responsabilidade de abraçar seus pares, colaborando “Para que todos alcancem seus objetivos e dividam seus dons” (SOMÉ, 2003), incorporando-os à universidade.

DEDS e NEAB, cujas ações são realizadas por intelectuais negros e não negros, bem como por negros intelectuais, apresentam o acolher nas dimensões epistemológica, metodológica, conceitual, vivencial, entre outras. A distinção entre intelectuais negros e negros intelectuais baseia-se em Santos (2007, p. 3) quando ele caracteriza esse último como “Intelectuais de origem ou ascendência negra que sofreram ou sofrem influência direta ou indireta dos Movimentos Sociais Negros, adquirindo ou incorporando desse uma ética da convicção antirracismo”. Esses sujeitos inseridos nas ações propostas, desde sua concepção, funcionam como propulsores do aumento da produção intelectual dos estudantes negros, por muitas vezes diretamente relacionada a temas centrais na vida da comunidade negra.

Para destacar algumas informações relevantes, voltamos ao Edital de Iniciação Científica de 2017. Dos trinta estudantes acolhidos no Edital, dezoito finalizaram o processo, apresentando seus trabalhos na Mostra de Iniciação do mesmo edital. Entre os dezoito, dezessete eram alunos de graduação e uma de mestrado.

Dentre esses dezoito, atualizando as informações [dados de 2019], temos: duas mestres, três mestrandos, dois diplomados e dez estudantes com vínculo ativo, entre eles, duas estudantes numa experiência intercambista. Das dissertações já defendidas e dos projetos de pesquisa em andamento, três abordam temáticas negras, relacionadas direta ou indiretamente aos embriões apresentados no Edital. Esses dados nos fazem crer que a experiência vivida na iniciação científica do NEAB tem sido relevante nas trajetórias dos estudantes e que os resultados delas compõem a escrevivência do negro na UFRGS.

Das demais ações articuladas pelo DEDS/NEAB, inseridas nessa pesquisa, podemos afirmar que também estimulam a permanência do estudante. No escopo de estudantes bolsistas do Por Dentro da UFRGS ainda nenhum diplomado, nenhum evadido, algumas transferências internas, o que tem sido prática comum no universo dos cotistas, conforme nos diz o Relatório 2018 da CAF. Os depoimentos dos bolsistas que constam nesse trabalho apontam a importância de fazer parte do projeto para conhecimento da estrutura, normas e funcionamento institucional, e para a melhoria do rendimento acadêmico ao encontrar-se consigo mesmo na universidade.

Essas e outras reflexões possíveis me fazem reafirmar o acolhimento como fundamental no processo de atingir plenamente os objetivos das Ações Afirmativas no Ensino Superior. Acolhimento ainda não visto na potencialidade que ele tem na UFRGS, particularmente em se tratando dos estudantes negros, para transformar a universidade. A escrevivência do negro, em curso nesse momento, é parte desse processo de construção de uma universidade diferente.

Gostaria de destacar que, apesar dos limites da cartografia e escrevivência demarcados nesse trabalho, há muito sendo realizado nesse espaço enquanto ação escreviente. As ações inseridas no Novembro Negro,⁴⁵ particularmente nesses últimos três anos, são parte desse cenário. Na agenda formal desse projeto constam, em 2019, mais de 60 atividades, em todos os *campi* universitários, apontando para o que falta nos currículos e para o que sobra no conhecimento dos corpos negros que aqui estão.

Considerando o que de escrevivência há nessa agenda, destaco o Seminário Práxis Negra: Intelectualidade e Resistência, o I Seminário Discente de Negros da Pós Graduação,⁴⁶ espaço de divulgação, discussão e circulação da produção científica de pesquisadores negros e negras. Tal seminário tem seu gérmen na reserva de vagas para negros nos programas de pós-graduação, ou seja, no acolhimento ao estudante negro também na PG, e se constitui enquanto ato político para aproximar a intelectualidade negra de diferentes áreas do conhecimento científico.

Em perspectiva semelhante destaco ainda mais duas organizações realizadas pelos estudantes de graduação: a 1º Semana de Estudos Africanos e Afro-brasileiros organizada pelos Centros de Estudantes de Letras da UFRGS – CEL, cujo tema foi "O protagonismo negro na universidade: construções acerca do tripé universitário", a partir de dois eixos temáticos principais: "Autoria negra na universidade: quem são e onde estão?" e "Educação das relações étnico-raciais: contribuições para uma educação antirracista". Mais uma vez há uma escrita e uma inscrição do negro no curso e na universidade. A segunda é nomeada Atos Negros: Formas de Resistência e Saúde. A atividade foi organizada na articulação entre o Coletivo Corpo Negra, do Curso de Dança da ESEFID, junto de outros coletivos e alunos negros, com o objetivo de promover um espaço de reflexões e debates acerca da subjetividade da comunidade negra interna e externa da universidade, fortalecendo vínculos e criando estratégias de permanência.

Estes destaques são apenas para pontuar que as ações de acolhimento e escrevivência consequentes ao ingresso de estudantes negros na universidade compõem um universo a cada dia mais amplo, respondendo as questões que afloram do corpo, rosto, mente dos sujeitos negros. É vital para o sucesso da política de Ações Afirmativas ouvi-los, olhá-los, acolhê-los incondicionalmente, enquanto comunidade universitária plural.

⁴⁵ A programação do Novembro Negro está disponível em <https://www.ufrgs.br/novembronegro/>.

⁴⁶ O seminário, um ato político que soma com as lutas históricas do Movimento Negro por uma efetiva mudança social e engloba resistência, enfrentamento e combate às diversas formas de racismo que alimentam o genocídio da população negra e da sua juventude. E, de forma particular é um enfrentamento à segregação dos/as negros/as nos espaços sociais e na produção acadêmica, que resulta em obstáculos ao desenvolvimento, protagonismo, empoderamento e participação de negros/as em instâncias decisórias.

Lembremos Cuti!

Gota Do Que Não Se Esgota

cota é só a gota
a derramar o copo
não a mágoa do corpo
mas energia represada
que agora se permite e voa
em secular esforço
de superar-se coisa e se fazer pessoa

cota é só a gota
apenas nota de longa pauta
a ser tocada
com o fino arco
em mãos calosas

cota é só a gota
a explodir o espanto
de se enxugar no riso
a imensidão do pranto

ela é só a gota
ruindo pela base
a torre de narciso

é só a gota
entusiasmo na rota
afirmativa
que ameniza as dores da saga

suas chagas de desigualdade amarga

cota é só a gota
meta de quem pagou e paga
desmedido preço de viver imposto
e agora exige
seu direito a voto
na partição do bolo

é só a gota
de um mar de dívidas
contraídas
pelos que sempre tornaram gorda a sua
cota

cota é só a gota afrouxando botas
de um exército
para o exercício da equidade

cota não reforça derrota
equilibra
entre ponto de partida
e ponto de chegada
a vitória coletiva
reinventada.
(*Negroesia*, 2010).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANJOS, José Carlos Gomes dos; CAMISOLÃO, Rita de Cássia. Rediscutindo reserva de vagas nas universidades: para quem? Para que? Como? **DEDS em Revista**, v. 1, n. 2, p. 34-41, 2017. Disponível em: https://issuu.com/deds-ufrgs/docs/revista_deds_2017. Acesso em: 16 ago. 2019.

BELLO, Luciane. **Política de ações afirmativas na UFRGS: o processo de resiliência na trajetória de vida de estudantes cotistas negros com bom desempenho acadêmico**. 2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/35089>. Acesso em: 5 set. 2019.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; KURROSCHI, Andreia Rosa da Silva. Estudantes indígenas na Ensino Superior: o Programa de Acesso e Permanência na UFRGS. **Políticas Educativas**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 1-20, 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Poled/article/viewFile/45654/28834>. Acesso em: 24 jun. 2018.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. 2014. 209 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/115710>. Acesso em: 20 set. 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 20 set. 2019.

CARVALHO, José Jorge de. **Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior**. São Paulo: Attar Editorial, 2005.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do feminismo negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 16 ago. 2019.

CRI. **Articulação para o combate ao racismo institucional: identificação e abordagem do racismo institucional**. Brasília, DF: CRI, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DERRIDA, Jacques. A palavra acolhimento. *In*: DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. **Anne Dufourmantelle convida Jaques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DOEBBER, Michele Barcelos. Processos de in/exclusão na Universidade: um olhar sobre a pesquisa acadêmica e a questão étnico-racial. *In*: REUNIÃO DA ANPED, 33., 2015, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: ANPED, 2010. Caxambu: 2010.15 p.

DOEBBER, Michele Barcelos. **Reconhecer-se diferente é a condição de entrada**: tornar-se igual é a estratégia de permanência: das práticas institucionais à constituição de estudantes cotistas negros na UFRGS. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/37379>. Acesso em 18 ago. 2019.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Sílvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ESTAÇÃO CIDADANIA. Porto Alegre: UFRGS: 2 maio 2019. Rádio.

ESTAÇÃO CIDADANIA. Porto Alegre: UFRGS, 9 maio 2019. Rádio.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Rio de Janeiro: Nossa Escrivência, 2005. Disponível em: <http://nossaescrevencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 30 set. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FARIAS, Jordão. **Representatividade negra como meio de auto afirmação: usos e sentidos**. [S.l.]: Medium, 2018. Disponível em: <http://medium.com/@fariasjordao>. Acesso em: 20 set. 2019.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Cotas na UFRGS**: amplia o debate junto ao Movimento Negro. Brasília, DF: FCP, 2007. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=2079>. Acesso em: 20 ago. 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GRISA, Gregório Durlo. **Ações afirmativas na UFRGS**: racismo, excelência acadêmica e cultura do reconhecimento. 2015. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/115959>. Acesso em: 18 ago. 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2000.

LIMA, Ari. A chegada dos negros às universidades públicas: revezes da raça e novos desafios. *In*: COSTA, Hilton; PINHEL, André; SILVEIRA, Marcos Silva da. **Uma década de políticas afirmativas**: panorama, argumentos e resultados. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2012.

LÓPEZ, Laura Cecília. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. **Interface**: Comunicação, Saúde e Educação, v. 16, n. 40, p. 121-134, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v16n40/aop0412.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

MENESES, Ramiro Délio Borges. **Da Hospitalidade em Derrida ao acolhimento em saúde**. 2012. 311 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia de Braga, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10282/3/Derrida%20-%20a%20hospitalidade.pdf>. Acesso em: 16 set. 2019.

NABARRO, Edilson Amaral. **Análise do acesso à educação para a promoção do desenvolvimento humano e a redução das desigualdades raciais**: o papel do estado e a política de cotas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017. 96 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/172441>. Acesso em: 20 set. 2019.

OGLIARI, Elder. **UFRGS adia decisão sobre formato do sistema de cotas**. Porto Alegre: ADUFRGS Sindical, 2007. Disponível em: <https://adufrgs.org.br/noticias/ufrgs-adia-decisao-sobre-formato-do-sistema-de-cotas/>. Acesso em: 30 set. 2019.

OLIVEIRA, Eduardo Davi de; TASAT, Jose Alejandro; VILCA, Mario. Negros, Índios, Urbanos y Dioses. *In*: JORNADAS O PENSAMENTO DE RODOLFO KUSCH, 8., 2019, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornadaskusch2019/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. "Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

PAESE, Celma. Cartografar e acolher. *In*: ROCHA, Eduardo; NORONHA, Márcio. **Querências de Derrida**: moradas da arquitetura e filosofia. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

PALANCA, Diana de Vallescar. **Hacia una racionalidad intercultural**: cultura, multiculturalismo e interculturalidad. 2000. 454 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Facultad de Filosofia, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2000. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/4134/>. Acesso em: 20 set. 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p.109-131.

PROLO, Felipe. **Possibilidades e oportunidades de atuação política**: estudo sobre a formação do grupo de trabalho de ações afirmativas no processo de reivindicação por cotas no ingresso da UFRGS. 2011. 128 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/39523>. Acesso em: 18 ago. 2019.

ROMANINI, Moises; GUARESCHI, Pedrinho Arcides; ROSO, Adriane. O conceito de acolhimento em ato: reflexões a partir dos encontros com usuários e profissionais da rede. **Saúde Debate**, v. 41, n. 113, p. 486-499, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v41n113/0103-1104-sdeb-41-113-0486.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A Universidade no sec. XXI**: por uma universidade nova. Coimbra: Almedina, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e para uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, out. 2002. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1285>. Acesso em: 18 set. 2019.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Movimentos negros, educação e ações afirmativas**. 2007. 554 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1973/1/Tese%20Sales%20versao%20final%203.pdf> f. Acesso em: 20 set. 2019.

SÈNE, Mamadou Abdoul. A paixão pela gastronomia e a vinda ao Brasil. **Revista Semana da África na UFRGS**, v. 3, n. 1, p. 112-118, maio 2016. Disponível em: https://issuu.com/deds-ufrgs/docs/revista_semana_da_frica_na_ufrgs_/3. Acesso em: 20 ago. 2019.

SILVA, Luiz (Cutí). **Negroesia**. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2003.

SOUZA, Eliane Almeida de. **Dez anos de cotas na UFRGS**: um estudo das ações afirmativas na perspectiva do acesso, permanência e empoderamento dos alunos negros diplomados. 2017. 261 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169243>. Acesso em: 18 ago. 2019.

SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico**: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre: EST/Vozes, 1984.

TANIKADO, Grace Vali Freitag. **Ações afirmativas na UFRGS**: um percurso cartográfico. 2015. 125 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141530/000993027.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 ago. 2019.

TEIXEIRA, Ricardo. O acolhimento num serviço de saúde entendido como uma rede de conversações. *In*: PINHEIRO, Roseni; CAMARGO JUNIOR, Ruben Mattos Kenneth (org.). **Construção da integralidade**: cotidiano, saberes e práticas de saúde. Rio de Janeiro: Editora da UERJ/IMS/ABRASCO, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas. **Relatório do acompanhamento quantitativo do ingresso de estudantes no âmbito da política de reserva de vagas da UFRGS no período de 2008-2012**. Porto Alegre: UFRGS/CAF, [2013]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acoesaafirmativas/2019/01/07/relatorio-2012/>. Acesso em: 1 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas. **Análise do desempenho dos estudantes no âmbito da política de reserva de vagas da UFRGS**. Porto Alegre: UFRGS/CAF, 2012a. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acoesaafirmativas/2019/01/07/relatorio-2012/>. Acesso em: 1 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas. **Relatório comissão de acompanhamento dos alunos do programa de Ações Afirmativas 2008-2012**. Porto Alegre: UFRGS/CAF, 2012b. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acoesaafirmativas/2019/01/07/relatorio-2012/>. Acesso em: 1 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas. **Relatório anual do programa de Ações Afirmativas 2013/2014**. Porto Alegre: UFRGS/CAF, [2014]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acoesaafirmativas/2019/01/07/relatorio-2013-2014/>. Acesso em: 1 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas. **Relatório bianual do programa de Ações Afirmativas**: permanência e desempenho discente 2013-2015. Porto Alegre:

UFRGS/CAF, 2015. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/2019/01/07/relatorio-2015/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas. **Relatório Anual do Programa de Ações Afirmativas**: dezembro 2016. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/2019/01/07/relatorio-2016/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas. **Relatório – 2017**: análise qualitativa no acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas. Porto Alegre: UFRGS/CAF, 2018a. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/2019/07/08/595/>. Acesso em: 5 nov. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativa. **Relatório – 2018**: análise quantitativa do acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas. Porto Alegre: UFRGS/CAF, 2018b. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/2019/07/08/relatorio-caf-2018/>. Acesso em: 5 nov. 2019.